



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

UELITON LEMOS DOS SANTOS

TERRITÓRIO, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL: A COMPLEXIDADE DO ENGENHO VELHO DA
FEDERAÇÃO – SALVADOR - BA

Salvador

2011

UELITON LEMOS DOS SANTOS

**TERRITÓRIO, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL: A COMPLEXIDADE DO ENGENHO VELHO DA
FEDERAÇÃO – SALVADOR - BA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Profº Dr. Pedro de Almeida
Vasconcelos.

Salvador
2011

UCSal. Sistema de Bibliotecas

S237 Santos, Ueliton Lemos dos.
Território, identidade e desenvolvimento social: a complexidade do Engenho Velho da Federação – Salvador – BA/ Ueliton Lemos dos Santos. – Salvador, 2011.
123 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.
Orientação: Prof. Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos.

1. Território 2. Identidade 3. Desenvolvimento Social 4. Multi-Inter-Transdisciplinaridade 5. Engenho Velho da Federação - Bairro - Salvador - BA I. Título.

CDU711:316.42(813.8)



Universidade Católica do Salvador

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação

Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social

Homologado pelo CNE (Portaria Nº 3.116, 09/09/2005)

TERMO DE APROVAÇÃO

UELITON LEMOS DOS SANTOS

**Território, identidade e desenvolvimento social: a complexidade do Engenho
Velho da Federação – Salvador-Ba.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.

Salvador, 25 de março de 2011.

Banca Examinadora:

Pedro de Almeida Vasconcelos

Prof. Dr.
Orientador (a) Pedro de Almeida Vasconcelos
Doutor em Geografia
Universidade Católica do Salvador - UCSal

Sylvio Bandeira de Mello e Silva

Prof. Dr.
Sylvio Bandeira de Mello e Silva
Doutor em Geografia
Universidade Católica do Salvador - UCSal

Elsa Souza Kraychete

Prof.ª Dr.ª
Elsa Souza Kraychete
Doutora em Administração
Universidade Católica do Salvador - UCSal

A sociedade vive para o indivíduo, que vive para a sociedade; sociedade e indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e para a sociedade. Cada um desses termos é, ao mesmo tempo, meio e fim: a cultura e a sociedade permitem a realização dos indivíduos; as interações entre indivíduos permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade. (MORIN, 2007, p. 52).

AGRADECIMENTO

Agradecer significa olhar para os lados, e ver que não se está só, é perceber que em todo o caminho alguém nos estende a mão, e nos fortalece, impulsionando o nosso corpo e nossa mente sempre a seguir em frente, seja com palavras, seja com gestos, desde um simples sorriso e/ou um balançar de cabeça sinalizando compreensão, até verdadeiros puxões de orelhas.

Estar grato é reconhecer que o trabalho realizado não é fruto de uma ação individual, e, jamais foi esse o propósito, pois, mesmo quando estamos escrevendo, logo em seguida compartilhamos os resultados, os textos, os parágrafos com as pessoas mais próximas, buscando sempre a opinião na intenção de se alcançar a excelência. Nesse sentido, o trabalho que se segue é o resultado de várias contribuições de diversas pessoas que ofertaram seus tempos de vida e paciência.

Agradecer consiste em um momento de intensa alegria, pois, não é apenas uma parte do ritual acadêmico puro e simplesmente, mas, é o momento de reconhecimento das infinitas contribuições das mais diversas pessoas que agora estão sistematizadas nesse trabalho.

Portanto, agradeço a todas as pessoas que de modo direto ou indireto contribuíram à realização dessa pesquisa. Agradecer eu preciso e desejo fazer, aos meus pais (velhinhos) Srº Cosme e Dª Eurenice, que reservo destaque muito especial, pois, embora não compreendam efetivamente o real significado desse trabalho, sempre estiveram ao meu lado apoiando sem questionar, como deve ser o amor verdadeiro. Agradeço aos meus irmãos e irmãs e sobrinho que participaram efetivamente ao meu lado auxiliando, incentivando e compreendendo minhas ausências nos encontros familiares, muito obrigado!

A Ely, companheira amorosa, fiel e paciente, estive ao meu lado sempre, suportando minhas ausências em noites e dias inteiros de estudos e trabalhos, muito obrigado!

Agradeço de modo muito particular a Luciana (Lucka) e Naurelice (Ita), pessoas irmãs, que sem o apoio ofertado, esse trabalho não seria possível de ser realizado.

Aos colegas e companheiros de trabalho que de forma bastante tolerante acompanharam o andamento dos meus estudos e deram sua contribuição.

Agradeço também de forma muito especial ao meu estimado Profº Pedro Vasconcelos, esse que desde o primeiro momento que nos conhecemos, durante a seleção de ingresso no programa, demonstrou ser uma pessoa singular, tanto nos aspectos acadêmicos quanto na fineza e educação que trata as pessoas.

Ao Profº Pedro Vasconcelos, pelo carinho e dedicação que sempre me recebeu em sua sala, quando em pouquíssimas vezes havia agendado um horário, deixava todas as suas atividades deveras importante e simplesmente me atendia com um sorriso no rosto.

Profº Pedro Vasconcelos obrigado por me permitir que ao longo de dois anos tivesse o privilégio de conviver ao seu lado, admirando-o e aprendendo, aprendendo muito, construindo assim um forte laço de amizade.

Aos professores do programa que me aceitaram e compartilharam seus saberes de forma bastante significativa, fazendo com que fosse possível a realização desse trabalho, muito obrigado!

Aos funcionários da UCSAL, que através de seus bons serviços sempre me acolheram com um sorriso no rosto, fazendo com que esse não fosse apenas um ambiente de estudos, mas de relações autênticas.

À Romeu Lemos, amigo fiel que está sempre ao meu lado, pacientemente ouvindo meus devaneios, mesmo sem compreender.

À Hugo e Mercedes Kutscherauer, casal de antigos mestres e grandes amigos, por seus conselhos que ultrapassam as vias acadêmicas e chegam a minha vida, fazendo –me ser tal qual sou.

Aos amigos de turma (Zé, Jaci, Antônio, Naira, Lindomar, Paulo e Debora), que por sua diversidade acadêmica me propiciou além da amizade, grande conhecimento.

Agradeço também a Srª Ritamalia por ter nos fornecido importantes documentos das ações da Universidade Católica do Salvador junto ao bairro em estudo.

Por fim, mas em hipótese alguma menos importante, agradeço a todas as pessoas moradores/residentes do bairro Engenho Velho da Federação, que me permitiram entrar em seus lares e participar das suas existências, observando e registrando os modos como exercitam suas liberdades social e individual.

Ao bom Deus e a todos os Orixás que me permitiram desenvolver esse trabalho, muito obrigado!

RESUMO

LEMOS, Ueliton dos Santos. **Território, identidade e desenvolvimento social:** a complexidade do engenho velho da federação – Salvador – BA. Dissertação (Mestrado) 123f. Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador, 2011.

Território, identidade e desenvolvimento social, são temáticas que representam o cerne teórico de todas as reflexões desenvolvidas durante a realização dessa pesquisa. Para tanto, diversos autores, pensadores e filósofos contemporâneos e da história do pensamento da humanidade contribuíram, significativamente, para estabelecer as devidas aproximações conceituais ao objeto em questão, o bairro do Engenho Velho da Federação. Portanto, não se trata de um trabalho disciplinar, mas multi-inter-transdisciplinar, o que favorece o desenvolvimento de uma compreensão holística e sistêmica da realidade. O trabalho está compreendido em seis capítulos, que versam, primeiramente, sobre a origem/formação do bairro, passando pelas noções teórico-conceituais, propriamente ditas, na qual as temáticas dialogam entre si e entre o objeto da dissertação. Por fim, os capítulos restantes estão reservados ao aprofundamento do conjunto das reflexões propostas neste trabalho, ou seja, a análise reflexiva da dialética conceitual aplicada ao lugar. Em todo, desenvolvimento deste trabalho, estão dispostos os dados e as informações colhidas. *in loco*, tanto por meio de visitas e entrevistas (conforme roteiro, previamente, elaborado), quanto pelo resultado dos quatrocentos questionários, que foram aplicados às pessoas residentes no bairro (este questionário é composto por vinte questões objetivas, que versam desde os aspectos da consolidação do território, da formação identitária, até as variáveis relacionadas ao desenvolvimento social). Estas informações foram, posteriormente, tabuladas/quantificadas e apresentadas em formas de gráficos, tabelas e quadros, o que propiciou uma aliança perfeita entre o conjunto teórico e a realidade conjuntural, possibilitando resultados significativos acerca dessa população residente nesse território particular.

Palavras-chave: Território, Identidade, Desenvolvimento Social, Multi-Inter-Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

LEMOS, Ueliton dos Santos. **Territory, identity and social development:** the complexity of the old mill of the federation - Salvador - BA. Thesis (Masters) 123f. Masters in Social Development Planning and the Catholic University of Salvador, 2011.

Territory, identity and social development are issues that represent the pith of all the theoretical ideas developed during this research. And for this, several authors, thinkers and contemporary philosophers and the history of human thought contributed significantly to establish the necessary conceptual approaches to the subject matter, the neighborhood of Engenho Velho da Federação. Therefore, it is not a disciplinary work, but multi-inter-disciplinary, which favors the development of a holistic and systemic understanding of reality. The work is comprised of six chapters, which deal, first, the origin/formation of district, through the theoretical and conceptual notions, in which the thematic dialogues between the object of the dissertation. Finally, the remaining chapters are reserved for the deepening of all thoughts proposed in this paper, the reflective analysis of the conceptual trihalides applied for the post. The data and information collected, in locus, both through visits and interviews (as script previously prepared), as the result of four hundred questionnaires that were applied to residents of the neighborhood (this questionnaire consists of twenty objective questions, which deal since aspects of consolidation of the territory, identity formation, to the variables related to social development), are set in all development of this work. This information was then tabulated/quantified and presented in forms of graphics and tables, which provided a perfect alliance between the set theory and the prevailing situation.

Keywords: Territory, Identity, Social Development, Multi-inter-disciplinary.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOEVF	Associação de Moradores do Engenho Velho da Federação
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
EVF	Engenho Velho da Federação
EPUCS	Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador
IDH	Índices de Desenvolvimento Humano
PMS	Prefeitura Municipal do Salvador
RMS	Região Metropolitana do Salvador
UDH	Unidade de Desenvolvimento Humano
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNIFACS	Universidade Salvador
SSP-BA	Secretária de Segurança Pública da Bahia
CP	Circunscrição Policial

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Cemitério do Campo Santo situado na Rua Alto das Pombas, primeira metade séc. XX	28
Foto 2 – Viaduto de ligação entre a Av. Cardeal da Silva e a R. Caetano Moura, segunda metade do séc. XX.....	29
Foto 3 – O Engenho Velho da Federação e seus bairros vizinhos, 2010.....	33
Foto 4 – Principais vias de acesso ao bairro, 2010	35
Foto 5 – Ladeira Manoel Bomfim, via de ligação entre a Av. Vasco da Gama e o final de linha do Bairro, em 2010	36
Foto 6 – Travessa de acesso ao Engenho Velho da Federação, em 2010.....	37
Foto 7 – O Engenho Velho da Federação escadas pluviais, 2010.....	37
Fotos 8 e 9 – Principal via de acesso ao bairro av. Apolinário de Santana, seguido do retrato do final de linha, local onde se concentra o terminal de transporte coletivo e um incipiente mercado de primeira necessidade, 2009.....	46
Fotos 10 e 11 – Via periférica de acesso ao Bairro, seguida do retrato da vista panorâmica da baixa do Engenho Velho da Federação, 2009	47
Foto 12 – Terreiro do Cobre	77
Foto 13 – Terreiro Zogodo Bogum Male Rundó	77
Foto 14 – Salão de festas do terreiro Bogum	78
Foto 15 – Salão de festas do terreiro Bogum	78
Foto 16 – Vista da cadeira da sacerdotisa	78
Foto 17 – Quadro da imagem da sacerdotisa, posto em destaque no salão de festas - Bogum.....	79
Foto 18 – Fotografia posta no centro do salão - Bogum	79
Foto 19 – Fachada da igreja Nossa Senhora da Santa Cruz, ano de 2009	81
Foto 20 – Retrato da parte interna da igreja de Nossa Senhora da Santa Cruz, 2010.....	81
Fotos 21 e 22 – Retrato da fachada e da lateral com lixo, 2010	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registos de propriedades, das Fazendas, que deram origem ao bairro Engenho Velho da Federação.....	30
Figura 2 – Recibos de arrendamentos de lotes Das Fazendas Engenho Velho e Fazenda Madre em 1949 e 1981, respectivamente	31
Figura 3 - Percentual dos moradores que se identifica com o bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010	52
Figura 4 - Percentual do nível de satisfação dos moradores com o bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010	53
Figura 5 - Percentual da condição de moradia dos habitantes do bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010	57
Figura 6 - Percentual de estudantes por tipo de instituição de ensino no bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010	62
Figura 7 - Percentual do sexo dos moradores do bairro do Engenho Velho da Federação no ano de 2010	63
Figura 8 - Percentual entre o nível de escolaridade e o sexo dos moradores do Engenho Velho da Federação, em 2010	63
Figura 9 - Percentual dos moradores que trabalham no bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010	65
Figura 10 - Percentual da renda média mensal dos moradores do Engenho Velho da Federação, em 2010	66
Figura 11 – Percentual da renda média mensal com o sexo dos moradores do Engenho Velho da Federação, em 2010	66
Figura 12 – Percentual da comparação do estado civil com o sexo dos moradores do Engenho Velho da Federação, 2010	72
Figura 13 – Percentual do estado civil dos moradores do bairro do Engenho Velho da Federação no ano de 2010	73
Figura 14 – Percentual da designação de “raça” com o sexo dos moradores do Engenho Velho da Federação no ano de 2010	74
Figura 15 – Percentual da opção religiosa com o sexo dos moradores do EVF, em 2010	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Marco Temporal Formativo	32
Quadro 2 – Demonstrativo dos Terreiros de Candomblé pertencentes ao EVF, por ordem de fundação, 1835 – 2002.....	76
Quadro 3 – Correspondência entre os Deuses Africanos e os Santos da Igreja Católica	84
Quadro 4 – Demonstrativo de instituições público/privadas do EVF, em 2006	107

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa da Unidade de Desenvolvimento Humano – UDH 14, no ano de 2006	34
Mapa 2 – Mapa da localização do bairro Engenho Velho da Federação, no ano de 2006	34

LISTA DE RECORTES DE JORNAL

Recorte de jornal 1 – Matéria divulgada no jornal A Tarde, demonstrando dinâmica cultural, no Engenho Velho da Federação, em 13 de julho de 2008	43
Recorte de jornal 2 – Matéria divulgada no Jornal A Tarde, artigo demonstrando a dinâmica cultural no Engenho Velho da Federação, em 28 de outubro de 2007	43
Recorte de jornal 3 – Matéria divulgada no jornal Tribuna da Bahia, demonstrando a organização política no Engenho Velho da Federação em 29 de março de 1988	44
Recorte de jornal 4 – Artigo veiculado no jornal A Tarde, no ano de 1982, evidenciando o desejo dos moradores em legalizar suas casas.....	58
Recorte de jornal 5 – Artigo veiculado no jornal A Tarde, no ano de 1998, anunciando obras a ser realizada no bairro	58
Recorte de jornal 6 – Artigo do jornal Correio da Bahia, evidenciando a dualidade existencial no Engenho Velho da Federação, 1992.....	59
Recorte de jornal 7 – Artigo do jornal a Tarde, evidenciando a arte como meio alternativo para o combate da violência no EVF, 18 de setembro de 2009	104
Recorte de jornal 8 – Artigo do jornal A Tarde evidenciando os acontecimentos violentos no bairro EVF, em 26 de julho de 2008	104
Recorte de jornal 9 – Artigo do jornal A Tarde evidenciando os acontecimentos violentos no bairro EVF, em 06 de agosto de 2009	105
Recorte de jornal 10 – Artigo do jornal A Tarde evidenciando a produção cultural artística do bairro, 26 de fevereiro de 2009.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Números de moradores entrevistados no bairro do Engelho Velho da Federação, que não responderam aos questionamentos descritos no ano de 2010	22
Tabela 2 – Percentual da designação de raça/cor dos moradores do bairro do Engenho Velho da Federação no ano de 2010	73
Tabela 3 – Percentual de participações nas Religiões dos moradores do bairro do EVF, em 2010	80
Tabela 4 – Relação entre a designação de “raça” e tipo de religião dos moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010	83
Tabela 5 – Nível de escolaridade entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010	95
Tabela 6 – Relação entre nível de escolaridade e tipo de religião entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010	96
Tabela 7 – Comparação entre a instituição de ensino em que os indivíduos cursam o ensino fundamental e médio com tipo de religião entre os moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010	97
Tabela 8 – Comparação entre o nível de escolaridade com a designação de raça/cor entre os moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010	98
Tabela 9 – Comparação entre a renda mensal com a designação de raça/cor entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010	99
Tabela 10 – Comparação entre a renda familiar mensal com a designação de raça/cor entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010	100
Tabela 11 – Relação entre a renda mensal e tipo de religião entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010	101
Tabela 12 – Comparação entre nível de satisfação com a vida no bairro e a segurança entre os moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010	102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	19
1.2 METODOLOGIA	20
 Capítulo 2	
ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO: FORMAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E TOPOGRAFIA.....	23
2.1 FORMAÇÃO	23
2.2 LOCALIZAÇÃO	32
2.3 TOPOGRAFIA.....	36
 Capítulo 3	
TRÍADE CONCEITUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O TERRITÓRIO; A IDENTIDADE E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL	38
3.1 CONSIDERAÇÃO INICIAL	38
3.2 TERRITÓRIO	41
3.3 IDENTIDADE	49
3.4 DESENVOLVIMENTO SOCIAL	55
 Capítulo 4	
ANÁLISES DE ALGUNS DOS ÍNDICES QUE REPRESENTAM O DESENVOLVIMENTO HUMANO	61
4.1 MORADIA	61
4.2 EDUCAÇÃO.....	62
4.3 TRABALHO E RENDA.....	64
4.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL POPULACIONAL.....	67
4.5 INTERFACES ENTRE A TRÍADE CONCEITUAL.....	68
 Capítulo 5	
O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, UM TERRITÓRIO PARTICULAR	70
5.1 DIVERSIDADE POPULACIONAL	71
5.2 DIVERSIDADE RELIGIOSA	75

Capítulo 6

O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, SUA IDENTIDADE DIANTE DA COMPLEXIDADE	86
--	-----------

Capítulo 7

O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL	93
--	-----------

7.1 ESCLARECIMENTOS ACERCA DO ENTENDIMENTO ENTRE AS NOÇÕES CONCEITUAIS: DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO	93
7.2 ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES RELATIVAS AO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO EVF	95

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A COMPLEXIDADE TRIALÉTICA CONCEITUAL APLICADA À REALIDADE CONJUNTURAL DO ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO	108
--	------------

REFERÊNCIAS	111
--------------------------	------------

APÊNDICES	118
------------------------	------------

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA EM CAMPO	118
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA	119

ANEXOS	120
---------------------	------------

ANEXO A – ESCRITURA DA FAZENDA MADRE DE DEUS	120
ANEXO B – ESCRITURA DA FAZENDA ROÇA DO ENGENHO VELHO	121
ANEXO C – MAPA CARTOGRÁFICO DA LOCALIDADE NO INÍCIO DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL	123

1 INTRODUÇÃO

As temáticas relativas aos estudos da sociedade, sua organização espacial e desenvolvimento, compõem na atualidade importantes discussões em academias e institutos de pesquisas públicas e privadas. É crescente a preocupação com a organização social e seus elementos constituintes. Ainda que, muitas vezes, sob interesses centrados em intencionalidades que se afastam da compreensão efetiva do ser humano como integrante da sociedade e, portanto, consciente da necessidade de bem cuidar das relações que constituem o espaço, bem como constituem seu próprio ser na qualidade de pertencente à dado lugar e, ao mesmo instante, correlacionado às demais identidades, com o reconhecimento do diverso.

O objetivo geral dessa pesquisa dissertativa consiste em identificar e analisar o bairro do Engenho Velho da Federação a partir da atual conjuntura sócio espacial, como um efetivo território possuidor de identidade e desenvolvimento social¹.

Observar o bairro e sua dinâmica social relacional convida-nos, por sua vez, a realizar estudos multidimensionais, a saber: a simbólica, a cultural, a social e a territorial; deste modo, o entendimento das dimensões mencionadas é pretendido mediante o encontro entre as noções conceituais de território, identidade e desenvolvimento social, com atenção ao pensamento sistêmico e holístico frente à complexidade geo-espacial.

O trabalho dissertativo não consiste em um estudo individualizado das noções conceituais, mas o contrário, sobretudo, no entendimento destes para a compreensão das relações sociais-pischo-afetivas que se estabelecem no bairro do Engenho Velho da Federação, da cidade do Salvador, Bahia. Portanto, esta dissertação apresenta por fundamento análises e reflexões sobre o encontro entre autores das mais variadas áreas do conhecimento humano com perspectivas relacionadas às especificidades da realidade de estudo.

¹ Para o desenvolvimento desse trabalho, além dos estudos teóricos foram realizadas diversas visitas ao local com a finalidade de aplicar os questionários de pesquisa (quatrocentas unidades com vinte questões conforme consta nos anexos dessa dissertação), bem como, realizar as entrevistas e estabelecer diálogos com seus residentes/moradores do lugar.

As reflexões feitas sobre as noções conceituais que seguem ao longo deste trabalho estão reunidas em torno de autores como: Arcangelo Buzzi, Edgar Morin, Fritjof Capra, Marcelo Lopes, Milton Santos, Pedro Vasconcelos, Rogério Haesbaert e outros.

1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

A composição da dissertação compreende além desta introdução, seis capítulos, conforme descrição a partir do parágrafo posterior. Em cada um dos capítulos consta a presença de analogias à área de estudo, seja na simples, não simplória, modalidade de alusão, seja de modo mais aprofundado com análise de dados em forma de tabelas, quadros e gráficos. A disposição dos referidos capítulos, tem seu escopo possibilitar a compreensão efetiva das temáticas discutidas no trabalho de pesquisa.

No início do segundo capítulo são realizadas as considerações a respeito da questão: formação e constituição do bairro do Engenho Velho da Federação. Nestas páginas, constam estudos acerca da história do lugar, sua localização espacial no tecido urbano da cidade do Salvador e topografia. Nessa reflexão inicial, estão presentes as contribuições dos pensadores Pedro Vasconcelos e Milton Santos.

No capítulo três, constam as reflexões acerca da tríade conceitual (território, identidade e desenvolvimento social). Autores como, Rogério Haesbaert, Arcangelo Buzzi e Marcelo Lopes figuram como os principais contribuintes. As reflexões desenvolvidas nesse capítulo estão diretamente relacionadas ao objeto desta pesquisa, configurando dessa forma uma total correspondência no que diz respeito a teoria e a realidade conjuntural.

Na conclusão desse capítulo, foram realizados aprofundamentos acerca de alguns índices do desenvolvimento humano, e também, é traçado um perfil populacional dos residentes da localidade.

No quarto capítulo estão os estudos em torno da concepção do bairro como um território particular. Estes estudos estão pautados, sobretudo, no encontro entre perspectivas de autores como: Marcelo Souza, Pedro Vasconcelos, Rogério

Haesbaert e outros. Estão também aplicados aos resultados das pesquisas de campo e visitas, associando os fundamentos teóricos ao campo de investigação e à realidade do Engenho Velho da Federação. No quarto capítulo, bem como nos demais, constam os registros fotográficos, tabelas, quadros, gráficos e recortes jornalísticos devidamente contextualizados.

O capítulo cinco apresenta as considerações sobre o Engenho Velho da Federação sua identidade diante da complexidade. Nessas reflexões, autores como Edgar Morin, Manoel Castells, Arcangelo Buzzi e outros participaram efetivamente.

Consiste no capítulo seis, a reflexão sobre o desenvolvimento social do bairro, alguns itens constituintes da noção conceitual de desenvolvimento foram investigados e devidamente retratados em forma de tabelas, quadros e recortes de jornais, possibilitando dessa forma uma verdadeira aproximação conceitual entre a teoria e a realidade do bairro.

O último capítulo refere-se aos resultados obtidos com a pesquisa, este compreende o entendimento das reflexões acerca da dialética conceitual aplicada à realidade conjuntural do bairro. Neste estão expostos as considerações finais acerca do Engenho Velho da Federação, nas perspectivas da formação territorial, da identidade e do desenvolvimento social.

A importância acadêmica deste estudo corresponde à possibilidade de compreensão das relações que constituem o bairro do Engenho Velho da Federação, com atenção às significações atribuídas ao território, a identidade e ao desenvolvimento social, mediadas pela compreensão sistêmica e complexa da realidade. A relevância acadêmica é também social, pois tem seu escopo a disposição e a valorização dos saberes das pessoas residentes do lugar, bem como ao reconhecimento de sua história, no que tange a relação entre as pessoas e o espaço.

1.2 METODOLOGIA

Quanto à metodologia utilizada para a obtenção desses resultados, ela representa o conjunto de métodos, procedimentos e técnicas que auxiliaram no

desenvolvimento da atividade de pesquisa, proporcionando a obtenção de respostas aos problemas propostos.

Os métodos de abordagem utilizados para o desenvolvimento desta dissertação consistiram na relação entre a análise-sintética, o histórico, o quantitativo e o qualitativo que possibilitou a devida aproximação *in loco*, fazendo com que o estudo dos fenômenos adquirisse um caráter efetivamente científico.

O resultado da relação entre os métodos de abordagem citados acima, possibilitou que esta atividade de pesquisa adquirisse um caráter teórico, descritivo e aplicado, sobretudo, no que se refere à reflexão e síntese dos dados e das variáveis do objeto.

As metodologias de procedimento constituíram instrumentos necessários para a realização dos objetivos propostos. Apresentam-se, essencialmente, de duas maneiras:

1. Fonte bibliográfica: pesquisa em livros, jornais, artigos, pesquisa documental, fotos, imagens, etc.
2. Fonte das pessoas: visita ao lugar, observação, coleta de dados.

As técnicas foram os instrumentos utilizados na busca de dados e informações, por exemplo:

- a. Entrevista semi-estruturada: combina um formulário construído anteriormente e aplicado aos indivíduos selecionados, com seis questões entre abertas e fechadas, e também na realização de diálogos informais.
- b. Questionário: perguntas múltiplas escolhas, ou seja, são perguntas fechadas com várias alternativas, foram aplicados 400 questionários de pesquisa na localidade.
- c. Observação Participante: identificação dos dados de seu objeto pelo agente de pesquisa.

Os questionários por sua vez, foram aplicados nas ruas e avenidas do bairro, por exemplo: Rua Apolinário de Santana (80 questionários), Ladeira do Scorpium (55 questionários), Rua do “Açúcar” (30 questionários), Rua Antonio Borges (25 questionários), Ladeira Manoel Bomfim (35 questionários), Av. Hilda (20 questionários), Rua Xisto Bahia (25 questionários), dentre outras restantes (165

questionários). Esses materiais foram aplicados de forma espontânea na localidade, contudo, buscou-se sempre pessoas com faixa etária superior a vinte e cinco anos.

Com o resultado dessas pesquisas, almeja-se, traçar um perfil sob a ótica do desenvolvimento humano dos residentes da localidade. Neste contexto, seguem ao decurso desse trabalho dissertativo alguns quadros, tabelas e gráficos que auxiliarão nessa empreitada reflexiva.

Por outro lado, importante ressaltar, que houve perda de alguns dados, durante o processo de aplicação dos questionários em campo (fato demonstrado na tabela 01). Contudo, isto não afeta a análise do conjunto de dados.

A tabela evidencia a quantidade de questões que não foram respondidas pelos entrevistados, ou seja, do total de questionários aplicados, vinte e cinco questões sobre o sexo das pessoas entrevistadas não foram respondidas, e assim por diante nas demais variáveis investigadas.

Tabela 1 – Números de moradores entrevistados no bairro do Engelho Velho da Federação, que não responderam aos questionamentos descritos no ano de 2010

Variável	Valores Perdidos	Variável	Valores Perdidos
Sexo	25	Lazer	1
Idade	6	Identificação com o bairro	6
Estado civil	6	Ocupação	1
Raça/cor	1	Escolaridade	0
Religião	8	Renda mensal	12
Filhos	20	Renda familiar	4
Tempo de moradia	1	Instituição de ensino	2
Satisfação com o bairro	2	Tipo de residência	3
Segurança	5	Transporte	3
Infraestrutura	1	Trabalho no bairro	9

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos, em 2010

Capítulo 2

ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO: FORMAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E TOPOGRAFIA

No intuito de se obter a compreensão necessária ao desafio que se coloca na contemporaneidade acerca do Engenho Velho da Federação, nesse capítulo especificamente, serão abordados temas relativos à formação, localização e topografia do bairro Engenho Velho da Federação, pois o atual cenário revela-se paradoxal, na qual, por um lado, rico em diversidade cultural, e por outro, necessitado de ações, ou políticas de melhoria das condições de vida de seus moradores.

2.1 FORMAÇÃO

Refletir acerca de uma localidade constitui um desafio que implica, dentre outras coisas, realizar conjecturas sobre os processos que formaram e continuam a formar o lugar, neste caso, o bairro do Engenho Velho da Federação.

Não basta descrever e decompor as paisagens atuais, como fatos estanques e isolados, mas, ao contrário, é preciso compreendê-las enquanto resultados de uma dinâmica que implica nas diversas inter-relações existentes, entre os vários agentes do passado e presente.

É evidente que os meios e os agentes constituintes do lugar, transmutam-se ao longo do espaço e do tempo. Diante dessas transitoriedades, faz-se imprescindível que tanto o pesquisador, quanto o leitor, debruce-se sobre a realidade com uma postura diferenciada, uma postura que permita observar e ser observado, uma postura que viabilize a compreensão de uma totalidade integrada a partir de sistemas complexos e mutantes.

Em tempos passados, as pesquisas que tivessem objetos específicos, bem determinados, impunham grande desprendimento pessoal ao pesquisador, com o

propósito de se obter, dessa forma, um mínimo de distanciamento possível entre o sujeito e o objeto. Essa forma de aquisição do conhecimento foi intitulada como o paradigma cartesiano ou mecanicista moderno, que consistia na decomposição dos objetos em partes menores e através do método dedutivo e ou indutivo, buscava-se o entendimento dos fatos. Vinculando essa afirmação à citação “*O olho não se vê*” (LEFEBVRE², 2008a, p.35), conclui-se facilmente que o olhar que se lança, é para o externo e está sob a perspectiva analítica fragmentária da realidade, visto a ausência de reciprocidade. Esta era a forma com a qual se fazia ciência, até pouco tempo atrás.

Atualmente, com o avanço de novas metodologias científicas que visam, entre outras especificidades, integrar e não o seu contrário, fragmentar, possibilita ao agente investigador ampliar sua forma de compreensão da realidade, sobre isso segue, outra breve, citação: “*Olho o olho que me olha*” (FREI BETTO, *apud* ALMEIDA, 2006, p.45). Nesta perspectiva, compreende-se a existência de movimentos recíprocos, quem observa é da mesma forma observado, rompe-se a dicotomia sujeito – objeto e passa-se a ter uma nova maneira de entendimento da realidade, como um sistema integrado e dinâmico, na qual a ausência de certezas absolutas figura como inquietações essenciais à busca e produção de saberes mais atuais e apodíticos.

Essa reflexão inicial consiste em fomentar no leitor, a necessidade de desenvolver uma visão holística, dinâmica e sistêmica, no intuito de obter uma compreensão da realidade do bairro Engenho Velho da Federação. Para tanto, faz-se da mesma forma necessário, o breviário de sua formação, e nessa tarefa, autores como Milton Santos³ (2008a) e Pedro Vasconcelos⁴ (2002) contribuirão significativamente.

A abordagem de Milton Santos consiste nas observações realizadas e posteriormente relatadas em sua obra “*O Centro da Cidade do Salvador*”⁵, na qual

² Henri Lefebvre: filósofo marxista francês que viveu no século XX, dedicou-se aos estudos relacionados ao espaço urbano, no qual resultou em importantes obras como: *O Direito à Cidade*, em 1968 e *A Revolução Urbana*, em 1970.

³ Milton Santos: embora bacharel em direito, sua caminhada intelectual o levou aos estudos da geografia, na qual ganhou destaque, tanto na esfera nacional quanto internacional, recebendo inclusive o prêmio Prêmio Vautrin Lud, em 1994; destacou-se por seus trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo.

⁴ Pedro Vasconcelos: geógrafo de formação pela Universidade Católica de Pernambuco (1969), com mestrado em *Urbanisme et Aménagement du Territoire* - Université Catholique de Louvain (1973), Ph.D em Geografia - University of Ottawa (1985) e pós-doutoramento na Université de Paris IV – Sorbonne e autor de diversos livros e artigos científicos que versam, sobretudo, sobre a constituição da cidade.

⁵ O Centro da Cidade do Salvador é a tradução da tese de doutoramento do Prof. Milton Santos, apresentada a Universidade de Strasbourg, em 1958.

ele descreve as diversas transformações ocorridas nesse sítio, sobretudo no que se refere à ocupação territorial e crescimento demográfico a partir de seu centro. Para tanto, ele faz uso de determinadas categorias que possuem em seu escopo, não simplesmente à justificação de tais fenômenos sociais, mas sim, o entendimento das sucessivas desconstruções e construções de novas paisagens.

Categorias como *forma*, *estrutura*, *processo* e *função*⁶ constituem, de modo significativo, elementos transformadores de paisagens. Milton Santos, em algumas de suas obras, aborda estes conceitos e suas relações, o que proporciona ao leitor a possibilidade de realizar significativas reflexões para o entendimento da dinâmica e do desenvolvimento da cidade do Salvador e, em particular, do bairro Engenho Velho da Federação.

A fim de evidenciar o movimento nos fatos sociais, que transformaram e continuam a transformar as paisagens da cidade do Salvador, Milton Santos em sua obra *O centro da cidade do Salvador* (2008a), afirma que no período entre 1940 e 1950, Salvador obteve um aumento médio populacional de 15 mil habitantes por ano, na sua maioria provenientes de zonas rurais, com baixa, ou mesmo, nenhuma qualificação profissional e ou educacional, essa população exerceu atividades laborativas na condição de subempregados (lavadeiras, engraxates, ambulantes, etc.) e ocuparam espaços urbanos como vales, baixadas e encostas.

Essa composição social da população vai se refletir diretamente sobre a organização do espaço urbano. Os banqueiros, os grandes exportadores e importadores, as pessoas enriquecidas pelo comércio ou pela indústria, os agricultores mais abastados, os especuladores imobiliários fazem construir palacetes ou belos e luxuosos imóveis de apartamentos nos bairros da Graça e da Barra, ou ocupam a fachada marítima com construções modernas em estilo funcional. Os marginais aproveitam os espaços vazios sem mesmo indagar quem é o proprietário e aí constroem verdadeiros *bidnville*s, bairros inumanos onde vivem seja como for; esses bairros são chamados invasões. (SANTOS, 2008a, p. 53-54)

Santos (2008a) realizou recortes de períodos tempo-espaciais que evidenciam, tanto a mobilidade populacional, quanto os agentes motivadores dessa dinâmica e seu reflexo no espaço urbano da cidade do Salvador.

⁶ CF. SANTOS, Milton. 2008c. *Forma*: é o que é percebido, visível. Descrição dos fenômenos ou de suas particularidades; *Estrutura*: refere-se ao modo de construção e organização e suas inter-relações entre parte e todo; *Processo*: ação contínua em busca de resultados implica tempo e mudança; *Função*: consiste em uma atividade desenvolvida por uma forma, pessoa, instituição ou coisa.

1. Uma fase inicial, independente da atividade regional da cidade, e em que apenas funcionam os papéis de centro administrativo, religioso e militar, até o final do século XVI.
2. Um período de crescimento lento, até o século XVIII, que reflete os primeiros esforços de valorização de uma área de expansão.
3. Um período de crescimento rápido, provocado pelos processos da agricultura em outras regiões, por uma melhor organização do espaço e por um grande êxodo rural, provocado por novos ciclos de seca durante o século XIX.
4. Um novo período de crescimento lento – lento na escala brasileira-, que corresponde à crise das primeiras culturas comerciais, à atração demográfica exercida pela nova cultura industrial, o cacau, durante os 40 primeiros anos do século XX.
5. O período atual, de crescimento novamente acelerado, isto é, de fortalecimento da economia agrícola, não apenas na zona do cacau, mas também em certas regiões do Nordeste, trazendo consequências para a vida urbana e por outro lado o aumento da população subempregados e desempregados, resultantes de um êxodo rural sempre crescente” (SANTOS, 2008a, p. 62-63)

O terceiro, quarto e quinto período, que correspondem ao momento de crescimento da população e ocupação dos espaços urbanos na cidade, devido ao êxodo rural, influenciados pela inserção das atividades industriais e pelo declínio das atividades agrícolas são significativos para a compreensão da ocupação e formação do bairro Engenho Velho da Federação, esses fatos sucederam-se ao final do século XIX, prosseguindo até a segunda metade do século passado.

Por sua vez, Pedro Vasconcelos, autor da obra *Salvador: transformações e permanências (1549 – 1999) (2002)*, corrobora com a ideia de aumento da população na sociedade soteropolitana, também, nesse momento da história da cidade, sobretudo, indicando os principais agentes fomentadores das transformações locais (Estado, Igreja, Comércio, Indústrias) e suas contribuições.

No início do período republicano os principais agentes responsáveis pela transformação de Salvador foram o Estado e os agentes econômicos. A Igreja continuou a ter seu papel diminuído, inclusive em função da Constituição republicana de 1891. (VASCONCELOS, 2002, p. 262).

Pedro Vasconcelos (2002) continua suas reflexões acerca do desenvolvimento da territorialidade da cidade, afirmando que.

Em 1910, com um aumento de 36.363 habitantes, a população do município passou para 242.176 habitantes. Em 1920, a população teria passado para 283.422, mas esses resultados são discutíveis. Em 1940, Salvador teria 290.000 habitantes (quando foi ultrapassada por Recife). Nesse ano, 64% da população era constituída por negros e pardos, e 57% dos domicílios

foram considerados precários (Simas, 1954:45). Em 1944, segundo os estudos do EPUCS, 75% da população viviam em cortiços, favelas e similares (Guimarães, 1978:203), o que indica a precariedade da situação social no final do período. (VASCONCELOS, 2002, p. 276).

Vasconcelos (2002) afirma que a principal decisão da prefeitura municipal nesse período (meados do século XX) foi a assinatura de um contrato com o engenheiro Mario Leal Ferreira, que tinha como finalidade a elaboração do primeiro plano de desenvolvimento urbano da cidade, o qual foi *denominado, EPUCS-Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador*. Fato que demonstra certa preocupação dos gestores públicos municipais para se ordenar o planejamento territorial local, visto o aumento da população.

A principal decisão da Prefeitura foi a assinatura do contrato com o engenheiro Mario Leal Ferreira, em 1942, para a elaboração do primeiro plano para a cidade do Salvador, que iniciou-se no ano seguinte com a denominação de EPUCS (escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador). Em função dos primeiros resultados dos estudos do EPUCS, foi elaborado o Decreto 333/1944, que estabeleceu Zona Urbana de Salvador, dividida em 12 setores, estabelecendo assim seu primeiro zoneamento e a definição de usos, seguida pela Lei 10/1944, que visava à extinção de mocambos, cortiços e casebres: agora as funções deveriam ser separadas (funcionalismo) e as habitações precárias, se possível, deveriam ser eliminadas ou deslocadas (PMS, 1976 –a). (VASCONCELOS, 2002, p. 262).

A movimentação das pessoas na sociedade, fez com que surgissem novos bairros, o que propiciou o aparecimento da figura dos primeiros loteadores, ou promotores fundiários⁷, que segundo Vasconcelos (2002), a presença desses loteamentos indicam, dentre outras coisas, o crescimento espacial da cidade na década de 1930 e 1940: 70 loteamentos deram entrada na PMS - Prefeitura Municipal do Salvador, nos anos 30 e 50 nos anos 40.

[...] o crescimento urbano seguiu, preferindo as dorsais, valorizou esses terrenos, enquanto as vertentes e os vales, estes principalmente, eram ocupados com uma população pobre. É daí que provem a mistura observada nos bairros ricos. Pelas mesmas razões, e em consequência da valorização dos terrenos nas ruas onde passam os transportes coletivos, classe média e pobre estão também misturadas, nos vários bairros do norte da cidade. Assim, a menos que levemos em consideração essa “diferenciação social em linha” (sejam as dorsais, sejam as artérias que seguem os transportes, sejam os vales recentemente urbanizados, [...]), não podemos deixar de reconhecer que falta a maioria dos bairros uma homogeneidade de paisagem e contexto. (SANTOS, 2008a, p. 195).

⁷ Loteadores e/ou promotores fundiários: pessoas que desenvolviam atividades de arrendamentos, locação e venda de terrenos, transformando fazendas/sítios em lotes.

Outro fato relevante, que sinaliza para o desenvolvimento da territorialidade, na região do bairro da Federação, diz respeito à construção do cemitério do Campo Santo, em 1836, sendo o mais antigo da cidade do Salvador. Segundo Vasconcelos (2002), antes tratava-se de uma fazenda em 1835 que levava o nome de São Gonçalo, esta foi comprada e transformada em cemitério visto a proibição de se realizar enterros nas igrejas, sendo em seguida destruído pelo movimento da cemiterada⁸, no mesmo ano de 1836, posteriormente reconstruído sobre a égide da Misericórdia em 1841.

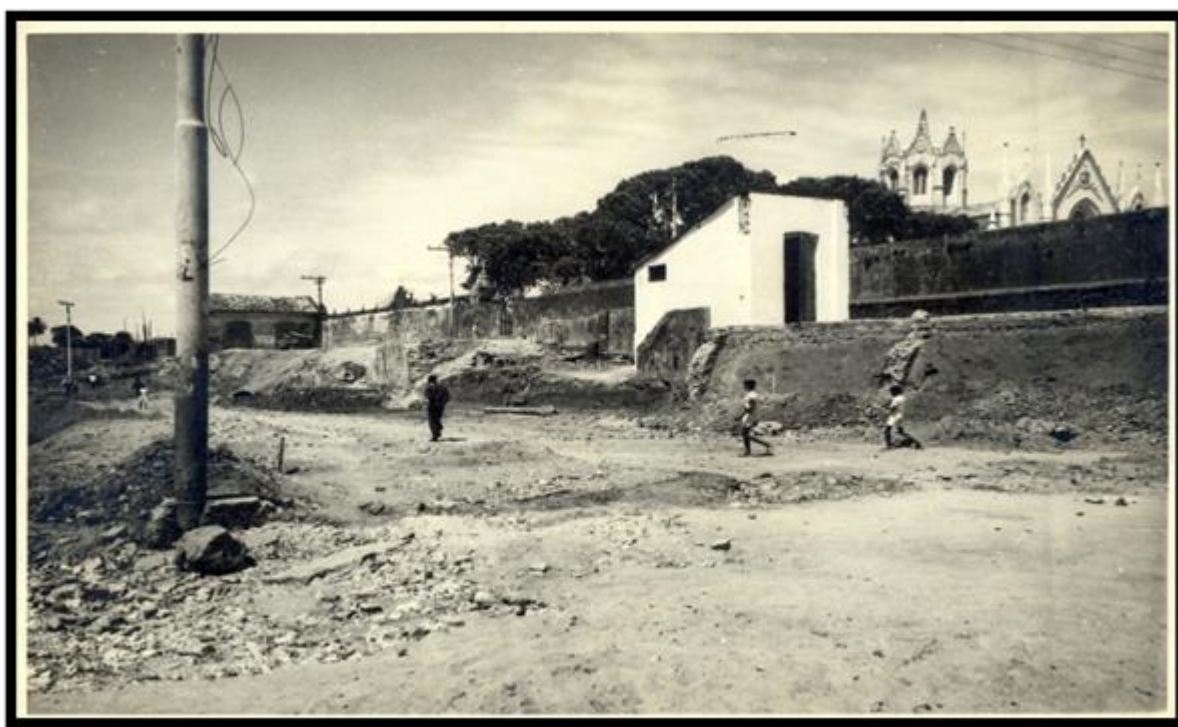


Foto 1 – Cemitério do Campo Santo situado na Rua Alto das Pombas, primeira metade séc. XX
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

Atribui-se ao bairro da Federação e ao Engenho Velho da Federação a mesma origem, sua população, em parte, é oriunda desse movimento migratório, do rural para o urbano, devido às causas já explicitadas, na qual a cidade passou a desenvolver-se em direção ao norte.

Assim, as pessoas com suas famílias foram se fixando nos lugares que melhor lhe servissem, neste caso, os vales e as baixadas, espaços, predominantemente, ocupados pelas pessoas de menor poder aquisitivo. As dorsais

⁸ Cemiterada: constituiu um movimento contrário a criação de cemitérios, local onde as pessoas deveriam ser enterradas e não mais em Igrejas como era de costume.

ou cumeadas por sua vez, ficaram dispostas para uma classe média, melhor estruturada sob a perspectiva financeira, estes últimos foram privilegiados ou incentivados a investirem nesses locais, devido a instalação de linhas de transportes coletivos, a exemplo dos bondes, que no caso do bairro da Federação tinha seu ponto final, onde hoje se situa a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, conforme relata o Prof. Cid Teixeira⁹ (1999), o que evidencia certo grau de urbanização existente no local.

A foto que segue, evidencia a construção do viaduto de ligação entre a Av. Cardeal da Silva e a Rua Caetano Moura, e um pouco acima, está a Universidade Federal da Bahia (UFBA), mais precisamente, a Faculdade de Arquitetura, há algumas décadas atrás.

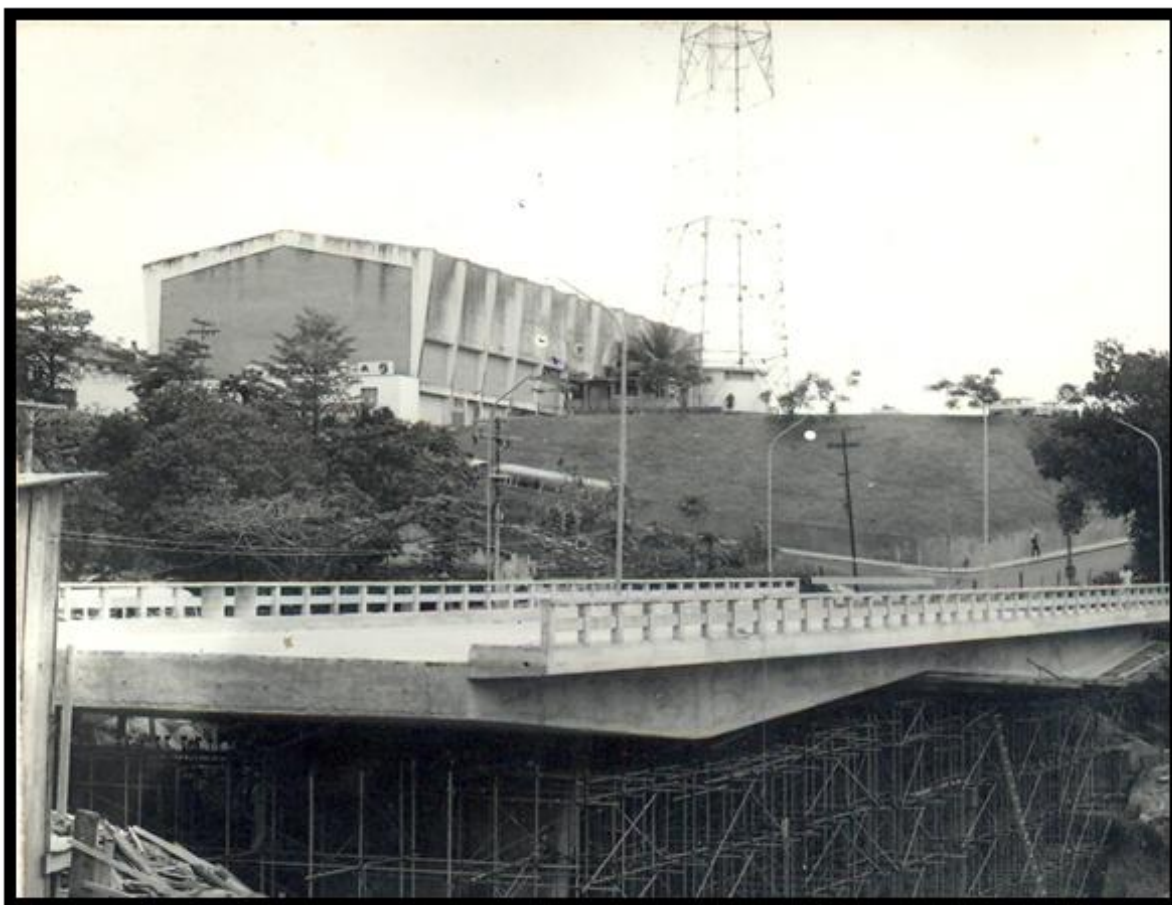


Foto 2 – Viaduto de ligação entre a Av. Cardeal da Silva e a R. Caetano Moura, segunda metade do séc. XX

Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

⁹ Cid Teixeira: Cid José Teixeira Cavalcante, bacharel em direito pela Universidade Federal da Bahia (1948), entretanto, dedicou-se aos estudos da História, em especial a do Estado da Bahia. Desenvolveu atividades docentes na Universidade da Bahia, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e na UCSAL.

Duas foram as fazendas que deram origem ao que se conhece, atualmente, como bairro do Engenho Velho da Federação. A saber: Fazenda Madre Deus e Fazenda Engenho Velho¹⁰, ambas pertencentes a Hermógenes Príncipe de Oliveira e Antônio Lopes Figueira, respectivamente, conforme registros de imóveis no cartório do 1º Ofício da cidade do Salvador, e que datam do início do século passado.

A fim de ilustrar as informações descritas, seguem abaixo, as escrituras digitalizadas de propriedade.



Figura 1 – Registros de propriedades, das Fazendas, que deram origem ao bairro Engenho Velho da Federação

Fonte: arquivos da Universidade Católica do Salvador

Os proprietários recortaram-nas em diversos pedaços, por volta dos anos 30 e arrendavam esses pequenos espaços, conhecidos como lotes, às pessoas que por sua vez, buscavam um local para se instalarem (em sua maioria nas baixadas e encostas e com a condição que fossem construídas edificações rudimentares, com pouca resistência, de forma incipiente e desprovida de qualquer infraestrutura sanitária básica), na escritura de propriedade consta a descrição detalhada das moradias, eram trezentos rendeiros e duas casas de taipa sem reboco, cujas dimensões 3,60 metros frente, por 10,00 metros fundo, uma porta e duas janelas na lateral, uma sala, um quarto, e um corredor e mais um fogão de chão batido.

¹⁰ Fazenda Madre Deus: cf. registro de imóveis e hipotecas do 1º OFÍCIO DA CIDADE DO SALVADOR – BA. Livro 3-E, Folha 208, data de 21 de fevereiro de 1916.

Fazenda Engenho Velho: adquirida por herança, “*mortis causa*” do Senhor Eduardo Martins Catharino, segundo registro, no cartório do 1º OFÍCIO DE IMÓVEIS, Ordem 15-132, Livro 3-0, data de 28 de fevereiro de 1953.

A fim de evidenciar o exposto, seguem alguns documentos de recibos que demonstram, que até poucos anos pretéritos se pagavam estes “aluguéis”.

Estes documentos, expostos, validam a idéia de que o bairro do Engenho Velho da Federação teve seu início a partir do desmembramento de duas fazendas e, que até pouco tempo, se pagavam por seus arrendamentos. Daí, a importância de não se observar o bairro, apenas, com o que se percebe nos tempos atuais, mas sim, ao contrário. É mister considerar que se trata de um espaço no qual e pelo qual, as pessoas, ao longo dos anos, construíram suas vidas, por isso, mais uma vez, é preciso ser colocada em evidência o anseio por um olhar sistêmico, dinâmico e holístico sobre essa realidade.

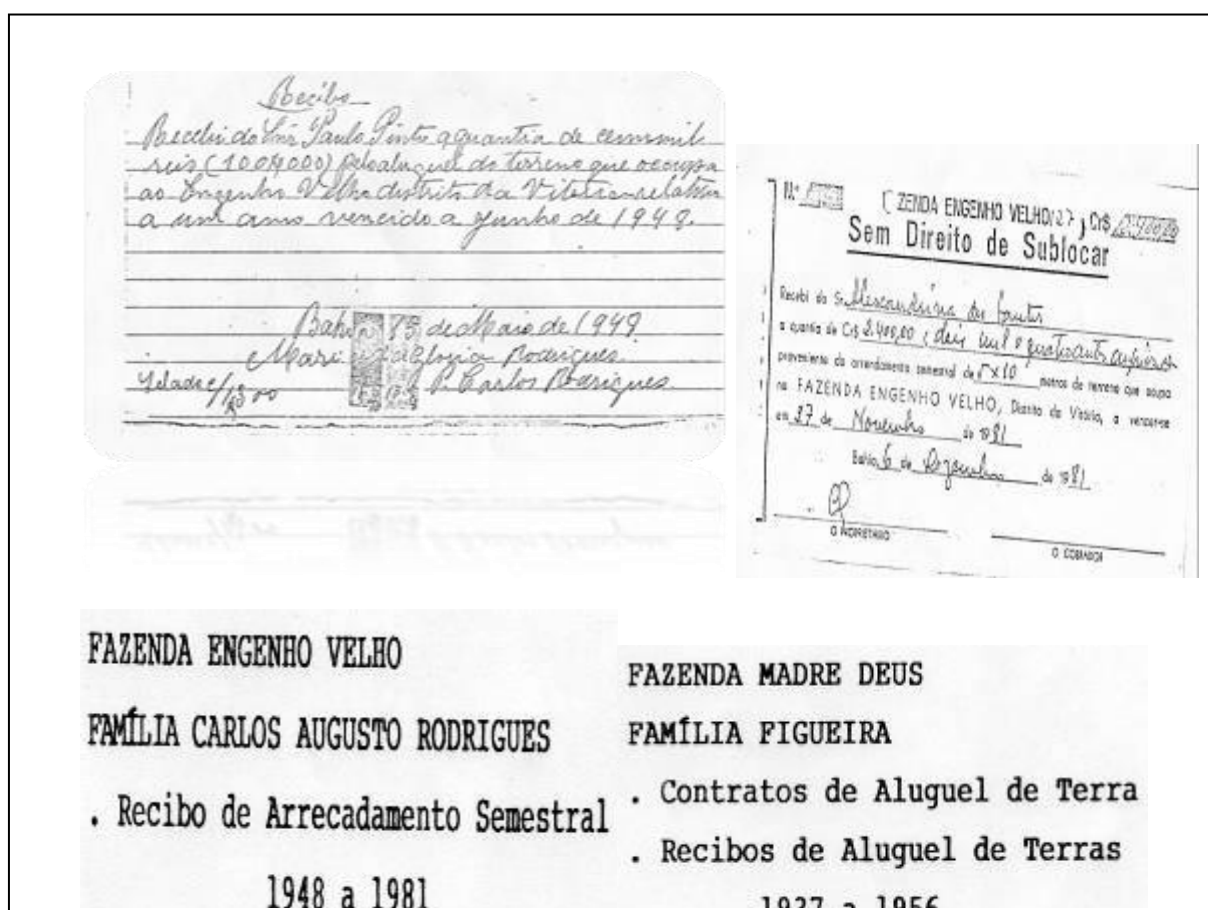


Figura 2 – Recibos de arrendamentos de lotes Das Fazendas Engenho Velho e Fazenda Madre em 1949 e 1981, respectivamente

Fonte: arquivos da Universidade Católica do Salvador

Na perspectiva de se buscar esse olhar conjuntural e dinâmico acerca da realidade do bairro Engenho Velho da Federação, segue um demonstrativo espaço-temporal dos principais eventos ocorridos nessa localidade, essa linha

temporal constitui relevante instrumento na compreensão da formação histórico-social do bairro¹¹.

1789	Lazareto
Século XIX	Capela dos Alemães
1811	Estrada do Rio Vermelho
1835	Candomblé Bogum/ Cemitério do Campo Santo
1841	Reconstrução do Cemitério do Campo Santo (Santa Casa de Misericórdia)
1851	Cemitério dos Alemães
1855	Arcos de ligação entre a Federação, Pedra da Marca e Rio Vermelho
Século XX	
1906	Candomblé do Gantois
1916	Escrituras das roças do Engenho Velho e Madre de Deus
1920/30	Criação do Noviciato e Casa de Retiro das Ursulinas
1946	Federação de Baiana de Culto Afro-Brasileiro
1948	Início dos arrendamentos nas fazendas
1955	Início da construção da Av. Vasco da Gama
1959	Conclusão das obras de construção da Av. Vasco da Gama
1960	Estação de televisão Itapuã – TV Itapuã
1961	Fundação da Universidade Católica do Salvador
1967	Conclusão da Av. Cardeal da Silva
1969	Estação de televisão Aratu – TV Aratu
1972	Código de Urbanismo de Salvador
1974	Segunda via da Av. Vasco da Gama
1976	Fim da exigência policial para realização do Culto Afro-Brasileiro
1977	Av. Garibaldi
1984	Lei 3377/84 – Legislação de Uso de Solo Urbano (LUOS)
1985	Cidade do Salvador Patrimônio Histórico da Humanidade – UNESCO

Quadro 1 – Marco Temporal Formativo

Fonte: Elaboração Ueliton Lemos, 2010

2.2 LOCALIZAÇÃO

Após esse relato, acerca da origem do Engenho Velho da Federação, faz-se imprescindível situá-lo e caracterizá-lo geograficamente. O bairro está inserido em uma área intersticial, ou seja, fica próximo aos vários centros da cidade, seja o

¹¹ Consta em anexo, a planta cidade do Salvador no período de 1851, elaborada por Carlos A. Weyll nos anos de 1845 e 1846 e publicada na Alemanha em 1851.

antigo, através do Comércio (cidade baixa), da Sé e da Av. Sete de Setembro, ou os mais recentes, como a “região” do Iguatemi e da Pituba.

Seus limites espaciais são: pelo norte, a Av. Vasco da Gama e o Alto do Sobradinho; ao sul, pelo conjunto residencial Santa Madalena e Av. Cardeal da Silva; a leste, Av. Vasco da Gama e o conjunto residencial Santa Madalena, e por fim, a oeste, a Av. Cardeal da Silva e Rua Henriqueta Catarino.

Afim de melhor compreender os limites de seu espaço físico, seguem uma imagem fotográfica disponível no Google Earth, e mais dois mapas construídos pela – *CONDER, Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia*, disponíveis no Atlas do Desenvolvimento Humano.



Foto 3 – O Engenho Velho da Federação e seus bairros vizinhos, 2010

Fonte: disponível em Google Earth

Estes mapas demonstram que o bairro está inserido na UDH14 - Unidade de Desenvolvimento Humano 14, definidos pela CONDER.

UDH consiste na unidade espacial do Atlas de Desenvolvimento Humano da RMS – Região Metropolitana do Salvador, ou seja, são os componentes, os indicadores que representam a proposta de recorte do bairro: somatório de setores censitários; população mínima - 400 domicílios amostrados (16 mil habitantes); homogeneidade; contiguidade e exceção (descontinuidade).

O bairro dispõe de três vias de acessibilidade (entrada e saída do lugar), sendo a Rua Apolinário de Santana, a principal via de acesso (circula o transporte coletivo), essa faz a ligação entre a Av. Cardeal da Silva e o final de linha. Há, também, duas outras descidas para a Av. Vasco da Gama, que são a ladeira Manoel Bomfim e a ladeira Xisto Bahia, onde passam apenas veículos de pequeno porte e, excepcionalmente, caminhões de média carga, para atendimento das necessidades dos comerciantes, no final de linha do Bairro.

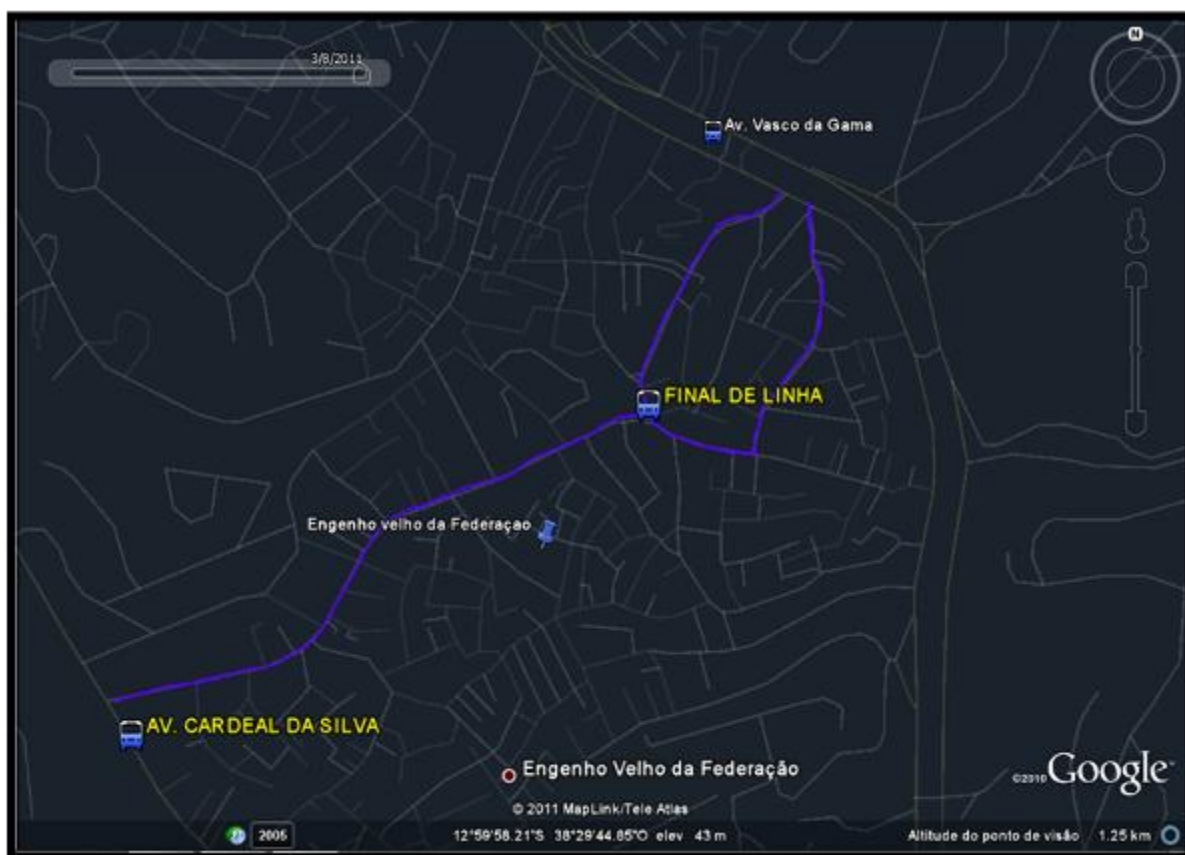


Foto 4 – Principais vias de acesso ao bairro, 2010
Fonte: disponível em Google Earth



Foto 5 – Ladeira Manoel Bomfim, via de ligação entre a Av. Vasco da Gama e o final de linha do Bairro, em 2010
 Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos

A área total, do Engenho Velho da Federação, segundo o Atlas do Desenvolvimento da RMS (2006), corresponde a 0,51 km², seu perímetro é de 3,42 km, e está adjacente na zona central da cidade, participa da Região Administrativa VII, que diz respeito ao eixo Rio Vermelho/Federação – macroárea Lucaia - Costeira.

2.3 TOPOGRAFIA

Quanto à topografia, seu espaço é marcado por ser um terreno predominantemente acidentado, composto por baixadas, encostas, vales e cumeadas.

Os domicílios são caracterizados por serem, em sua expressiva maioria, de baixo padrão construtivo e ficam localizados justamente nas cumeadas, encostas e fundos de vale, com trechos de difícil acessibilidade.

A infraestrutura de equipamentos é deficiente, bem como os serviços de transporte, que não atendem a toda área. Nessa perspectiva seguem, fotos que validam essas afirmações.



Foto 6 – Travessa de acesso ao Engenho Velho da Federação, em 2010
Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos



Foto 7 – O Engenho Velho da Federação escadas pluviais, 2010
Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos

Capítulo 3

TRÍADE CONCEITUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O TERRITÓRIO; A IDENTIDADE E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Nas páginas seguintes, as temáticas do território, da identidade e do desenvolvimento social estarão sendo postas a discussão sobre uma ótica dialogal relacional, ou seja, consiste em uma abordagem filosófico reflexiva, na qual os temas inter-relacionam em um autêntico movimento dialético interdisciplinar, buscando na realidade conjuntural os seus devidos fundamentos existenciais.

3.1 CONSIDERAÇÃO INICIAL

Tríade conceitual é uma perspectiva de compreensão da realidade aplicada ao Engenho Velho da Federação, consiste em um olhar integral, sistêmico e dinâmico, no qual e pelo qual o diálogo entre três noções conceituais território, identidade e desenvolvimento social, figuram como elementos essenciais ao entendimento da localidade enquanto espaço territorializado, construtor de identidade e com desenvolvimento social relativo.

Deve-se entender por conceito, o discurso lógico que proporciona a descrição e a classificação dos objetos cognoscíveis, e que possua direta correspondência com a realidade, sendo assim, passível de mudanças, de atualizações, visto o próprio devir sócio espacial.

A utilização das noções conceituais, em hipótese alguma constitui tarefa fácil, muito ao contrário, pois, estas estão inseridas em um contexto sócio espacial distinto, e possuem toda uma parcela de subjetividade intrínseca ao seu construtor. As noções conceituais correspondem diretamente à forma com a qual se apercebe a realidade conjuntural.

A utilização, a reutilização e a adaptação dessas noções e conceitos, precisam estar coerentes à nova proposta da pesquisa, de reflexão, dos estudos e leituras de mundo que se propõe. As noções conceituais devem estar “atualizadas”, ter correspondência ao objeto de análise, sob o risco e a pena de recair em um discurso vazio e falacioso, visto o afastamento entre a forma com que se conjectura, e a realidade experienciada.

O Prof. Vasconcelos (2008) publicou um artigo que tem como título: “*O Rigor no Uso das Noções e Conceitos na Geografia Urbana*”. Neste trabalho, dentre outras coisas, fica evidenciado a preocupação do autor, em demonstrar a necessidade de se utilizar uma noção conceitual de forma coerente, clara e concisa. E, para isso, o autor elenca diversos tópicos, os quais ele considera relevantes, para se obter o uso correto dos termos conceituais:

1. **Mudanças de lugares e contextos:** [...] as noções e conceitos foram elaborados em lugares, sociedades e contextos diferentes. O sociólogo francês Loic Wacquant, em texto de 2005, já advertia para o que ele denominava ‘difusão transatlântica de conceitos’. [...]
2. **Mudanças de cultura:** [...] as diferenças culturais também devem ser levadas em conta. O sociólogo Didier Fassin fez a relação entre a utilização de conceitos adaptados às situações socioculturais de cada região de origem [...]
3. **Mudanças de idioma:** [...] em boa parte, a responsabilidade é dos jornalistas, mas também são assimiladas pelos acadêmicos, sem uma maior reflexão, como no caso da noção de ‘sustentabilidade’, que os franceses traduziram por durabilidade, o que parece mais próximo da ideia original [...].
4. **Problemas de edição:** [...] além dos problemas das traduções das noções e conceitos em diferentes línguas, ocorrem problemas específicos da tradução dos títulos dos livros, no Brasil, mas também em outros países. [...] As vezes a imposição é do editor, visando, atingir públicos diferentes ou mais amplos [...].
5. **Mudança de disciplinas:** [...] algumas noções foram elaboradas ou reconceituadas por autores de disciplinas diferentes como no caso das noções de forma (correspondendo ao percebido), função (ligado ao vivido) e estrutura (que se concebe), por Henri Lefebvre, em 1974. Essas noções foram discutidas posteriormente, na Geografia por Milton Santos [...].
6. **Mudanças de correntes filosóficas ou teóricas:** [...] os conceitos e noções originários de correntes diferentes e às vezes opostas, são utilizadas conjuntamente, como por exemplo, a de estrutura (estruturalismo) aparece junto com as de sujeito (fenomenologia). O sociólogo Pedro Demo nos adverte que as categorias de análise devem estar vinculadas a uma teoria, como

por exemplo, para a dialética, uma categoria básica seria a do conflito social [...].

7. **Mudanças na hierarquia:** [...] algumas noções e conceitos na Geografia (e na Geografia Urbana) seriam mais importantes ou teriam mais abrangência do que outros [...]
8. **Mudanças ao longo do tempo:** [...] na geografia, como nas demais ciências, ocorre a mudança de sentido, assim como da hegemonia de uma noção ou conceito ao longo do tempo, havendo também a substituição ou o abandono de determinadas noções e conceitos, ou sua recuperação [...].
9. **Produção de novos conceitos:** [...] mais comum talvez, seja a questão do modismo, a eterna preocupação de estar up-to-date, já detectada pelos professores franceses, como Levy Strauss, nos seus cursos, na Universidade de São Paulo nos anos 1940, ou da real necessidade de novas noções e conceitos diante das mudanças dos processos, dos objetos ou da sociedade [...]
10. **Riscos de polissemia:** [...] problemas de polissemia existem a partir das palavras usadas na língua 'ordinária', refletindo o senso comum. (VASCONCELOS, 2010)

A consideração inicial tem seu escopo, não no esgotamento desta reflexão do cuidado com o uso de termos, noções e conceitos. Mas, consiste em propiciar uma leitura crítica dos conceitos, noções e termos que serão objeto de reflexão nas páginas seguintes. Vale ressaltar, que as temáticas refletidas, terão como base teórica conceitual, diversos autores como: Rogério Haesbaert:¹² (2004, 2006 e 2007), Arcangelo Buzzi¹³ (2002), Anthony Giddens¹⁴ (2002), Marcelo Lopes Souza¹⁵ (2008), dentre outros, e sua correspondência à conjuntura sócio espacial, dar-se-á no bairro Engenho Velho da Federação, local e objeto dessa dissertação.

¹² Rogério Haesbaert: graduado em Licenciatura (1979) e Bacharelado (1980) em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1995, com Doutorado-Sandwich no Instituto de Estudos Políticos de Paris), Pós-Doutorado em Geografia na Open University (Milton Keynes, Inglaterra, 2003).

¹³ Arcangelo Buzzi: licenciado em filosofia e teologia, doutor em ciências sociais e políticas pela Universidade Católica de Louvain e escritor de diversas obras e artigos relacionados a identidade e filosofia.

¹⁴ Anthony Giddens: filósofo social de extrema relevância no cenário atual, sobretudo, na Inglaterra, possui mais de vinte obras publicadas.

¹⁵ Marcelo Lopes Souza: professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Desenvolvimento Sócio- Espacial (NuPeD), autor de diversas obras e artigos científicos relacionados ao desenvolvimento urbano e social.

3.2 TERRITÓRIO

A reflexão sobre o conceito ou a noção de território, implica em um esforço de busca da compreensão de uma realidade estabelecida e ao mesmo tempo não findada, dinâmica e complexa, que se manifesta sobre as mais diversas perspectivas das relações humanas, e, deste modo,

[...] por ser relacional, o território é também movimento e fluidez, interconexão – em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade. [...]. Enquanto relação social, uma das características mais importantes do território é sua historicidade. Voltando a esse atributo, mesmo que consideremos o território uma territorialidade como constituinte inerente a todo o grupo social, ao longo de toda a sua história, é imprescindível diferenciá-lo na especificidade de cada período histórico. (HAESBAERT, 2004, p. 82-83)

Tecer um conceito significa realizar um recorte tempo – espacial sobre um determinado objeto cognoscível, buscando, através dele, uma forma de descrever os fenômenos percebidos na realidade conjuntural.

Sobre isso, o bairro Engenho Velho da Federação representa o objeto cognoscível, nele reside a base real, concreta e dinâmica para o exercício da reflexão, construção, elaboração e adaptação da noção de conceito acerca do território. Vale ressaltar, a impossibilidade de limitar o devir do processo de construção social, sendo assim, as reflexões realizadas neste trabalho, consistem, essencialmente, em uma contribuição para o entendimento das relações territoriais estabelecidas entre as pessoas e o espaço.

Enfim, o que é o território? Como compreendê-lo? Segundo Haesbaert, a origem do território consiste em uma dualidade conceitual, nele estão inseridas duas categorias fundamentais: material e simbólica. Sua etimologia abarca tanto *terra-territorium*, quanto o *terreo-territor*. Ou seja, na medida em que exercemos poder sobre o espaço, tanto para realizar funções quanto para produzir significados, constituímos automaticamente o território.

O território, portanto, é construído no jogo entre o material e imaterial, funcional e simbólico. Poderíamos, mesmo, afirmar que as concepções de território capazes de responder melhor pela realidade contemporânea, devem superar os dualismos fundamentais: tempo – espaço, fixação – mobilidade, funcional e simbólico. Por isso, propomos ver o território a partir da(s):

- Perspectivas que valorizam as relações e os processos: o território no sentido relacional e processual (devendo-se mesmo falar mais em processos de 'territorialização' do que de território como entidade estabilizada);
- Múltiplas temporalidades e velocidades nas quais ele pode ser construído, desde os territórios com maior fixidez e estabilidade até aqueles mais moveis e flexíveis;
- Conjugação entre ou num *continuum* que se estende desde os territórios mais funcionais até aqueles com maior carga (ou poder) simbólica (o). (HAESBAERT, 2007, p. 37-38).

A citação de Haesbaert contribuirá substancialmente para compreensão da realidade complexa do Engenho Velho da Federação, no qual o bairro precisa ser observado enquanto o resultado de um processo histórico-social de construções e desconstruções relacionais, elas, as pessoas, territorializam continuamente o local, o bairro em que vivem ao longo dos anos, em seu ritmo, e em seu tempo.

Haesbaert continua a reflexão sobre o território, afirmando que se trata de um espaço imerso em relações de dominação e ou de apropriação sociedade-espaço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica, mais concreta e funcional, à apropriação mais subjetiva ou cultural-simbólica. Isto fica evidenciado nas palavras do autor, conforme citação abaixo.

- Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa, também, a todas as relações espaço-poder institucionalizadas) [...]
- Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
- Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho. (HAESBAERT, 2004, p. 40)

A forma com a qual essas três vertentes (política, cultural e econômica) se relacionam, definem a própria noção de conceito acerca do território. Muito embora, fatores como fluidez, flexibilidade e complexidade estejam imbricados nessa tríade.

Sobre estas vertentes, o bairro do Engenho Velho da Federação possui significativos expoentes, conforme os recortes de jornais:



Recorte de jornal 1 – Matéria divulgada no jornal A Tarde, demonstrando dinâmica cultural, no Engenho Velho da Federação, em 13 de julho de 2008
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos



Recorte de jornal 2 – Matéria divulgada no Jornal A Tarde, artigo demonstrando a dinâmica cultural no Engenho Velho da Federação, em 28 de outubro de 2007
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

Estes recortes corroboram com a ideia de que as pessoas, os estabelecidos, através de ações relacionais, podem consolidar um território, um território não isolado, fixo e estático, mas, muito ao contrário, dinâmico e dialogal, no qual a participação coletiva ou de boa parte das pessoas residentes, na localidade, faz a diferença, uma vez que constroem organizações ou instituições políticas, religiosas e econômicas, que os representam, em qualquer que sejam as instâncias.



Recorte de jornal 3 – Matéria divulgada no jornal Tribuna da Bahia, demonstrando a organização política no Engenho Velho da Federação em 29 de março de 1988

Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

As ações exercidas no território formam e transformam as paisagens locais, elas são o resultado de um devir histórico – sócio – cultural.

O que se constata, atualmente, é o produto dessa equação social, no qual, cada elemento é parte integrante e atuante desse processo, que por sua vez é dialogal, pois, na medida em que se exerce tal influência sobre o ambiente, território, recebe-se imediatamente o seu retorno, na mesma proporção, fato que se evidencia pela afetividade e sentimento de pertencimento das pessoas ao lugar, (reservo esse tema, especificamente, para os capítulos seguintes, visto sua necessidade para o entendimento da reflexão acerca da identidade).

A paisagem vista atualmente é o retrato do território, esse que é puro devir, e, portanto a paisagem da mesma forma tornar-se mutante, transitória, devido à fluidez territorial, na medida em que se mudam os aspectos constituintes do território, imediatamente o resultado do retrato da paisagem é modificado, é uma relação direta e proporcional.

A paisagem, ela própria, consolida a sua transitoriedade enquanto se apresenta como uma explicitação, menos ou mais claramente inscrita nos objetos e formas, efêmeros e relativamente fixos, através dos quais ela se constitui. A paisagem na história é a expressão dos corpos e da sua história de movimentos. Entretanto, o movimento dos corpos e sua transitoriedade são o resultado de processos, muitas vezes invisíveis, que se referem à produção e a utilização do espaço, à delimitação dos lugares, à constituição dos territórios, dos seus limites e das suas fronteiras. [...]

Formas, conteúdos e processos não estão dissociados: corpo e história processual do corpo. Há, portanto, corpos de todo os tipos e formas. Os corpos refletem o caminho processual que constroem. Na forma que assumem, eles carregam a sua história, a sua origem, a sua natureza. (HISSA *in* RIBEIRO; MILANI, 2009, p. 52)

O EVF¹⁶, bairro de acentuada topografia e de complexas e profundas relações sociais, abriga em seu território, famílias inteiras em suas cumeadas, encostas, vales e baixadas, fato que reproduz uma espécie de topografia social, ou seja, distintas classes econômicas, representadas por estas famílias, ocupam espaços diferentes de um mesmo território. Elas estão dispostas no bairro de tal forma, que evidenciam o próprio processo de consolidação territorial.

O território é um *corpo de mundo*: um *recorte da totalidade do corpo do mundo*. Poderá parecer contraditória a imagem de um conceito feito de aberturas, posto que ele pressupõe a existência de limites para existir como um domínio ou como uma manifestação de poderes. Esta, contudo, é uma leitura que já encontrou seu passado e, caso não seja exatamente assim, é uma leitura que deverá ser referenciada pelas contemporâneas transformações do corpo do mundo, que concedem existência ao corpo territorial. O território é um recorte sempre incompleto da totalidade – também sempre incompleta – do corpo do mundo que se transforma, a partir, da referência da totalização. O território é, portanto, um corpo social, também, aberto, dentro do corpo do mundo, que se manifesta através de uma diversidade de formas, inclusive físicas. [...]. (HISSA *in* RIBEIRO, 2009, p. 76)

¹⁶ A partir desse momento, deve-se compreender EVF como abreviatura do bairro Engenho Velho da Federação.



Fotos 8 e 9 – Principal via de acesso ao bairro av. Apolinário de Santana, seguido do retrato do final de linha, local onde se concentra o terminal de transporte coletivo e um incipiente mercado de primeira necessidade, 2009
Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos



Foto 10



Foto 11

Fotos 10 e 11 – Via periférica de acesso ao Bairro, seguida do retrato da vista panorâmica da baixa do Engenho Velho da Federação, 2009
Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos

As fotos, acima, ilustram a forma com a qual os estabelecidos estão dispostos no bairro EVF, nas primeiras imagens destaca-se uma acentuada organização urbana, onde, observa-se um sistema de transporte urbano, que atende as pessoas que residem nas proximidades. (reservo as temáticas: acessibilidade e transporte público para os capítulos seguintes, pois serão melhores elucidadas)

Por outro lado, nas duas imagens seguintes, se constata, à primeira vista, uma total ocupação desordenada do território, residências sobrepostas umas as outras, dificultando a acessibilidade dos próprios residentes. Entretanto, basta apenas adentrar no lugar, para verificar que no “caos” existe “logos”, os espaços foram todos preenchidos e as famílias construíram seus lares, onde criam seus filhos e vivem suas existências, nas dimensões da subjetividade e da objetividade.

O território do EVF é um constante devir híbrido, cuja suas variáveis simbólica e material estão explícitas nas ruas e vielas do bairro e, sobretudo, nas pessoas, o que possibilita a um simples caminhar, identificar características idiossincráticas, únicas dessa constituição social.

[...] o território compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espacial ou geograficamente mediadas, e de que a territorialidade ou a contextualização territorial é inerente à condição humana. Embora, muito variável em suas manifestações, o território está presente em todo processo histórico. Trata-se da noção mais ampla de território, e que, muitas vezes, se confunde com a própria noção de espaço geográfico [...]

O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido [...] (HAESBAERT, 2004, p.78)

A noção conceitual de território possível acerca do EVF, consiste não em uma determinação conjuntural da realidade que compõe o bairro, haja vista, que desta forma, todo e qualquer conhecimento desenvolvido, estaria fadado a invalidez, devido a não correspondência com a realidade.

Por outro lado, faz-se mister adotar uma nova perspectiva de compreensão da realidade, é preciso apreender o real como o devir, e entender que o indivíduo é o produto de suas ações em relação com a sociedade, e a sociedade por sua vez, consiste no local em que essas relações se dão, sejam tanto no aspecto simbólico e

cultural, quanto material e econômico, a medida que formamos, somos formados, é o verdadeiro movimento dialógico¹⁷.

A diversidade territorial é, diretamente, proporcional à diversidade das pessoas que as compõe. Esta multiplicidade de territórios evidencia o quão cada pessoa é diversa uma das outras, contudo, diferente não significa ser pior, nem melhor, nesta reflexão não se acrescenta juízo de valor, apenas, aceita-se a diferença, a outridade.

Esta diferença constitui o primeiro passo para a caracterização identitária, tema que será discutido, no próximo tópico, deste mesmo capítulo.

3.3 IDENTIDADE

A reflexão acerca da identidade de um espaço, de um território, ou mesmo de um lugar, representa um esforço de caracterização destes, no qual e, pelo qual, as pessoas ou os seus agentes inseridos nestes ambientes, serão reconhecidos.

Este reconhecimento, em hipótese alguma, deve ou precisa ser estático, findado em si mesmo, ao menos, que se façam as devidas considerações tempo-espaciais e se atribua para aquele momento, específico, sua identidade, do contrário, o resultado da reflexão proposta seria um engodo, pois, não haveria a devida correspondência com a realidade, que por sua condição existencial é transitória, é o constante devir.

Por causa de seu dinamismo reflexivamente mobilizado – embora, intrinsecamente errático – a atividade social moderna tem um caráter, essencialmente, confractual. [...] um âmbito indeterminado de cursos potenciais de ação (com seus riscos correspondentes) se abre a cada momento para os indivíduos e coletividade. Escolher, entre tais alternativas, é sempre uma questão ‘como se’, uma questão de selecionar entre ‘mundos possíveis’[...]

Dada a reflexividade da modernidade tardia, o futuro não consiste exatamente na expectativa de eventos ainda por vir. Os ‘futuros’ são reflexivamente organizados no presente, em termos de fluxo crônico do conhecimento nos ambientes [...] (GIDDENS, 2002, p. 33).

¹⁷ Movimento dialógico: consiste no voltar-se-para-o-outro de corpo e alma, com a totalidade do ser e, o outro, transforma-se em presença autêntica (BUBER, 1982, p. 56).

Para realizar a proposta da reflexão indenitária do bairro do EVF, o esforço consiste no primeiro instante, na pesquisa de sua origem e constituição territorial (discussão realizada nas páginas anteriores) e, a partir daí, observar os aspectos conjunturais que o faz, desde as instituições locais, até as relações estabelecidas entre seus respectivos moradores.

Territórios são constituídos como parte indissolúvel de processos identitário, quando a identidade propugnada, pelo juízo valorativo constituído em determinada relação inter-discursiva (sentido) e por circunstâncias históricas definidas (significado), importa na necessidade estratégica de face ao intuito de reconhecimento/legitimação social (interna e externa) – ser afirmada sob modalidade que remeta a um acontecimento originário, fundador, instituído [...] (ARAÚJO, 2007, p. 31-32)

A fim de favorecer e propiciar um maior aprofundamento sobre o tema proposto, a identidade, autores de referência participarão de forma alternada ao longo deste tópico. Contribuindo, sobretudo, em fazer com que esta atividade adquira um caráter de complexidade multidisciplinar, no sentido de aperceber e apreender a essência fenomenológica das relações indenitárias estabelecidas nesse lugar, o EVF.

Portanto, Arcângelo Buzzi em sua obra *A Identidade Humana: modos de realização* (2002) inicia sua participação com uma noção conceitual relevante:

A identidade humana procura acercar-se do fundamento da realidade, insinuando na sua maneira de dar-se e de subtrair-se, de revelar-se e de esconder-se, de mostrar-se e de ocultar-se. Acercar-se deste fundamento é entrar no reino da Liberdade. (BUZZI, 2002, p. 28)

A identidade é conquistada através do exercício da liberdade, associada à intencionalidade do indivíduo em relacionar-se com a realidade e consigo, deixa-se o universo do nada, e insere-se no plano do *sendo*, enquanto existência indenitária, realizada através do fenômeno relacional.

Para o exercício da reflexão fenomenológica relacional, a filosofia poderá contribuir sistematicamente, autores como o filósofo, Martin Buber, Emmanuel Lévinas e outros, possibilitarão maior elucidação de tais eventos.

A exemplo do acima dito, as obras *Eu e Tu* (2000) e *Do Diálogo e do Dialógico* (1982), cujo autor, é o filósofo judeu Martin Buber¹⁸, representam uma significativa ferramenta no auxílio dessas reflexões, visto que se trata de um esforço que consiste em demonstrar a forma com a qual o Homem se relaciona com a outridade.

Buber estabelece dois pares de palavras – princípios, o par Eu-Tu e o par Eu-Isso, o primeiro diz respeito ao fenômeno da relação autêntica, na qual o indivíduo transcende sua própria existência no momento da realização da relação autêntica. O segundo por sua vez consiste na forma relacional reificante, na qual o outro consiste em um simples objeto de experiência, no qual é possível quantificá-lo, experienciando-o em todas as suas particularidades.

Estas relações acontecem no espaço no qual as pessoas vivem e constroem suas histórias junto a outros indivíduos, enfrentando suas dificuldades e festejando suas conquistas. Tuan¹⁹ (2007) considera a relação entre a identidade e o lugar como topofilia, que segundo ele consiste nos laços afetivos estabelecidos entre as pessoas e o lugar, ou o ambiente circundante, fruto da existência fenomenológica vivida e concebida pelas pessoas e o lugar.

La palabra <topofilia> es un neologismo, útil en la medida en que puede definirse con amplitud para incluir todos los vínculos afectivos del ser humano con el entorno material. Dichos lazos difieren mucho en intensidad, sutileza y modo de expresión. La reacción al entorno puede ser, principalmente, estética y puede variar desde el placer fugaz que uno obtiene de un panorama a la sensación igualmente fugaz, pero mucho más intensa, de la belleza que se revela de improviso. La respuesta puede ser táctil: el deleite de sentir el aire, el agua o la tierra. Más permanente - pero menos fácil de expresar – es el sentir que uno tiene hacia un lugar, porque es nuestro hogar, el asiento de nuestras memorias o el sitio donde nos ganamos la vida. (TUAN, 2007, p. 130)

A topofilia, objeto de estudos e pesquisas desse geógrafo chinês, compreende, também a realidade do EVF. Neste lugar as pessoas estabeleceram laços, fincaram suas vidas, constituíram suas famílias, de tal sorte, que dentre as quatrocentas

¹⁸ Martin Buber: filósofo de significativa relevância nos estudos da fenomenologia das relações, dedicou-se aos estudos relacionados ao indivíduo e a comunidade. Escritor de variadas publicações filosóficas na qual enfatizava a relevância do diálogo como princípio de interação. As palavras-princípio, Eu-Tu (relação), Eu-Isso (experiência) consolidam a existência do ser.

¹⁹ Yi-Fu Tuan: geógrafo humanista de significativa relevância na atualidade, autor de diversas obras, dentre elas *Topofilia*, que consiste em uma reflexão acerca das percepções individuais/pessoais em relação a realidade conjuntural. Topofilia diz respeito ao estudo das relações afetivas do indivíduo e o lugar.

para as pessoas que responderam o questionário de pesquisa, foi possível desenvolver uma figura na qual se evidencia o percentual de identificação social do lugar.

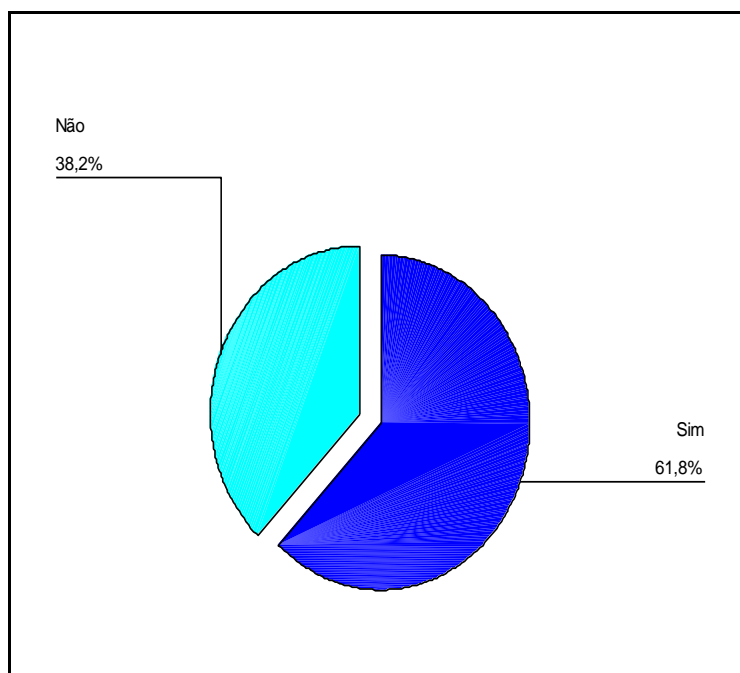


Figura 3 - Percentual dos moradores que se identifica com o bairro do Engelho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Observando a figura que representa o percentual de identificação social ao lugar, constata-se facilmente que a maioria dos residentes demonstra ter desenvolvido uma relação indenitária com o bairro. Isto se dá por diversas variáveis, desde a construção de suas residências pelas próprias mãos (conforme relato de alguns entrevistados no momento da execução do questionário), até a quantidade de tempo que vivem no lugar, ou seja, para viver o ser humano necessita atribuir algum valor ao mundo, a sua realidade territorial.

Outro fato que suscita observação, diz respeito à qualidade de vida dessas pessoas, e para isso a figura abaixo ilustra perfeitamente o nível de satisfação dos moradores com o bairro (estrutura psicofísicas, objetividade e subjetividade), estes responderam a partir de suas próprias vivências diárias, pois, a questão embora objetiva envolva também aspectos da subjetividade, impossibilitando a dissociação desses aspectos estruturantes individuais que fundamentam a sociedade.

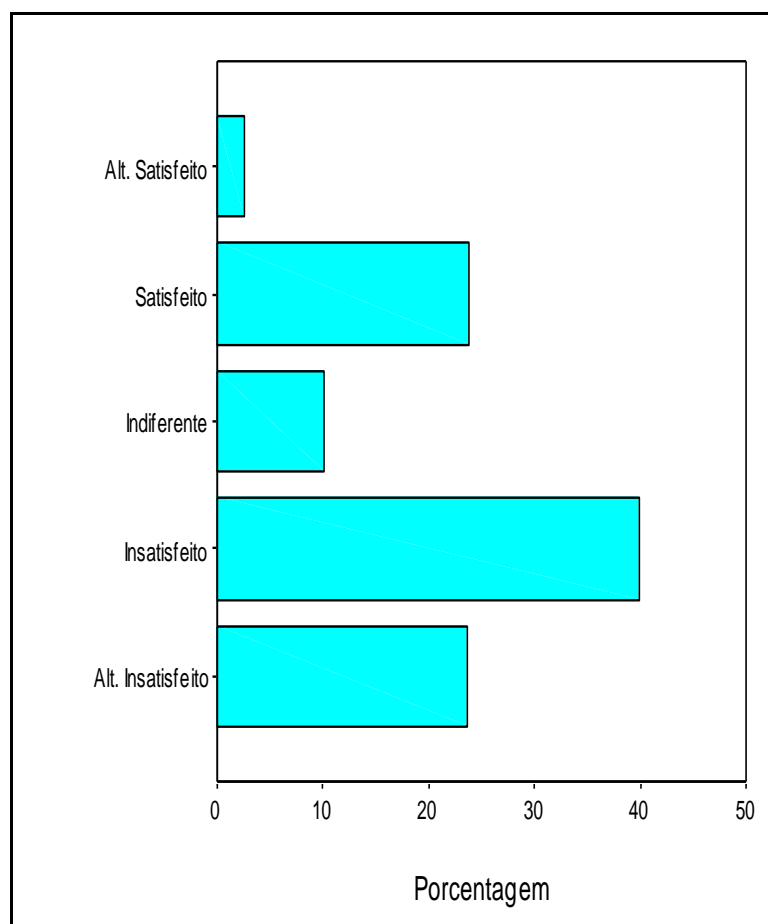


Figura 4 - Percentual do nível de satisfação dos moradores com o bairro do Engelho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Na medida em que se avança com a reflexão acerca do nível de satisfação dos moradores e da relação indenitária com o bairro, percebe-se a existência de um paradoxo existencial. Pois, uma maior expressão em níveis percentuais dos entrevistados afirma identificar-se com o bairro, e concomitante a este dado, tem-se o resultado de outra questão do mesmo questionário, no qual fica explícita a insatisfação dos mesmos com o lugar.

Esta condição paradoxal é uma forma de expressão territorial que implica na constituição da identidade local, as variáveis que levaram a insatisfação das pessoas junto ao bairro, serão posteriormente melhor elucidadas, quando tratado a questão do desenvolvimento social. Portanto, o cerne indenitário em questão tem seu escopo na forma com a qual mesmo insatisfeito, eles, os moradores, afirmam categoricamente sua afeição ao lugar.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de

que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então costura, (ou para usar uma metáfora médica 'sutura') o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006, p. 11-12)

Paralelo ao posicionamento de Hall²⁰ (2006), tem Bauman²¹ (2005), que dentre outras reflexões acerca da problemática da identidade e mais especificamente identidade social, expõe suas ideias afirmando ser o problema da identidade a consistência e continuidade dos processos, para isso o indivíduo busca amparo no real, nos grupos sociais.

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer natural, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um 'nós' [...] (BAUMAN, 2006, p. 30).

A busca pelo 'nós' conforme Bauman, diz respeito ao anseio de pertencimento do indivíduo a um grupo ao qual tenha semelhança, este mesmo grupo necessita por sua vez validar o indivíduo, aceitando-o como igual, certificando-o identitariamente, sob pena deste, ser visto como um impostor, falso ou intruso.

O EVF, embora seja um bairro particular e de características bastantes relevantes, seja tanto nos aspectos topográficos, quanto nos culturais, em relação às demais localidades da cidade do Salvador, traz em si certo grau de estratificação topo-social, o que também remete a uma nova concepção indenitária interna. Os residentes da cumeada do bairro possuem características que os da baixada ou vale não possuem, estas peculiaridades são decorrentes de diversas variáveis como: acesso a educação de melhor qualidade, fator econômico mais favorável, saúde, dentre outras. Vale ressaltar que, apesar do acesso a variáveis, essa dissertação não tem a finalidade de valorar o melhor ou pior, mas sim, identificar e refletir sobre

²⁰ Stuart Hall: importante pensador da área dos estudos sociais na contemporaneidade, professor da Open University – Inglaterra e o um dos fundadores do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham.

²¹ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, autor de diversos livros e artigos que versam desde a constituição indenitária do indivíduo em sociedade até reflexões relacionadas a consumo, globalização, política, etc.

esta complexidade territorial indentária que em sua totalidade constitui o bairro como um todo dinâmico, único e diverso.

Assim, mesmo dentro de um único bairro com sua identidade consolidada é possível verificar uma espécie de subidentidades, na qual as pessoas podem ser vistas e reconhecidas como parte de um mesmo grupo, quando em relação a outras localidades, e também distintas quando em relação ao interior do lugar – EVF: *“[...] a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras”* (BAUMAN, 2006, p. 44).

A constituição indenitária dá-se mediante o exercício da liberdade, o indivíduo busca através das relações estabelecidas com as demais pessoas a sua própria formação pessoal.

[...] Dar –se é expor-se ao ardil da inteligência, ser apreendido pela mediação do conceito, da luz do ser em geral, por um desvio, pela ‘lateral’; dar-se é significar a partir daquilo que não se é. A relação com o rosto, acontecimento da coletividade – a palavra – é relação com o próprio ente, enquanto puro ente. (LÉVINAS, 1997, p. 32.).

Conjecturar acerca da identidade, implica necessariamente na realização de reflexões sobre os temas: território, tempo, relação, indivíduo e liberdade.

Dessa forma, a *posteriori* a realização destas reflexões, a noção conceitual da questão da identidade, pode ser compreendida como sendo um processo pelo qual o indivíduo parte do exercício da liberdade, estabelecendo relações com outras pessoas no lugar/espaco/território e em um tempo/devir constrói sua identidade, que por sua natureza é incompleta e que anseia atualizações.

3.4 DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O desdobramento do tópico desenvolvimento social, implica, antes, um esclarecimento conceitual acerca do que se compreende por desenvolvimento, para que posteriormente seja possível debruçarmos sobre a questão social.

Antes de qualquer outra coisa, é preciso ter clareza na distinção entre desenvolvimento e crescimento, pois, por muitas vezes ouvimos ou somos tomados a entender ambos como sinônimos, ao passo que não são, ou, pior, constantemente, é veiculado nas grandes indústrias midiáticas que o fato de se obter maior e contínuo crescimento econômico, necessariamente, terá um desenvolvimento social justo e equitativo, como se o crescimento econômico fosse condição *sine qua non* para o desenvolvimento.

Por crescimento, devem-se compreender os aspectos quantitativos, números, estatísticas, renda, capital, etc.

Por desenvolvimento, compreende-se o processo pelo qual as ações humanas transformam a sociedade, de uma forma conjuntural, seu fator determinante consiste na qualidade dessas mudanças estruturais, e não apenas os fins são considerados, mas, sobretudo os meios.

Uma vez expostas as noções conceituais, faz-se necessário o devido aprofundamento da temática supracitada, e para tanto José Eli da Veiga²², autor da obra *Desenvolvimento Sustentável o Desafio do Século XXI* (2005), traz-nos importantes contribuições.

Ninguém duvida de que o crescimento é um fator muito importante para o desenvolvimento. Mas não se deve esquecer que no crescimento a mudança é quantitativa, enquanto no desenvolvimento ela é qualitativa. Os dois estão intimamente ligados, mas não são a mesma coisa. E sob vários prismas a expansão econômica chega a ser mais intrigante que o desenvolvimento. (VEIGA, 2005, p. 56).

Realizando as necessárias aproximações conceituais à realidade do EVF, constata-se, ao simples caminhar pelas ruas e vielas do bairro, a urgência de se fomentar um amplo crescimento econômico a sua população residente, e uma maior distribuição de projetos que visem a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

O básico a existência humana, com o mínimo de dignidade é a conquista de seu lar, sua residência, para a realização desta demanda a população tem buscado seus direitos nas instâncias competentes, auxiliada inclusive pela Associação de Moradores do Engenho Velho da Federação – AMOEVF, em parceria com a

²² Jose Eli da Veiga: Professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, FEA – USP. Escritor de livros e artigos concernentes aos temas relacionados ao desenvolvimento e da sustentabilidade.

Universidade Católica do Salvador (UCSAL), essa desenvolvia um projeto de regularização fundiária, que tinha o escopo a legalização das residências dos moradores dessa localidade, muitos conseguiram obter através desse projeto a escritura de suas casas, mas, segundo a AMOEVF e a UCSAL, ainda restam muitos.

A figura abaixo evidencia em níveis percentuais, a quantidade de pessoas que afirmam ter suas residências nas variáveis: própria, alugada e de favor. Verifica-se que a maioria respondeu ter a posse de sua casa, contudo esse fato não corresponde à esfera legal, pois, mesmo afirmando ser própria, a maioria, não dispõe das respectivas escrituras de propriedade.

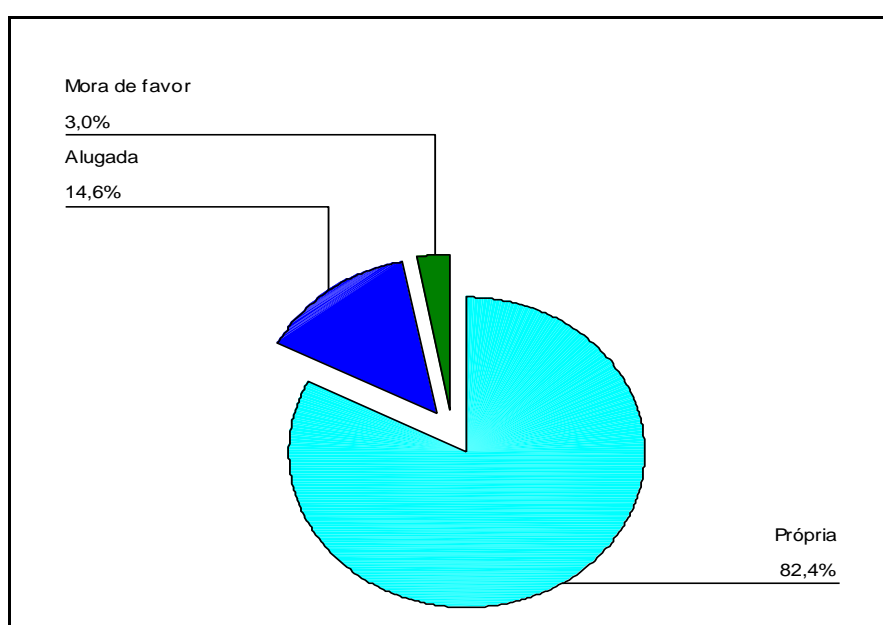


Figura 5 - Percentual da condição de moradia dos habitantes do bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Outra variável que merece atenção, diz respeito à quantidade de imóveis alugados, pois, 14,6% é um número considerável diante da amostragem pesquisada (quatrocentos questionários), este dado nos remete a criação de algumas hipóteses como: a centralidade do bairro associada ao baixo valor dos aluguéis, devido à falta de estruturas públicas (segurança, saúde, lazer, educação, etc.) podem ser algumas das causas desse percentual obtido? A localização do Engenho Velho da Federação pode ter exercido significativa relevância na escolha de uma casa para ser alugada, visto a proximidade que tem com os principais centros comerciais, instituições de ensino superior, redes de abastecimentos (supermercados e hipermercados), hospital, praias, etc.



Recorte de jornal 4 – Artigo veiculado no jornal A Tarde, no ano de 1982, evidenciando o desejo dos moradores em legalizar suas casas
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

Embora a regularização fundiária, ainda hoje, consista em um relevante problema para as pessoas do bairro, o governo federal através dos seus ministérios reconheceu a área do EVF como patrimônio cultural, por conta disso alguns investimentos foram anunciados conforme segue na matéria do jornal abaixo.



Recorte de jornal 5 – Artigo veiculado no jornal A Tarde, no ano de 1998, anunciando obras a ser realizada no bairro
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

Todas essas ações em um contexto social urbano, sem dúvida alguma, provocam o seu crescimento, mas, o quê realmente é este crescimento e como deve

impactar no desenvolvimento da qualidade de vidas das pessoas? Sobre essas questões Marcelo Lopes (2008), tem muito a esclarecer.

[...] Falar de desenvolvimento social parece, a primeira vista, razoável, desde que se explicita que o adjetivo, aqui, está abrangendo a totalidade social em suas várias dimensões: economia, política (no sentido amplo de relações de poder) e cultura. Contudo falta algo: aquilo que se pode chamar de a dimensão espacial da sociedade. [...].

O espaço social não é um simples dado sem maior importância para a vida social. O espaço social é, ao mesmo tempo, um produto das relações sociais, e um condicionador dessas mesmas relações. A organização espacial e as formas espaciais refletem o tipo de sociedade que as produziu, mas a organização espacial e as formas espaciais, uma vez produzidas, influenciam os processos sociais subsequentes. Aquilo que em linguagem mais técnica, corresponde ao substrato social, [...] (SOUZA, 2008, p. 99).

As palavras de Souza provocam questionamentos, pois, na medida em que se vive em sociedade, o indivíduo é, necessariamente, produto e produtor desse espaço social, haja vista que ele influencia e ao mesmo tempo é influenciado, em uma relação recíproca, mas não equitativa de 'poderes sociais'. Estas relações sociais refletem o que a sociedade é e em como está disposta no espaço, fazendo o exercício da aproximação conceitual mais uma vez. Constata-se ao simples lance de um olhar para a realidade soteropolitana ou mais especificamente o EVF e seus vizinhos ricos, para perceber quão desigual é essa realidade.



Recorte de jornal 6 – Artigo do jornal Correio da Bahia, evidenciando a dualidade existencial no Engenho Velho da Federação, 1992
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

Ainda assim, mesmo inserido em uma realidade desigual, o indivíduo busca sobressair-se, emancipar-se e encontra no exercício da liberdade um caminho, uma alternativa para a efetiva realização de seu ser e a promoção do desenvolvimento social, pois, como membro integrante e participante da sociedade, significa dizer que suas conquistas individuais refletem diretamente em seu meio social, fomentando, desta maneira, o próprio desenvolvimento social. Portanto:

[...] a liberdade individual precisa ser considerada como um comprometimento social. Ou seja, a expansão da liberdade é vista por Amartya Sen como o principal fim e o principal meio para o desenvolvimento. Consiste na eliminação de tudo o que limita as escolhas e as oportunidades das pessoas. O crescimento econômico, obviamente, pode ser muito importante como um meio de expandir as liberdades desfrutadas pelos membros da sociedade.[...]. (VEIGA, 2005, p. 34).

É mister compreender que a realidade disposta tal qual se apercebe, é o fruto de infinitas ações voluntárias individuais, e portanto, todos são responsáveis indireta ou diretamente. Desse modo:

[...] precisamos reconhecer e assumir uma pluralidade de papéis e de participações. O indivíduo que é mais livre é aquele que é capaz de assumir uma diversidade de situações e de papéis. Pertencemos todos a esferas de natureza diferente, a esfera familiar, cultural, etc., e a liberdade consiste menos, sem dúvida, em as poder reunificar, do que sermos capazes de nos movimentar entre as esferas. (MORIN; PRIGOGINE, 1996, p. 48).

Enfim, a reflexão quanto à temática do desenvolvimento social reflete as condições reais existenciais da localidade, o desenvolvimento é o resultado da dinâmica territorial, que visa, sobretudo, a melhor qualidade de vida das pessoas no lugar.

As ações de desenvolvimento social no EVF representa uma tentativa de se conseguir melhores condições de vida para as pessoas, sobre todos os aspectos, desde os mais simples aos mais complexos e essenciais a dignidade da pessoa humana, É preciso tomar consciência da necessidade destas situações e buscar, através de ações tanto individuais quanto coletivas, mediante o intermédio das instituições sociais existentes (sociedade civil organizada), potencializar a relação entre território, identidade e promoção do desenvolvimento social.

Capítulo 4

ANÁLISES DE ALGUNS DOS ÍNDICES QUE REPRESENTAM O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Compõem os índices de desenvolvimento humano, as questões relativas à habitação, educação, renda *per capita* (pobreza e desigualdade), emprego e outros. Nessa pesquisa dissertativa alguns desses indicadores serão analisados com o intuito de se obter uma percepção mais próxima possível da realidade conjuntural do Engenho Velho da Federação, assim segue:

4.1 MORADIA

A figura 05 na página 57, demonstra, que a aproximadamente 78% das pessoas entrevistadas declarou morar em casa própria, o que sugere a possibilidade de serem moradores antigos, visto que, já estão estabelecidos nos imóveis que em sua maioria, construídos pelas próprias mãos dos moradores ao longo de sua permanência no local. Eles, também, demonstraram certo grau de organização, fato confirmado pela presença de instituições sociais antigas, como a Associação dos Moradores do Engenho Velho da Federação (AMOEVF), a Paróquia de Santa Cruz, o Terreiro de Candomblé Bogun, dentre outras.

É característica na maioria das construções residenciais dessa localidade, um baixo ou inexistente “acabamento” nos imóveis, geralmente são sem reboco (revestimento de um composto de cimento e argila nas paredes), com isso os tijolos ou blocos ficam expostos às intempéries (temperatura, chuvas, ventos, umidade). Em outras poucas casas, observa-se pintura nas paredes, mas, na maior parte das residências estão equipadas com grades e portões de ferro, o que sugere uma tentativa do morador estar garantindo a segurança de seu lar, por uma necessidade real, haja vista que poucas são as ações policiais nessa localidade segundo dados obtidos pela pesquisa desenvolvida em campo.

4.2 EDUCAÇÃO

Uma vez, visto e refletido acerca das condições de moradia das pessoas, no bairro Engenho Velho da Federação, faz-se necessário avançar com a pesquisa, e para tanto, a educação, constitui relevante tema a ser discutido, por isso, é demonstrado, na figura que se segue, o percentual relativo ao tipo de instituição de ensino frequentada pelos moradores.

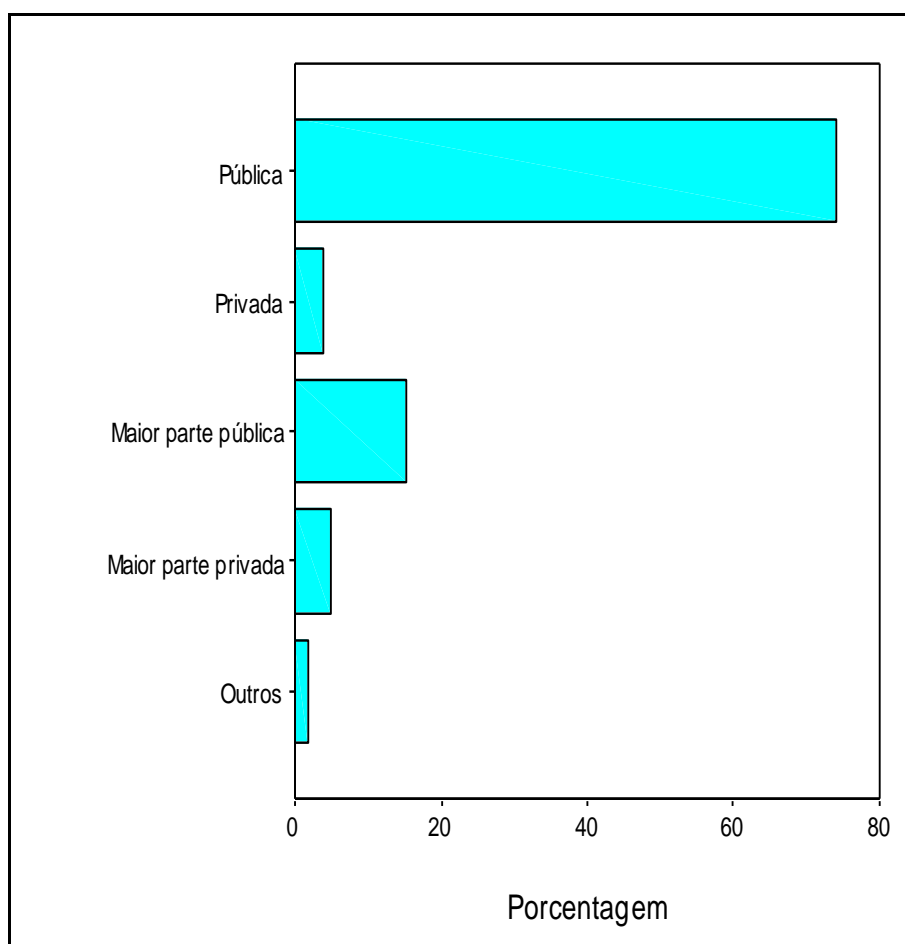


Figura 6 - Percentual de estudantes por tipo de instituição de ensino no bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

A figura deixa claro, que aproximadamente 77% dos entrevistados afirma ter realizado seus estudos, em instituições de ensino pertencentes à rede pública (municipal ou estadual), tanto as instituições públicas totais, quanto as parciais. Isso se deve ao baixo poder aquisitivo dos moradores, (conforme figuras dispostas nas páginas seguintes).

Por outro lado, quando realizados recortes mais específicos, evidenciam-se alguns distanciamentos, sobretudo, quando inferido sobre a relação entre o percentual do gênero, com o percentual da educação. Homens e mulheres, que *a priori*, tiveram as mesmas oportunidades, pois residem em uma mesma localidade, conseguem atingir pontuações diferenciadas e interessantes, que se alteram de acordo com as variáveis.

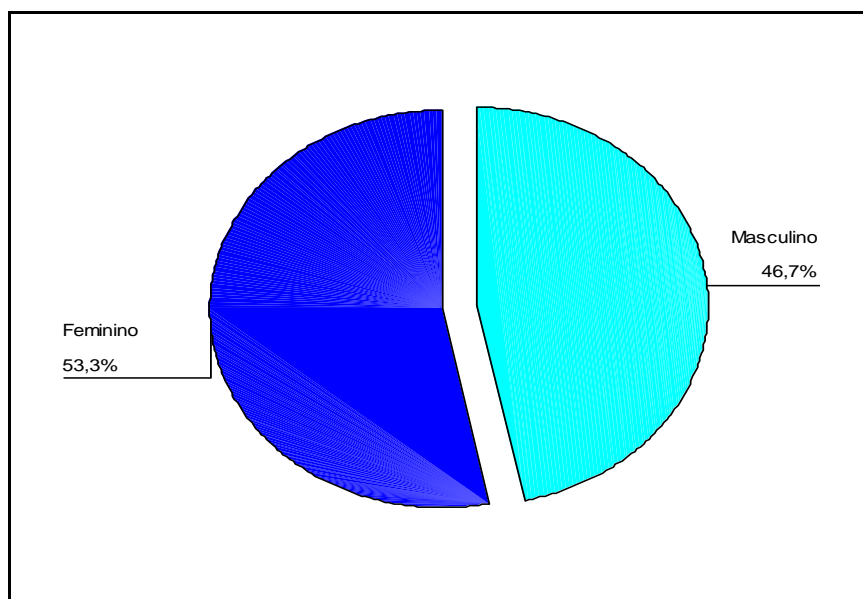


Figura 7 - Percentual do sexo dos moradores do bairro do Engelho Velho da Federação no ano de 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

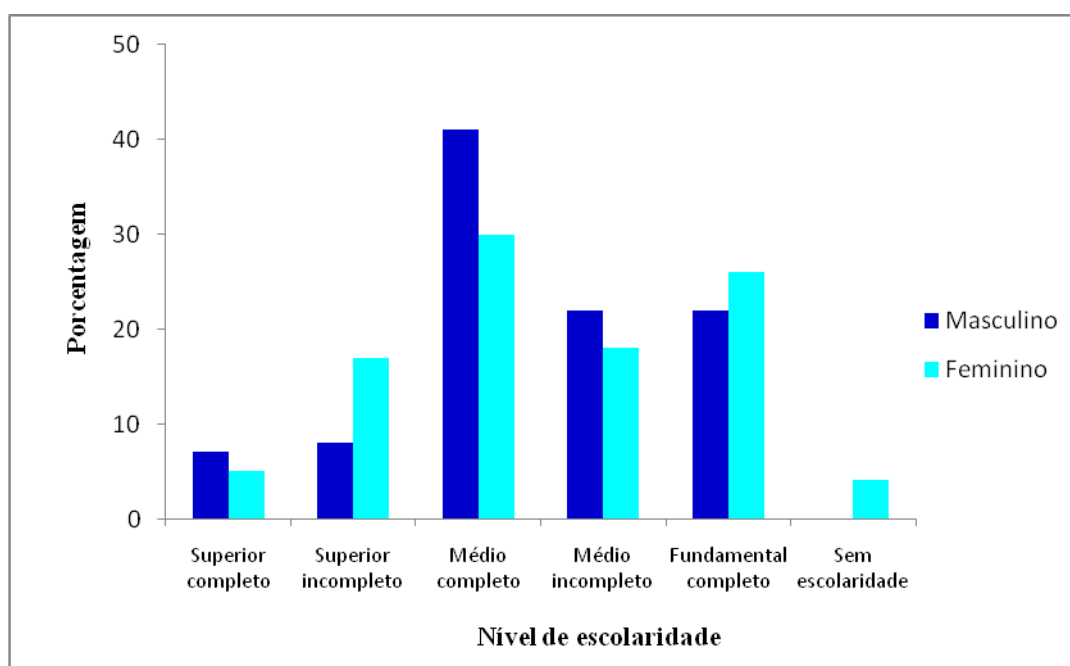


Figura 8 - Percentual entre o nível de escolaridade e o sexo dos moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Analisando as figura, constata-se facilmente, que nas três primeiras variáveis (da direita para esquerda), as pessoas do sexo feminino tende a concluir seus estudos, o masculino, por sua vez, vai ficando pelo “caminho”. Contudo, na variável ensino médio completo, percebe-se um destaque dos homens, em relação às mulheres e, que logo em seguida, quando se trata de nível superior, as mulheres voltam a se aproximar.

Não se trata de uma “guerra de sexos” ou alguma competição para saber quem é mais inteligente, ou quem está melhor preparado para as adversidades da vida, mas, muito ao contrário, essas reflexões sinalizam para o ponto no qual deve-se direcionar as ações educativas, a fim de propiciar a essas pessoas, alternativas para uma melhor condição de vida em seu bairro.

4.3 TRABALHO E RENDA

O trabalho consiste, essencialmente, no ato ou ação de produzir algo através de um esforço físico ou mental. O esforço realizado, através e, no trabalho tem seu escopo à transformação da natureza, a fim de atender uma demanda humana, coletiva ou individual.

Qual a relação entre o cidadão e sua cidade? Ou melhor, entre o morador do bairro e o bairro propriamente dito? É uma relação de pertencimento? O ser residente é percebido como morador consciente ou como sujeito que mantém relação indiferente, reificante?

Transformando o bairro, o morador transforma a si mesmo. Pelo trabalho o morador autoproduz, desenvolve habilidades e imaginação. Através dessas ações é possível vislumbrar uma sociedade participativa e, quem sabe um dia, realizar o ideal comunitário.

Demonstra-se, na figura que se segue, o percentual dos moradores que desenvolvem atividades remuneradas dentro e fora do Engenho Velho da Federação.

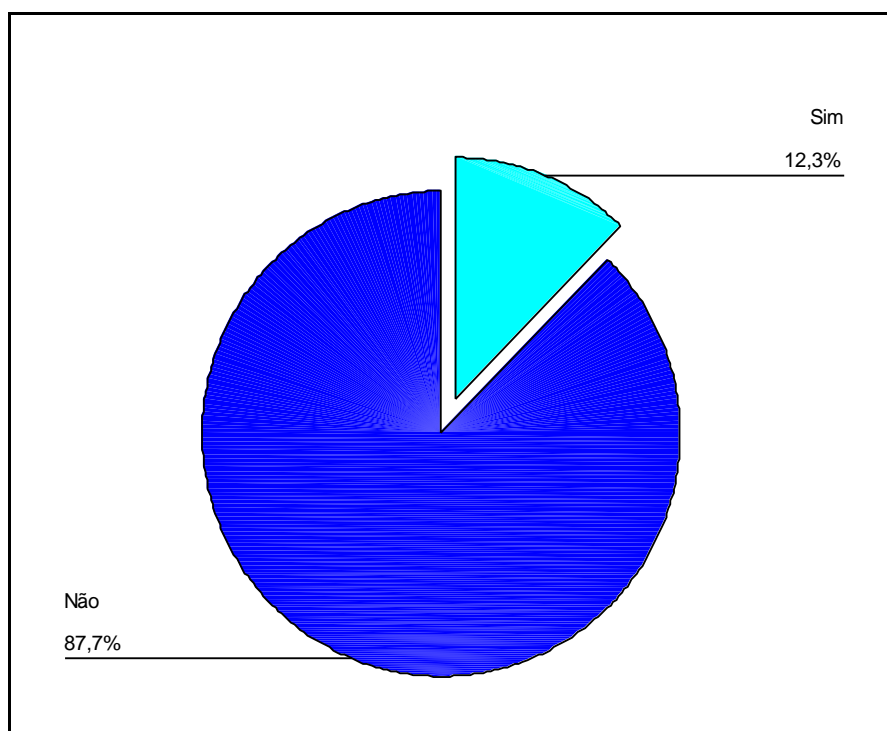


Figura 9 - Percentual dos moradores que trabalham no bairro do Engenho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Observa-se, que a maioria dos moradores, ou seja, 87,7% desenvolvem suas atividades fora do lugar em que residem, buscando em outras localidades exercer funções laborais remuneradas. Isto corrobora com a ideia de que o bairro, em questão, é, predominantemente, um local residencial dormitório, no qual as pessoas buscam viver outros tipos de relações, o que mais tarde influenciará nos processos indenitários.

O trabalho é uma das formas pela quais o indivíduo modifica e constrói sua realidade. Sua existência individual está diretamente relacionada à intensidade em que este modifica o ambiente exterior em um movimento recíproco e contínuo, quanto mais forte forem as ações na realidade, mais efetiva se torna sua existência individual.

Nesse sentido, o residente do bairro precisa desenvolver funções que lhe permitam transformar o seu bairro, o local em que ele vive e constrói sua existência pessoal. Essa atividade laboral, também possui uma finalidade econômica, o indivíduo vende sua força e seu tempo em troca de moeda, que representa energia vital, poder de participação social.

Para melhor elucidar estas afirmações, segue abaixo, a figura que descreve o percentual da renda média, em termos proporcionais, entre os gêneros masculino e feminino.

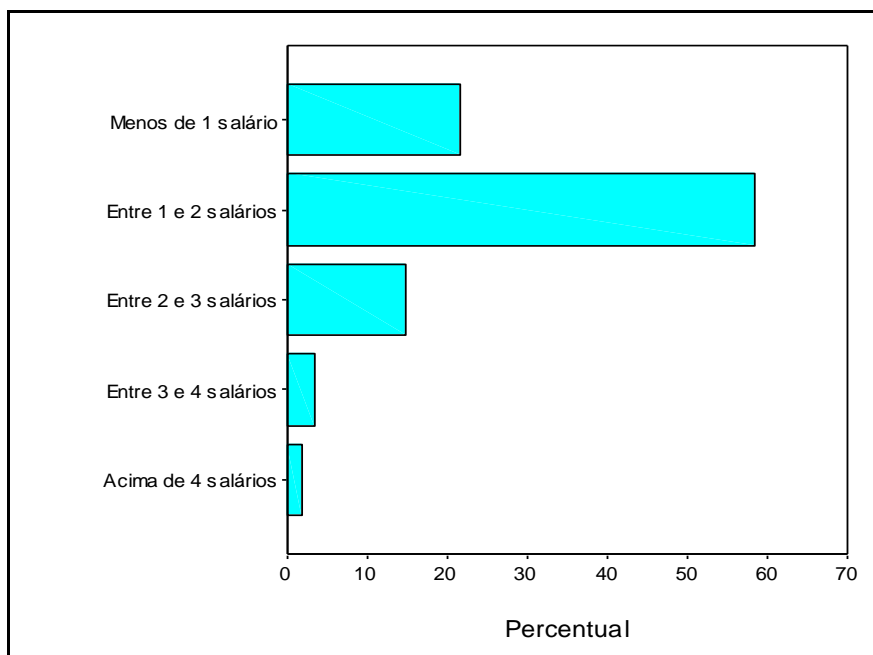


Figura 10 - Percentual da renda média mensal dos moradores do Engenho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

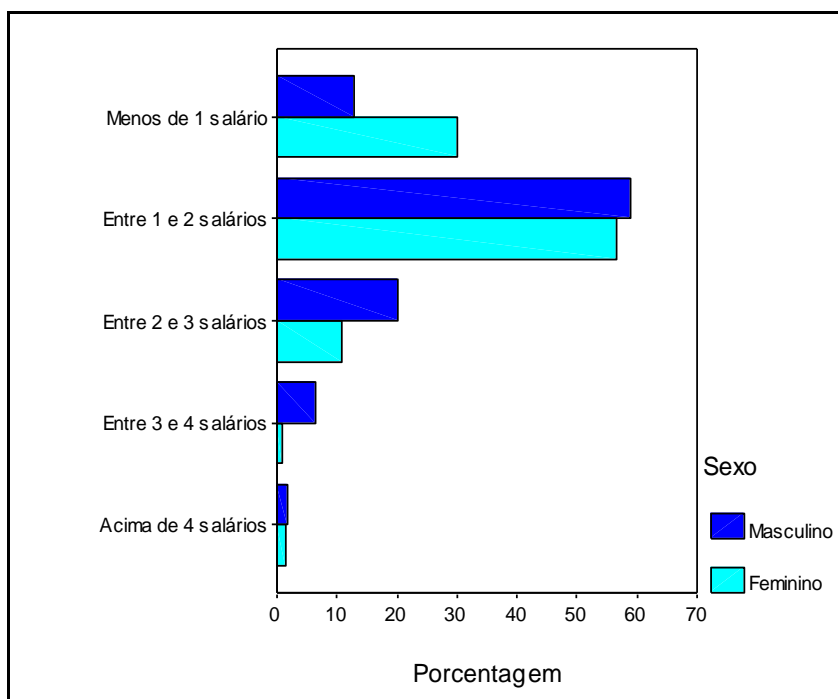


Figura 11 – Percentual da renda média mensal com o sexo dos moradores do Engenho Velho da Federação, em 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Sendo feita uma análise comparativa entre a renda média mensal e os distintos gêneros, pode-se observar que 30% das pessoas que responderam, recebem menos de 1 (um) salário mínimo são mulheres.

Com relação a faixa de renda de um a dois salários mínimos, há um certo equilíbrio entre os sexos. Contudo, acima de dois salários mínimos, fica evidenciado que os homens são a maioria, como podemos observar na figura, anterior.

A figura, propicia uma análise geral, sem a classificação por gênero (masculino e feminino), e evidencia que, a maior parte, dos entrevistados responderam ter rendimentos mensais, até dois salários mínimos, seguidos dos que recebem apenas um e, só, no final, uma quantidade, mínima, de entrevistados responderam possuir rendimentos acima de quatro salários.

As reflexões acerca desses itens constituintes do IDH, favorecem o entendimento da localidade e mais especificamente das pessoas que lá residem, com suas respectivas famílias. Isto é tarefa *sine qua nom* para que, nos próximos capítulos, seja possível desenvolver reflexões e conjecturas necessárias, sobre a identidade, territorialidade e desenvolvimento social do Bairro.

4.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL POPULACIONAL

Esse subtema tem o escopo, a realização de alguns aprofundamentos referente as temáticas discutidas durante o desenvolvimento deste capítulo.

A população do bairro do Engenho Velho da Federação constitui-se, essencialmente, por pessoas com menor poder aquisitivo, revelando, apenas, uma modesta classe média, que reside na Rua Apolinário de Santana, e nas baixadas e descidas das encostas são habitadas pelas famílias com menor posse de renda.

O Bairro, também, evidencia dificuldades sociais relevantes, nos setores da educação, da saúde (não existe nenhum posto de saúde no lugar, exceto o da Av. Cardeal da Silva) e, principalmente, da segurança pública (conforme depoimentos de moradores que constará nos próximos capítulos).

Um fato de destaque são as manifestações culturais, mais especificamente as realizadas pelas Instituições de matrizes africanas. Os Terreiros de Candomblé promovem caminhadas e festas no bairro, e para as pessoas de outras localidades simpatizantes ao segmento religioso.

A Igreja católica, através da Paróquia Santa Cruz, da mesma forma, promove eventos envolvendo as pessoas do bairro, estes exemplos são seguidos aos seus modos, pelas demais instituições cristãs, como a Assembléia de Deus e a Igreja Batista Lírio dos Vales.

O Engenho Velho da Federação é parte de um imenso mosaico social chamado cidade do Salvador, é diverso na unidade e único diante da multiplicidade. O bairro está, da mesma maneira, repleto de grandes contradições que coabitam e coexistem em um mesmo e único espaço social, as contradições existenciais confluem para um traço identitário da localidade.

É um grande sistema integrado, um conjunto de partes diferentes e variáveis, mas unidas, muitas vezes aparentando certa organização ou não. Por isso, a necessidade de buscar desenvolver um olhar sistêmico, holístico da realidade, para que não incorra em uma observação fragmentária da localidade.

[...] a parte está dentro do todo, mas que o todo está no interior das partes. Nós mesmos somos indivíduos que estamos dentro da sociedade, mas a sociedade como um todo está presente em nós desde o nascimento. (MORIN *apud* CASTRO, 2006, p.15).

4.5 INTERFACES ENTRE A TRÍADE CONCEITUAL

O desafio, posto nessa dissertação, consiste em realizar diálogos conceituais entre as três temáticas de significativa relevância social e acadêmica, estabelecendo continuamente suas devidas interconexões com a realidade conjuntural, complexa e dinâmica do EVF.

É sabido, que não se trata de uma tarefa fácil, nem tampouco simples, mas, o seu contrario, a realização desta demanda consiste em um esforço ímpar de construção textual, que busca evidenciar a existência de um território, a consolidação de uma identidade na diversidade e por fim seus aspectos relativos ao desenvolvimento social.

Mas, muito mais dificultoso é fazer-se ouvir, sobretudo quando se discute temas relacionados a situações de pessoas que vivem, com suas respectivas

famílias, em ambientes muitas vezes insalubres e sem a menor condição sanitária, quiçá outras especificidades, que para a maioria da população já faz parte do cotidiano e nem sequer presta a devida atenção.

Estas palavras têm como finalidade a tentativa de sensibilizar o leitor que a realidade é integrada e dinâmica, assim como as noções conceituais discutidas nesta dissertação. Pensar o território, a identidade e o desenvolvimento social isoladamente, torna-se um equívoco sem precedentes, portanto, desenvolver uma visão crítica e criativa da realidade não é o suficiente, é preciso da mesma forma e intensidade compreender a realidade de forma integrada, complexa e dinâmica.

O território, a identidade e o desenvolvimento social formam uma espécie de equação social, na qual para se refletir acerca de qualquer um destes termos, necessariamente terá que buscar os outros dois. Portanto, a tríade conceitual estabelecida, na verdade, equivale ao próprio movimento dialético²³ (tese + antítese = síntese) que pode ser organizado da forma que melhor lhe aprouver, (território + identidade = desenvolvimento social, ou, desenvolvimento social + território = identidade, e assim por diante). Nessa análise, é preciso conceber esses termos como indissociáveis, e são por natureza complementares, a ordem em que o dispomos caracterizará a reflexão pretendida.

Prosseguindo com a reflexão dialética, associada à realidade do EVF, verificam-se perfeitamente os requisitos necessários à constituição territorial desse lugar, sobretudo, a partir da compreensão dos residentes, que afirmam exatamente os limites espaciais do seu bairro (subjetividade social), como também os aspectos concernentes à objetividade cultural. Desta forma atende-se a necessidade do poder cultural e simbólico enquanto constructos territoriais.

Neste mesmo movimento, de consolidação territorial (cultural e simbólico), constitui-se os processos de composição identitária e também do desenvolvimento social. Impossível afirmar quem origina quem, e nem essa é a proposta desta dissertação. O fato é que qualquer uma das temáticas dialéticas refere-se a uma realidade concreta.

²³ Dialética: síntese de opostos, é o movimento, especialmente em seu resultado positivo e em sua realidade substancial. [...] pela identidade entre racional e real, a dialética é não, a lei do pensamento, mas a lei da realidade propriamente ditas. Cf. Abbagnano, 2000, p. 273.

Capítulo 5

O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, UM TERRITÓRIO PARTICULAR

Aqui serão discutidas as características idiossincráticas, que fazem com que o bairro do Engenho Velho da Federação possa ser apercebido enquanto um lugar particular, dentro de um tecido urbano maior, a cidade do Salvador.

Por particular deve-se compreender, antes de tudo, como sendo algo que é uma parte ou pertencente a uma parte. Mas, ainda sendo parte e pertencente à outra parte maior o EVF é um território único, pois, traz em si aspectos tanto da subjetividade, quanto da objetividade cultural das pessoas residentes neste lugar.

As participações individuais distinguem o lugar/bairro em sua coletividade das demais localidades constituintes da cidade do Salvador, não que os outros locais também não sejam formados por pessoas, pois, de fato também os são, mas por pessoas diferentes, nem melhores nem piores.

A particularidade do EVF não está em seu processo de desenvolvimento e formação territorial, nem tampouco, na especificidade de sua topografia espacial, que reflete em uma topografia sócio-econômico-espacial, haja vista, que estes atributos podem ser, facilmente, observados em outras localidades e, portanto, devem ser considerados importantes, mas não essenciais à reflexão que tem como escopo o estudo de sua particularidade enquanto território estabelecido.

A particularidade do bairro consiste na ação individual dos seus residentes, que em relação com outras pessoas conseguem fazer deste território um lugar diferente. Ser diferente não quer dizer pior nem melhor que os outros constituintes, mas apenas não igual. Embora seja possível também, ter alguma semelhança, o que necessariamente não significa igualdade.

O bairro, qualquer bairro, é simultaneamente uma realidade objetiva/intersubjetiva e estas duas dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma a outra ao longo processo histórico.

A rigor, a realidade social como um todo estabelece-se como uma dialética entre o objetivo e o subjetivo. No entanto, o bairro pertence àquela categoria de 'pedaços da realidade social' que possuem uma identidade mais ou

menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações. (SOUZA, 1989, p. 148)

Souza, neste trabalho, realiza significativas análises acerca do tema, bairro, um olhar contemporâneo, sua formação e complexidade conjuntural.

Relacionando as palavras de Souza (1989) com a conjuntura do EVF, deve-se considerar que: a realidade social dá-se mediante o movimento dialético estabelecido entre o objetivo e o subjetivo, resultando na construção identitária aceita pelos moradores e reconhecida por outros bairros da cidade.

[...] a territorialização não se define como um mero decalque da territorialidade animal, mas como força de apropriação exclusiva do espaço (resultado de um ordenamento simbólico) capaz de engendrar regimes de relacionamentos, relações de proximidades e distância [...] o território aparece assim como um dado necessário à formulação de identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros. (SODRÉ in PARÉS, 2007, p. 138)

Esta não igualdade é visível, ao simples caminhar pelas mal traçadas ruas, becos e vielas, seja subindo ou descendo as ladeiras e escadarias pluviais do EVF, seus moradores são marcados pela diversidade, que o caracterizam na ação junto à realidade local, isto pode ser considerado como indicativos de comunidade.

A comunidade exige o espaço comum da ação recíproca, espaço que não é geométrico ou uma estrutura social, mas o lugar que dá origem princípio (*archeim* no duplo sentido de colocar em movimento e sustentar) da relação. O 'entre-dois' é este espaço ontológico²⁴ cuja característica é reunir sem fundir uma na outra – igualdade e distinção -; é o 'entre-dois' que autoriza o intervalo que congrega a distância. O 'entre-dois' funda (*archeim*) o espaço público como lugar comum que permite não o 'estar-diante-do-outro', mas o face-a-face direto que interdiz o anonimato. O homem se torna Eu na relação com o Tu [...]. O anonimato caracterizará o indivíduo na massa, enquanto que a personalidade ou o caráter de pessoa caracterizará a identidade do Eu só, conseguida no comum diálogo, do 'entre-dois'. (BUBER, 1987, p. 133).

5.1 DIVERSIDADE POPULACIONAL

A fim de melhor elucidar a problemática da particularidade do EVF, faz-se indispensável considerar sua diversidade populacional, ou seja, verificar e refletir

²⁴ Cf. Dicionário de Filosofia: Ontologia: doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser, os que todo ser tem e não pode deixar de ter. (ABBAGNANO, 2000, p. 662).

acerca de seus constituintes “raciais”, relacionando-os ao sexo (masculino e feminino), estado civil etc. Desta forma, as figuras que se seguem, atendem perfeitamente a esta necessidade.

Abaixo, é possível observar outra figura que evidência o estado civil dos entrevistados, também em níveis percentuais separados por sexo. Nota-se que a maior parte destes, respondeu ser solteiro, seguida pelos que se declararam casados e amasiados, as demais variáveis dispensam reflexões, visto sua pouca expressão.

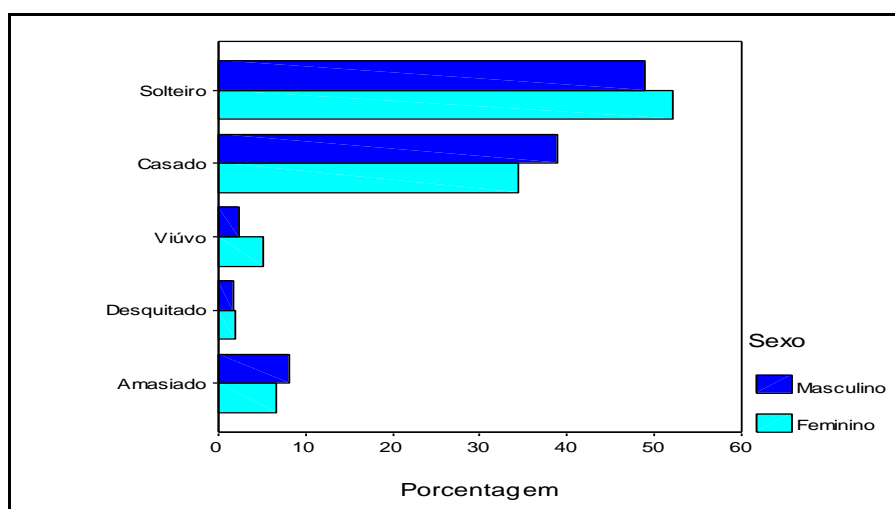


Figura 12 – Percentual da comparação do estado civil com o sexo dos moradores do Engelho Velho da Federação, 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

As mulheres moradoras do bairro, segundo a figura acima, estão, em sua maioria, aproximadamente 54% solteiras, na variável casado(a), o número de mulheres é inferior a dos homens, o que reafirma o estado civil solteiro(a) das mesmas, esta mesma situação se repete na variável amasiado, nesta o índice de homens supera o das mulheres, ou seja, a maioria das mulheres em todas as variáveis pesquisadas demonstrou estar de fato solteiras.

A figura, a seguir, traz-nos índices percentuais totais sobre o estado civil, sem a distinção quanto ao sexo dos entrevistados, e a variável solteiro(a) representa o maior índice no gráfico, seguidos pelos casados(as) e amasiados(as).

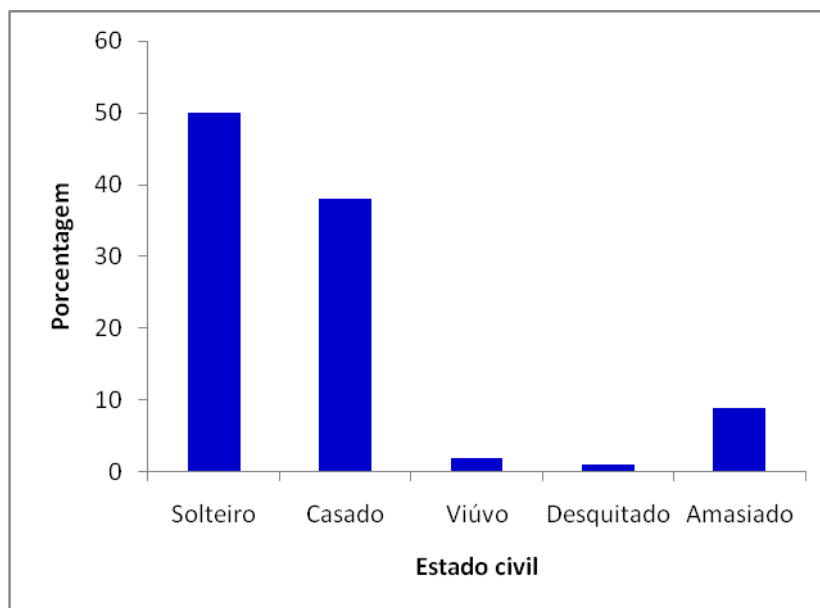


Figura 13 – Percentual do estado civil dos moradores do bairro do Engenho Velho da Federação no ano de 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Prosseguindo com a identificação e análises das particularidades do EVF, tem-se a seguir a tabela 01, cujo seu escopo concerne na elucidação da distribuição populacional quanto à “raça”. Em seguida, na figura 14 esses dados estão distinguindo-os também em relação ao sexo, ou seja, trata-se de uma análise dos aspectos raciais relativos ao sexo dos entrevistados (masculino e feminino).

Essa relevante caracterização do EVF evidencia que, a maior parte das pessoas que responderam ao questionário de pesquisa se declarou pertencente a “raça” negra, seguidos dos pardos e brancos.

Tabela 2 – Percentual da designação de raça/cor dos moradores do bairro do Engenho Velho da Federação no ano de 2010

Raça/cor	Porcentagem
Branca	10,3
Parda	34,0
Negra	49,0
Indígena	0,3
Amarela	1,3
Não declarou/Não sabe	4,3
Outros	0,8
Total	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Segundo os dados apontados na tabela 01, a maior quantidade dos residentes declara ser pertencente a “raça negra”, tanto de sexo masculino, quanto

de sexo feminino, o que possibilita a conclusão de que a população residente do bairro é, maioria negra em qualquer que seja o sexo.

Na figura 14, observa-se os índices referentes aos componentes da população que afirmam ser pardos, neste quesito se tem uma peculiaridade, a maior concentração está no sexo feminino, ou seja, existem, segundo a pesquisa, mais mulheres que se declaram pardas do que homens, residindo neste lugar. Por outro lado, quando questionados sobre “raça negra”, os homens destacaram-se afirmando ser pertencentes a essa categoria.

O percentual, dos entrevistados que se declararam brancos, está muito próximo quanto à diferenciação por sexo, em relação às demais categorias negras e pardas, possui pouca representatividade. As demais variáveis, amarela e não declarou, dispensam comentários, pois, não conseguiram ter relevante representatividade.

Então, nessa primeira análise chega-se a conclusão parcial que o bairro é formado por uma população, em sua grande parte, constituinte do sexo feminino, cujo estado civil é solteira e de maioria negra e parda.

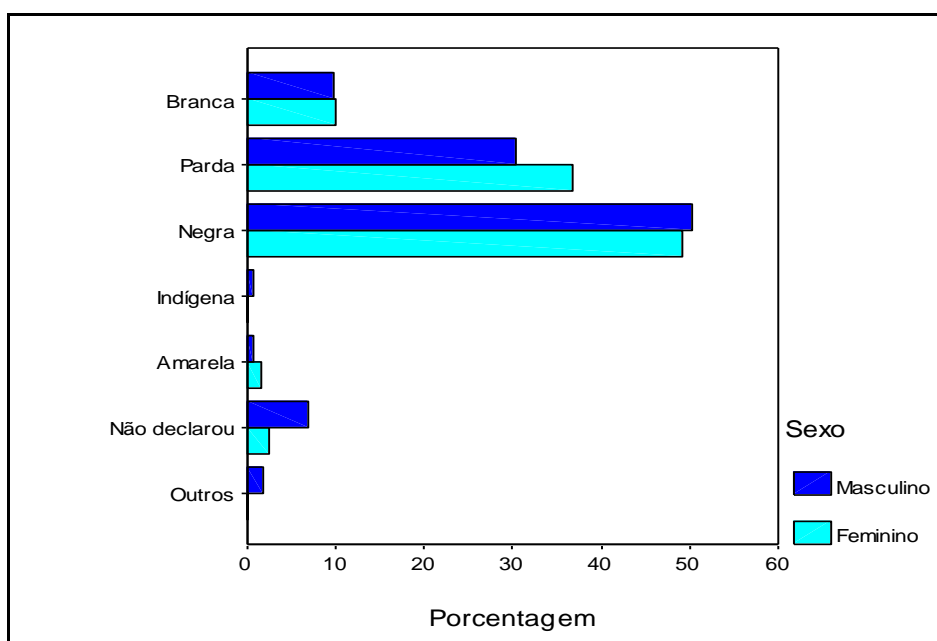


Figura 14 – Percentual da designação de “raça” com o sexo dos moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

5.2 DIVERSIDADE RELIGIOSA

Mais um fato, de grande relevância, para a reflexão da particularidade do EVF, refere-se a sua expressão religiosa, como dito, anteriormente (nos primeiros capítulos), o bairro possui variadas instituições neste segmento, desde as de matrizes africanas, a exemplo dos terreiros²⁵ de candomblé, até igrejas cristãs. Os moradores têm a possibilidade de transitarem harmoniosamente, na maioria das vezes, entre a diversidade religiosa existente no bairro.

Por candomblé, deve-se ter um cuidado especial e necessário para não descredenciá-lo ou simplesmente caracteriza-lo como movimento de resistência escravagista, neste sentido Parés (2007), contribui de forma significativa.

[...] a gênese do Candomblé não pode ser reduzida a uma oposição de 'classe' ou a uma simples resposta de resistência à escravidão, e deve ser também encarada como resultado ou efeito de encontro intra-africano, possuindo uma relativa autonomia em relação à sociedade mais abrangente decorrente da sua própria *dinâmica interna*. A reatualização das práticas religiosas africanas podia responder às estratégias contra o infortúnio, que iam além da escravidão, ou satisfazer a necessidade de solidariedade grupal ou complementaridade dialética inerentes à micropolítica africana. (PARÉS, 2007, p. 127).

O bairro dispõe em seu território da maior densidade de terreiros de candomblé da cidade do Salvador, neste espaço estão, segundo a AMOEVF, mais de vinte terreiros, uns bastantes tradicionais como *Zogodo Bogum Male Rundó* e o *Terreiro do Cobre*, outros nem tanto, a exemplo de *Ylê Axé Omim Onado* e *Unzo Oramim Kei de Unzambi*.

O quadro que segue, demonstra algumas informações acerca da organização dessas instituições, desde o seu nome (nome original), a liderança (o responsável direto), a nação (correspondência africana), o ano de fundação (em muitos deles percebe-se a confluência entre a fundação do terreiro e a constituição territorial do bairro) e por fim, o regente (o orixá²⁶).

²⁵ Terreiro: local que se realiza cultos as divindades relativas às instituições religiosas de matriz africana, conhecida também como: ilê, abassá, tenda ou cabana.

²⁶ Orixá: Qualquer divindade yorubá com exceção de Olóòrun (vd.). Seus equivalentes fón (vd.) são voduns. A designação das divindades do culto angola-congo, que lhes corresponde é inkice. Estas equivalências são imperfeitas, pois, ao passo que uns são forças da natureza, outros são espíritos

TERREIRO	LIDERANÇA	NAÇÃO	FUNDAÇÃO	REGENTE
<i>Zogodo Bogum Male Rundó</i>	Zaides Iracema de Melo	Jêje	1835	Bafonó
<i>Terreiro do Cobre</i>	Valnizia Pereira de Oliveira	Keto	1906	Xangô
<i>Odê Mirim</i>	Waldelice Maria dos Santos	Angola	1906	Oxossi
<i>Ilê Axé Obá Tadé Patiti Obá</i>	Nilza Dorotéia Souza	Keto	1907	Xangô e Oxum
<i>Obá Tony</i>	Elza Ferreira Conceição	Keto	1936	Xangô
<i>Tanuri Junçara</i>	Elisabeth S. da Hora	Angola	1955	Dandalunda
<i>Ilê Axé Alarabedê</i>	Valdemar Francisco de Melo	Keto	1958	Ogum
<i>Ylê Ojo Bomim</i>	Elisabete S. Conceição	Keto	1967	Ogum
<i>Centro de Giro Ogum de Cariri</i>	Roberto Santos Pereira	Angola	1971	Ogum
<i>Ylê Axé Mana Dandalunda Oya</i>	Paulo César do E. S. Barros	Keto	1975	Oxóssi
<i>Ylê Axé Ojuire</i>	Hildete L. de Jesus	Keto	1988	Ogum e Omolu
<i>Ylê Axé Omim Onado</i>	Álvaro Simões	Keto	2000	Oxum
<i>Unzo Oramim Kei de Unzambi</i>	Mario Sérgio Carvalho	Angola	2002	Iemanjá Ogunté

Quadro 2 – Demonstrativo dos Terreiros de Candomblé pertencentes ao EVF, por ordem de fundação, 1835 – 2002

Fonte: Mapeamento dos Terreiros de Salvador [on-line], adaptado por Ueliton Lemos

A fim de melhor ilustrar as informações contidas no quadro acima, seguem abaixo, algumas fotografias de dois dos principais terreiros existentes no bairro, também estão dispostos nas fotos, o salão principal (local onde se realizam algumas cerimônias, festas, etc.) do Terreiro *Zogodo Bogum Male Rundó*²⁷, cuja a líder é Zaides Iracema de Melo conhecida popularmente como “Índia”²⁸, atual responsável pela casa, os rituais realizados são de origem da nação Jêje, sua fundação data do ano de 1835, e seu regente é Bafonó. O Terreiro do Cobre, por sua vez é liderado por Valnizia Pereira de Oliveira, seguem os ritos da nação Keto, e, teve sua fundação no ano de 1906, seu regente é Xangô.

que retornam sob a representação de animais, enquanto outros, ainda, são espíritos. Cf. Dicionário de expressões afro. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>

²⁷ Segundo a finada Valentina Maria dos Anjos, Doné Runhó (mãe-de-santo do Bogum), o Terreiro Bogum era o mais antigo terreiro Jeje, pois havia sido fundado por negros africanos.

²⁸ Índia: atual mãe-de-santo, pessoa que ocupa o mais alto grau da hierarquia religiosa, é a responsável pela iniciação e cuidado espiritual dos participantes.



Foto 12 – Terreiro do Cobre

Fonte: Mapeamento dos Terreiros de Salvador [on-line]



Foto 13 – Terreiro Zogodo Bogum Male Rundó

Fonte: Mapeamento dos Terreiros de Salvador [on-line]

Estas fotografias correspondem aos terreiros do Cobre e ao Zogodo Bogum (bastante tradicionais) respectivamente, o primeiro fica localizado na Rua Apolinário de Santana nº 154, e o outro, na Ladeira Manuel Bomfim nº 35, ambos no EVF.



Foto 14 – Salão de festas do terreiro Bogum

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos, em 2010

A fotografia ao lado, mostra o salão onde são realizadas as festas, e alguns dos rituais de candomblé.

Estas fotografias são do salão do barracão do Terreiro Zogodo Bogum, que está arrumado, decorado com fitas e imagens para a realização de cerimônias/festas.



Foto 15 – Salão de festas do terreiro Bogum

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos, em 2010



Foto 16 – Vista da cadeira da sacerdotisa

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos, em 2010



Foto 17 – Quadro da imagem da sacerdotisa, posto em destaque no salão de festas - Bogum

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos, em 2010



Foto 18 – Fotografia posta no centro do salão - Bogum

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos, em 2010

Nestas fotografias, está destacada a cadeira da sacerdotisa, este é o seu 'altar', acima da cadeira pode ser visto um quadro cujo desenho é a imagem da atual mãe-de-santo, que é comumente chamada por todos de "Índia" (Záides Iracema de Melo), esta é descendente direta da fundadora da casa.

Outro detalhe relevante, é a existência de uma sala ao lado direito da cadeira, nesse ambiente estão algumas imagens religiosas e uma mesa para realização de 'consultas' aos Orixás.

Além das instituições religiosas de matriz africana, o EVF dispõe em seu território de várias outras, conforme dito anteriormente, para tanto, segue tabela que evidencia a distribuição/participação popular em cada segmento religioso.

Tabela 3 – Percentual de participações nas Religiões dos moradores do bairro do EVF, em 2010

Religião	Porcentagem
Católica	62,5
Evangélica	16,3
Espírita	2,6
Candomblé	5,6
Judaica	0,0
Islâmica	0,0
Outros	4,8
Sem religião	8,2
Total	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Analisando o quadro, pode-se constatar uma peculiaridade essencial, sobretudo no que concerne a quantidade representada entre a Igreja Católica e as demais.

Embora existam vários terreiros de candomblé no bairro, alguns inclusive muito antigos e tradicionais, a maior parte da população residente do bairro não declarou ser integrante e participante deste segmento religioso, ao passo que em outras instituições, a exemplo da Igreja Católica, que possui apenas uma representação no local, a paróquia da Santa Cruz, detém o maior número de integrantes declarados, seguidos pelos evangélicos, que por sua vez ao contrário da Igreja Católica, possui várias representações locais (algumas muito pequenas e outras com maior estrutura).

A Paróquia da Santa Cruz (instituição católica), fundada em 1977, comemora seu padroeiro no dia 14 de setembro, fica localizada na Rua Apolinário de Santana, s/n, realiza celebrações eucarísticas em vários dias e horários da semana, sobretudo no sábado e domingo, paralelo a estes rituais, a Paróquia desenvolve atividades junto à comunidade local, através de suas pastorais e grupos de orações, sejam de crianças, jovens e adultos.

Atualmente, a sede da igreja está passando por reformas estruturais, tanto em seus ambientes internos, quanto na sua fachada exterior ao templo, conforme fica demonstrado através das fotografias abaixo.

As igrejas evangélicas por sua vez, possuem diversas representações distintas entre si, distribuídas no território do EVF. Em entrevistas realizadas com seus participantes e líderes (pastores), foi constatado que estas instituições buscam desenvolver atividades de amparo aos moradores locais, estas atividades vão desde a formação de grupos de orações e realizações de cultos ao longo da semana, nos variados horários, até ações culturais (teatro, coral) de prevenção e combate ao uso de drogas pelas crianças, jovens e adultos.



Foto 19 – Fachada da igreja Nossa Senhora da Santa Cruz, ano de 2009

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos



Foto 20 – Retrato da parte interna da igreja de Nossa Senhora da Santa Cruz, 2010

Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos



Fotos 21 e 22 – Retrato da fachada e da lateral com lixo, 2010
Fonte: foto realizada por Ueliton Lemos.

A figura seguinte, traz em forma de gráficos percentuais, a distribuição da população separada por sexo em relação à opção religiosa.

Neste, é possível constatar que as mulheres são a maioria nos dois segmentos religiosos, que mais tiveram evidência na pesquisa (igreja católica e templos evangélicos), nas demais, as diferenças são muito pequenas e pouco expressivas se relacionado às primeiras, exceto pelo candomblé, que embora com menor índice representativo (se relacionado as primeiras), traz o percentual de homens um pouco maior do que de mulheres.

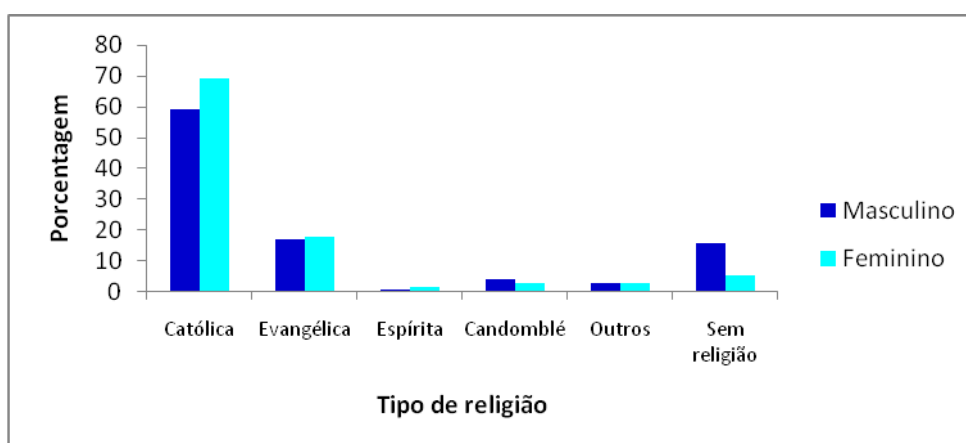


Figura 15 – Percentual da opção religiosa com o sexo dos moradores do EVF, em 2010
Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Sintetizando as reflexões desenvolvidas durante esse capítulo, segue abaixo uma tabela que evidencia as principais informações tratadas até este momento.

Nessa tabela, é possível realizar diversas inter-relações com algumas das variáveis postas nas figuras anteriores.

Tabela 4 – Relação entre a designação de “raça” e tipo de religião dos moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010

Religião	Designação de Raça (%)							Total
	Branca	Parda	Negra	Indígena	Amarela	Não declarou	Outros	
Católica	7,9 (75)	21,7 (63)	28,6 (59)	0,3 (1)	0,8 (61)	2,8 (65)	0,3 (33)	62,5
Evangélica	1,0 (9)	6,1 (18)	7,9 (16)	0,0	0,5 (38)	0,5 (12)	0,3 (33)	16,3
Espírita	0,5 (5)	1,0 (3)	1,0 (2)	0,0	0,0	0,0	0,0	2,5
Candomblé	0,5 (5)	1,0 (3)	3,8 (8)	0,0	0,0	0,3 (7)	0,0	5,6
Judaica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Islâmica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outros	0,0	2,0	2,6	0,0	0,0	0,3	0,0	4,8
Sem religião	0,5	2,3	4,6	0,0	0,0	0,5	0,3	8,2
Total	10,5	34,3	48,6	0,3	1,3	4,3	0,9	100

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos.

Os números dispostos em parênteses correspondem ao percentual aproximado da variável em relação à totalidade de cada categoria, nesse caso específico a designação de “raça”. (Essa ressalva serve para todas as tabelas dessa dissertação).

A tabela traz os níveis percentuais totais de população por “raça” e sua distribuição por segmento religioso.

Dos 34,3% declarantes a “raça” parda, 21,7% (corresponde a 63% do total de pardos) afirmam ser participante do catolicismo, seguidos a distância pelos evangélicos 6,1% (corresponde a 18% do total de pardos), os espíritas, candomblecistas e outros tiveram pouca representatividade.

Nessa tabela estão em destaques a variável ‘raça’ negra, em relação à igreja católica e ao candomblé.

Dos 48,6% que se declararam pertencentes a “raça” negra, 28,6% (corresponde a 59% do total de negros) dizem ser participantes da igreja católica e apenas 3,8% (corresponde a 8% do total de negros) são candomblecistas, fato que inquieta e fomenta a discussão no EVF pois, o natural seria se estes números fossem o inverso, tendo a maioria no candomblé e não em qualquer outra religião.

As inquietações tiveram seus devidos esclarecimentos na medida em que as entrevistas ocorreram, (mãe-de-santo e pessoas de grupos religiosos cristãos foram

questionados sobre o perfil de seus seguidores), foi dito por elas, que as pessoas transitavam livremente entre as instituições religiosas (católico e candomblé), não há impedimentos por nenhuma das partes, embora a história tenha grandes relatos de conflitos (não nos debruçaremos sobre essa questão, vista sua não correspondência com o propósito dessa dissertação), esta foi a explicação encontrada para tal fenômeno social. Todavia, isso não é uma prática comum entre os evangélicos, esses estabelecem certo nível de rigidez que margeia a intolerância religiosa.

O quadro que segue, demonstra a correspondência entre alguns santos católicos e os entes da “religião” de matriz africana.

ORIXÁ	VODUM ²⁹	INQUICE	CATOLICISMO
EXU	Elebará	Aluviá Pombagira	Demônio
OGUM	Doçu	Roxo Muncumbi Incoce	Santo Antônio (BA) São Jorge (RJ)
OXÓSSI	Azocá	Mutacalombo Congobira	São Miguel (PE) São Jorge (BA) São Sebastião (RJ)
OBALUAÊ, OMOLU, XAPORÃ	Acossi Sapatá	Cavungo Cafunã	São Roque São Lázaro
OSSAIM	Aguê	Catendê	São Benedito São Roque São Lázaro
OXUMARÊ	Bessem, Dã	Angorô	São Bartolomeu
XÂNGO	Badé-Quevioso	Zaze	São Jerônimo São Pedro
OXUM	Aziritoboce Eowa	Quissambo Samba	N. Sra. Das Candeias N. Sra. Da Conceição N. Sra. Da aparecida
IEMANJÁ	Abé	Dandalunda Quissimbe	N. Sra. da Conceição N. Sra. Dos Navegantes
IANŠĂ	Sobô	Bamburucema Motamba	Santa Bárbara
OXALÁ	Mavu-lissa	Zambi Lemba	Jesus Cristo N. Sr. Do Bonfim (BA)
ERÊ, IBEJI, (ESPÍRITOS INFANTIS)	Hohó Tobosi	Vunje	São Cosme São Damião

Quadro 3 – Correspondência entre os Deuses Africanos e os Santos da Igreja Católica
Fonte: SILVA, 2005, p. 94

O diálogo entre os dois segmentos, demonstra a aceitação da diversidade sociocultural do bairro, esse consentimento religioso se reflete nas ações relacionais existentes entre as pessoas, este fenômeno social propicia a consolidação de mais

²⁹ Vodum: é o nome das divindades Jejes.

uma característica importante na constituição da particularidade do EVF, o intercâmbio religioso de pessoas de forma harmoniosa.

Estas relações podem ser perfeitamente visualizadas entre os santos da igreja católica e os orixás do candomblé, conforme o quadro a seguir:

Desenvolver uma reflexão acerca da particularidade de um território, não constitui uma tarefa fácil, quiçá simples, mas muito o contrário, pois, importantes variáveis precisam estar inseridas e inter-relacionadas no desenrolar desse processo reflexivo, a fim de se ter uma compreensão complexa do lugar.

Neste capítulo, o exercício reflexivo teve como escopo a identificação e as análises destas variáveis constituintes da particularidade sócio espacial do EVF.

O resultado destas análises consiste na impossibilidade de se desenvolver um conceito objetivo que tenha como finalidade a descrição do bairro, sob a perspectiva da particularidade, talvez, a criação de uma noção conceitual seja mais coerente com as reflexões realizadas.

O EVF, é particular na diversidade e é múltiplo na unicidade de seu território, nele coabitam a dualidade existencial de seus moradores, que através do exercício da liberdade extrapolam a subjetividade inerente a sua constituição sociocultural.

Capítulo 6

O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, SUA IDENTIDADE DIANTE DA COMPLEXIDADE

Nesse capítulo, o leitor terá a oportunidade de aprofundar as reflexões indenitárias iniciadas anteriormente. Pois, serão realizadas as interfaces entre a identidade e a complexidade do EVF frente suas características idiossincráticas.

No presente capítulo especificamente é realizado o diálogo entre a noção conceitual de identidade e complexidade, relacionados ao território do EVF. Aqui, autores como Edgar Morin, Fritijof Capra, Arcangelo Buzzi, Anthony Giddens e outros participaram de forma bastante significativa, vista suas relevantes contribuições teóricas que possibilitam a abertura e a devida aproximação conceitual junto à realidade local.

O estudo destes autores propiciou a ampliação na forma de compreensão do território EVF, sob uma perspectiva holística e sistêmica do todo integrado e dinâmico.

Nessas reflexões, cabe ressaltar, o cuidado a acerca do risco de se querer mensurar o conhecimento que é produzido, pois, certamente incorreria em erro. Antes, é preciso reconhecer a relação dialógica estabelecida entre os residentes, o lugar e as noções conceituais teóricas. Nesta relação dialógica importa a percepção do movimento dialético do conhecimento e não simplesmente o dado ou resultado final.

[...] Tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele. (MORIN, 2001, p. 37, 38)

Nas palavras de Morin (2001), fica evidente o caráter singular do indivíduo, este ser que traz em si um principio fundamental da ontologia, ou seja, a existência do ser na perspectiva da dualidade real e concreta, ele participa do todo em sua singularidade e nesta singularidade compreende o todo complexo e dinâmico.

Assim, constituído e constituinte torna-se um na multiplicidade e único na diversidade, em um movimento dialógico autêntico de saída em direção a sua alteridade sócio espacial.

Estas relações complexas formam e caracterizam identitariamente o bairro do EVF, o seu residente é único na multiplicidade de moradores que vivem no EVF, e juntos constituem e são reciprocamente constituídos.

A mesma lógica pode ser aplicada ao EVF, quando em relação com outras particularidades territoriais da cidade do Salvador, ele é parte integrante da cidade, mas também é ao mesmo tempo formador deste tecido maior, relação recíproca e imediata. Esta análise pode ser realizada em outras esferas escalonais, basta apenas estar atento às particularidades existente de cada agente participante que a relação possui.

Afim de melhor elucidar esta relação, que além de ser recíproca e imediata, também possui o caráter de complementaridade, pois, não se trata apenas de ser relativa, mas de complementação estrutural dos agentes inseridos neste fenômeno relacional, assim segue abaixo uma sucinta citação.

Num primeiro sentido, a palavra *complexus* significa “o que está tecido”. E é esse tecido que é preciso conceber. Mas quando vemos as inúmeras interações que se fazem entre as células de nosso corpo e, no interior delas, entre as moléculas é evidente que não se pode ter nenhuma certeza sobre o que se passa localmente neste ou naquele ponto. [...] Como a complexidade reconhece a parcela inevitável de desordem e de eventualidade em todas as coisas, ela reconhece a parcela inevitável de incerteza no conhecimento. [...] A complexidade repousa ao mesmo tempo sobre o caráter de “tecido” e sobre a incerteza. (MORIN, 2001, p. 564)

Outra, relevante, consideração a ser feita, consiste em evitar um olhar reducionista diante destes fenômenos sociais. Por exemplo, compreender a própria totalidade como sendo de modo único a soma de suas partes, ao passo que este todo é na verdade o conjunto dinâmico e dialógico, que compreende os princípios tanto objetivantes individuais, quanto os subjetivos estruturais indenitários, materializados através das ações desenvolvidas pelas pessoas de forma crítica e criativa em um pleno exercício da liberdade individual.

O princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim, aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando dessa

forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece estritamente ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção. (MORIN, 2009, p.42)

As teias relacionais são imbuídas de complexidade, na qual é forçoso aperceber a realidade sob uma ótica multidimensional, considerando os mais diversos e variados elementos constituintes.

A 'teia da vida' é, naturalmente, uma ideia antiga, que tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos. [...]

Em outras palavras, a teia da vida consiste em redes dentro de redes. Em cada escala, sob estreito e minucioso exame, os nodos da rede se revelam como redes menores. Tendemos a arranjar esses sistemas, todos eles aninhados dentro de sistemas maiores, num sistema hierárquico colocando os maiores acima dos menores, à maneira de uma pirâmide. Mas isso é uma projeção humana. Na natureza, não há 'acima' ou 'abaixo', e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes. (CAPRA, 1996, p. 44-45)

Tecer um fio desta teia constitui estabelecer um elo relacional social, à medida que são feitos os vários fios desta teia significa que estão sendo criadas as redes sociais, que, por conseguinte, produzem conhecimentos e cultura e valores³⁰ (normas sociais específicas). Este último está susceptível a mudanças essenciais, visto seu caráter cultural, histórico e social, ou seja, na medida em que ocorram quaisquer mudanças nestas variáveis, necessariamente, os valores sociais estabelecidos da mesma forma, precisarão ser adaptados, para que possa existir a devida correspondência entre o que é pensado e o que é vivido.

Segundo Capra (2002), este sistema de valores que são desenvolvidos durante a formação destas redes sociais, possibilitam a criação de uma identidade entre os membros integrantes da sociedade. *“O comportamento das pessoas é moldado e delimitado pela identidade cultural delas, a qual, por sua vez reforça a sensação de fazer parte de um grupo maior”*. (CAPRA, 2002, p.99).

O morador do EVF desenvolve sua identidade social e por ela é moldado na medida em que aceita e é reconhecido pelos demais integrantes, esta identidade é continuamente re-feita, re-adaptada as novas interfaces sociais. Esta transitoriedade dá-se mediante a realização das atividades de produção, experiência e poder.

³⁰ Valor: todos os objetos de escolha da moral.

[...] as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder. Produção é a ação da humanidade sobre a (matéria) para apropriar-se dela e transformá-la em seu benefício, obtendo um produto, consumindo (de forma irregular) parte dele e acumulando o excedente para investimento conforme os vários objetivos socialmente determinados. Experiência é a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais desse sujeito de relação e seus ambientes sociais e naturais. É construída pela eterna busca de satisfação das necessidades e desejos humanos. Poder é aquela relação entre os sujeitos humanos que, com base na produção e na experiência, impõe a vontade de alguns sobre os outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica. (CASTELLS, 2008b, p. 51).

No EVF, através das ações humanas, as paisagens foram modificadas e continuam a ser, pois, as ações dos residentes avançam e são postas no espaço, transformando-o. A experiência por sua vez, consiste no resultado destas ações em um determinado momento histórico, ou seja, está diretamente relacionada à questão temporal, e por fim, o poder, este se manifesta tanto sob a ótica das instituições sociais legítimas (poder público), quanto através de ações realizadas por meliantes que utilizam do poder em sua forma física, como também na forma simbólica, impondo em alguns momentos o sentimento de medo aos moradores, (essa é uma questão que reservo nesse momento, pois, no próximo capítulo será melhor detalhada).

Compreender o EVF sob a perspectiva da complexidade é um desafio, pois, todas essas reflexões necessitam estar presentes, haja vista, que se faz imprescindível perceber a realidade humana sob um olhar sistêmico e holístico, ressaltando os cuidados à não fragmentação. É preciso lançar o olhar para o ser humano em sua plenitude, mas sem esquecer que este encontra-se também como parte integrante e participativa de um sistema muito mais amplo.

De fato há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos de todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2001, p. 38)

Acerca dessa participação, Giddens (2009), ressalta que o indivíduo é um ser, que através do exercício da reflexividade age de forma intencional, pois busca desenvolver sua autoconsciência junto à realidade a qual esta inserida.

[...] A ação humana ocorre como uma *durée*, um fluxo contínuo de conduta, à semelhança da cognição. A ação intencional não se compõe de um agregado ou série de intenções, razões e motivos isolados. Assim, é útil falar de reflexividade como algo assentado na monitoração contínua da ação que os seres humanos exibem, esperando o mesmo dos outros. A monitoração reflexiva da ação depende da racionalização, entendida aqui mais como um processo do que como um estado, e como inerentemente envolvida na competência dos agentes. Uma ontologia de tempo – espaço como constitutiva de práticas sociais é básica para a concepção de estruturação, a qual começa a partir da temporalidade e, portanto, num certo sentido, da história. (GIDDENS, 2009, p. 3 – 4)

Contudo, está explícito o caráter de intencionalidade nas ações perpetradas pelo agente, que aqui se trata do(s) residente(s) morador (es) do EVF. Buzzi (2002) compreende este movimento como a disposição do indivíduo na busca por sua identidade, que através da liberdade pode desprender-se de si e lançar-se a uma realidade que outrora se mostrava desconhecida, é à saída de si, através do exercício de intencionalidade existencial para alcançar o espaço livre de possibilidades indenitárias.

[...] a identidade humana procura acercar-se do fundamento da realidade, insinuado na sua maneira de dar-se e subtrair-se, de revelar-se e esconder-se, de mostrar-se e de ocultar-se. Acercar-se desse fundamento é entrar no reino da liberdade. (BUZZI, 2002, p. 28).

A discussão sobre a liberdade humana implica, necessariamente, a reflexão sobre a responsabilidade do indivíduo, tanto como ser único e singular como também, enquanto ser da coletividade social. Pois, embora o homem deseje gozar da liberdade com todas as suas forças é preciso da mesma forma estar atento aos inconvenientes da consequência das ações perpetradas.

A responsabilidade consiste na ação de dar respostas a algo, a alguém, ou, a qualquer coisa que nos é endereçado enquanto ser de relação.

A responsabilidade individual e coletiva transcende as intenções e efeitos previamente definidos, não é cabível ao indivíduo em sua individualidade ou mesmo na coletividade eximir-se da ação de responder por suas ações, mesmo que estas tenham ultrapassados os planejamentos originários. O filósofo Martin Buber (1982) considera que a noção conceitual de responsabilidade precisa sair da esfera do dever – ser como algo determinado, obrigação (norma social), para a esfera da ética plena e fundada na vida vivida em todas as suas potencialidades, a responsabilidade como fundamento das ações e não como regulamentador delas.

Uma responsabilidade que não responde a uma palavra é uma metáfora da moral. Factualmente, responsabilidade existe somente quando existe a instância diante da qual me responsabilizo e a auto-responsabilidade tem uma realidade somente quando o 'eu-mesmo' diante do qual me responsabilizo penetra transparente no absoluto. Mas quem pratica a responsabilidade real, a responsabilidade dialógica, não precisa nomear o emissor da palavra a que esta respondendo – ele o conhece na substância da palavra que, pressionando, penetrando, assumindo a cadência de uma interioridade, move-lhe o âmag do coração. (BUBER, 1982, p 50-51).

Edgar Morin (1996) amplia esta discussão entre a liberdade, a identidade e a responsabilidade, afirmando que a identidade dá-se também pela capacidade do indivíduo responder a realidade conjuntural pelo exercício da liberdade.

A identidade é provavelmente mais que a adequação a si mesmo, é a capacidade de responder pelos seus atos, pelo lugar que se ocupa. O gesto de 'responder por', é um gesto de identificação. Seria necessário voltar a ligar a exigência de identidade, não por meio de um mero poder de se produzir a si próprio, por meio da figura de uma autonomia absoluta, mas por uma figura que, ao contrario, dá lugar à dependência, aquilo que é a nossa história, aquilo que nos cerca, que faz com sejamos capazes de responder, de assumir. (MORIN; PRIGOGINE, 1996, p. 47-48).

O Engenho Velho da Federação, sua identidade diante da complexidade representa um esforço reflexivo nas diversas temáticas que visam à compreensão de um território enquanto um lugar detentor de identidade na diversidade, e complexo em sua singularidade.

As dualidades são complementares e não contraditórias, não são conflitantes, são apenas compreensões distintas de uma mesma realidade, mas quando juntas, possibilitam um olhar mais próximo da realidade vivida e dialogicizada. Pois, embora esteja contido nesse capítulo relevante e profundas reflexões, em hipótese alguma devem ser consideradas a totalidade do EVF, como algo findada em si, haja vista, que se trata apenas de um olhar que é lançado à alteridade e dá mesma forma o outro (EVF) lança seu olhar ao observador, “olho o olho que me olha”, e nada impede que outros olhares sejam da mesma forma lançados e que obtenham outras considerações.

A identidade e a complexidade do EVF é o fruto das particularidades individuais junto à coletividade, cada residente é único na diversidade social local, estes são reconhecidos diante dos demais moradores como membros que compartilham das mesmas situações e quando em relação a outras territorialidades da cidade do Salvador são distintos, pois, também pela diferença se estabelece a identidade.

No capítulo seguinte, serão detalhados os constituintes referentes ao desenvolvimento social do EVF, estes (constituintes) podem também ser considerados (ressaltando-se algumas particularidades) como sendo agentes identitários, pois, formam o conjunto real do lugar. Assim, nota-se a necessidade de se ter, cada vez mais, cuidado com a complementariedade dos conhecimentos produzidos e não a sua mensuração.

Capítulo 7

O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Nesse capítulo estão evidenciadas diversas variáveis e condicionantes acerca do desenvolvimento social aplicadas ao bairro do Engenho Velho da Federação, estes dados foram cruzados entre si e estão dispostos em forma de quadros, tabelas e gráficos propiciando, desta forma, uma ampliação dos níveis de reflexões estabelecidas.

7.1 ESCLARECIMENTOS ACERCA DO ENTENDIMENTO ENTRE AS NOÇÕES CONCEITUAIS: DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO

Identificar e analisar a noção conceitual de desenvolvimento social aplicada ao bairro do Engenho Velho da Federação representa um significativo desafio, visto a necessidade de *a priori*, esclarecer as diferenças semânticas entre crescimento e desenvolvimento.

Por desenvolvimento deve-se compreender que seja o resultado da dinâmica territorial, na intenção de propiciar uma melhor qualidade de vida aos seus residentes.

[...] o desenvolvimento é um processo aberto que cria complexidade e diversidade, porque múltiplas generalidades são fontes de múltiplas diversificações – algumas ocorrendo simultaneamente, em paralelo, outras em sequência. Portanto, um simples processo básico, quando se repete, se repete, se repete, produz atordoante diversidade. (VEIGA, 2005, p. 52).

A dinâmica no devir desenvolvimentista precisa ser vista de forma integral, a sociedade (o bairro) é um todo diverso imerso na singularidade existencial de suas partes, pensar o processo de desenvolvimento social tal qual ele é, consiste em aceitar as múltiplas e variadas expressões da cultura e da subjetividade local.

A aceitação da outridade social representa além da legitimação identitária territorial, uma forma de fomentar o seu desenvolvimento, haja vista, a possibilidade de, a partir das diferenças (não desigualdades), estabelecer vínculos e relações que propiciem o surgimento de generalidades, e quanto maior for o número de generalidades, maior a possibilidade de se desenvolver socialmente.

O desenvolvimento precisa ser reelaborado sob uma nova mentalidade, uma nova forma de compreensão da realidade como uma rede de ações interdependentes, na qual cada ação é um fio desta rede, e o que é feito nestes e para estes fios repercute em toda a rede. Portanto, impossível imaginar uma realidade dissociada ou linear como em tempos pretéritos.

Deve-se salientar que não se trata apenas de se promover um emaranhado de ações, pura e simplesmente, no território e imaginar que está se fomentando o desenvolvimento, é preciso, antes de tudo, fazer compreender que estas ações são processos que tem seu escopo a promoção de outras ações, outros benefícios, ou seja, são ações produtivas que engendram outros processos de desenvolvimento em um autêntico movimento do devir.

O crescimento por sua vez, está relacionado às questões quantitativas, ao que é possível mensurar mediante estatísticas, números, etc. Conforme dito em páginas anteriores, mais especificamente no capítulo três dessa dissertação. O crescimento de uma economia local é o resultado das expansões e retrações dos conjuntos de relações estabelecidas no bairro, essas relações são as responsáveis (constitui um dos elementos formadores) pela transformação do espaço em território, e, seus agentes são denominados, “capital humano”.

É o trabalho humano que transforma os recursos [...], isolando, recombinao, transferindo, reciclando etc. e isso envolve muita habilitação, informação e experiência – potencialidades humanas cultivadas – resultantes de investimentos feitos pelo público, por pais, por empregadores, e pelas próprias pessoas. Por isso é que passou a ser usada a expressão ‘capital humano’. (VEIGA, 2005, p. 60).

Nas palavras de Veiga, pode-se realizar uma relevante reflexão acerca da relação entre o “capital humano” e o território.

Segundo o autor a expressão “capital humano” é atribuída a uma pessoa detentora de habilidades suficientes para a transformação de recursos, essas transformações

realizadas no espaço é um fator de grande relevância na constituição de um território, e, por conseguinte da promoção do crescimento e desenvolvimento.

Desenvolvimento e crescimento precisam estar juntos para que a sociedade possa usufruir de todos os projetos, em ações de melhoria da qualidade de vida das pessoas, desde as relativas aos aspectos subjetivos até as condicionantes objetivas.

7.2 ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES RELATIVAS AO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO EVF

Visto as principais diferenciações sobre a noção conceitual do desenvolvimento e do crescimento, faz-se necessário estabelecer nesse momento as devidas relações entre a teoria e a realidade, portanto, os gráficos, as tabelas, os quadros e os recortes de jornais serão utilizados a fim de melhor apresentar os resultados da pesquisa realizada em campo.

Em relação a condicionante educação, verificou-se na tabela abaixo, que a maioria dos residentes declaram ter o ensino médio completo, contudo, vale ressaltar que o número de pessoas que afirmaram ter apenas o fundamental completo ou o médio incompleto foi significativo.

Tabela 5 – Nível de escolaridade entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010

Nível de escolaridade	Percentual
Sup. Completo	5,0
Sup. Incompleto	12,3
Médio completo	35,5
Médio incompleto	21,8
Fund. Completo	23,8
Sem escolaridade	1,8
Total	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Estes resultados retratam, de forma apodítica, o quanto a população residente no EVF encontra-se fora do ambiente acadêmico. Embora o bairro esteja localizado

nas proximidades de importantes Instituições de Ensino Superior (IES), da cidade do Salvador (UCSAL, UNIFACS e UFBA), apenas 5% dos entrevistados afirmam ter concluído o ensino superior. Este percentual somado ao total de superior incompleto alcança o índice de 17,3%, ao passo que 35% dos entrevistados terminaram o ensino médio, ou seja, um número que corresponde a mais da metade dos que tiveram algum vínculo ou contato com a educação superior.

Outra relevante análise quanto a condicionante, educação, se refere à relação estabelecida entre os níveis de escolaridade da população e a religião dos entrevistados.

Tabela 6 – Relação entre nível de escolaridade e tipo de religião entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010

Religião	Nível de escolaridade (%)						Total
	Sup. com.	Sup. incom.	Médio com.	Médio incom.	Fund. com.	Sem escolaridade	
Católica	3,1 (72)	9,2 (77)	19,9 (56)	13,0 (59)	16,1 (66)	1,3 (72)	62,5
Evangélica	0,3 (7)	0,8 (7)	5,9 (16)	4,8 (22)	4,1 (17)	0,5 (28)	16,3
Espírita	0,3 (7)	0,5 (4)	1,0 (3)	0,5 (2)	0,3 (1)	0,0	2,6
Candomblé	0,3 (7)	0,8 (7)	2,3 (6)	1,0 (4)	1,3 (5)	0,0	5,6
Judaica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Islâmica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outros	0,3	0,5	2,3	1,0	0,8	0,0	4,8
Sem religião	0,3	0,3	4,3	1,5	1,8	0,0	8,2
Total	4,3	12,0	35,7	21,9	24,2	1,8	100

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Recordando a tabela 02, que apresenta em seus dados a religião católica como o seguimento religioso de maior número de adeptos e relacionando a tabela, acima, conclui-se que dentre todas as instituições religiosas presentes no bairro os pertencentes ao catolicismo possuem maior nível de escolaridade no superior incompleto, ultrapassando em mais da metade a soma de todas as outras religiões.

Segundo a leitura da tabela, na categoria médio incompleto em relação a variável religião Católica 13% (corresponde a 59% do total de médio incompleto) afirma não terem concluído o ensino médio.

Do total de 4,3% referentes a categoria superior completo, 3,1% (corresponde a 72% do total) são católicos que afirmam ter nível superior completo, são seguidos a distância pelos evangélicos, espíritas e candomblecistas com 7% cada um, os demais e outros não tiveram grande representatividade .

Prosseguindo com a análise do desenvolvimento social no EVF, ainda na categoria educação, faz-se necessário estabelecer as relações entre as instituições religiosas e o tipo instituição educacional (pública ou privada) que os residentes fazem uso.

Tabela 7 – Comparação entre a instituição de ensino em que os indivíduos cursam o ensino fundamental e médio com tipo de religião entre os moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010

Religião	Instituição de ensino em que cursou o ensino fundamental e médio					Total
	Todo em escola pública	Todo em escola particular	A maior parte em escola pública	A maior parte em escola privada	Outros	
Católica	47,4 (64)	2,1 (55)	9,5 (61)	2,8 (57)	0,8 (44)	62,6
Evangélica	11,3 (15)	0,8 (21)	2,1 (13)	1,3 (26)	0,8 (44)	16,2
Espírita	2,1 (3)	0,0	0,3 (2)	0,3 (6)	0,0	2,6
Candomblé	4,1 (5)	0,3 (8)	1,0 (6)	0,3 (6)	0,0	5,6
Judaica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Islâmica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outros	3,1	0,5	1,0	0,0	0,3	4,9
Sem religião	5,9	0,3	1,8	0,3	0,0	8,2
Total	73,8	3,8	15,6	4,9	1,8	100,00

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

A relação entre opção religiosa e escolaridade constitui relevante condição para o aprofundamento das reflexões acerca do desenvolvimento social. As informações obtidas pela análise dos dados pesquisados disposto na tabela 05, corroboram com a ideia de que os pertencentes à religião católica estão em maior número em todas as variáveis educacionais analisadas, correspondendo a um total de 62,6% dos entrevistados.

Na categoria, todo em escola pública, do total de 73,8% os católicos somam 47,4% (que corresponde a 64% do total) concluindo que essa população faz mais uso desse serviço público. Por outro lado, os pertencentes à instituição religiosa de matriz africana, representam 4,1% (que significa 5% do total).

A próxima tabela favorece uma análise mais detalhada do perfil educacional da população do EVF. Nesta, estão descritas os níveis de escolaridade a partir da distribuição quanto a 'raça'.

Tabela 8 – Comparação entre o nível de escolaridade com a designação de raça/cor entre os moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010

Raça/cor	Nível de escolaridade (%)						Total
	Sup. com.	Sup. incom.	Médio com.	Médio incom.	Fund. com.	Sem Escolaridade	
Branca	0,5 (10)	2,3 (19)	4,0 (11)	2,3 (10)	1,3 (5)	0,0	10,3
Parda	1,0 (20)	4,5 (36)	14,8 (42)	7,3 (33)	5,8 (24)	0,8 (44)	34,1
Negra	3,5 (70)	4,8 (39)	15,8 (45)	10,5 (48)	13,5 (56)	1,0 (55)	49,1
Indígena	0,0	0,0	0,0	0,3 (1)	0,0	0,0	0,3
Amarela	0,0	0,0	0,0	0,8	0,5	0,0	1,3
Não declarou	0,0	0,8	0,3	0,8	2,5	0,0	4,3
Outros	0,0	0,0	0,5	0,0	0,3	0,0	0,8
Total	5,0	12,3	35,3	21,8	23,8	1,8	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Sendo o EVF um bairro cuja maior parte de sua população é oriunda da “raça” negra, conforme tabela 04, é natural e perfeitamente aceitável que seja esta população a mais expressiva quando se trata em níveis percentuais³¹.

Contudo, verifica-se a partir das análises junto à tabela que a população que se declara parda, também está em níveis percentuais muito próximos dos que afirmam pertencer a “raça” negra e que em algumas variáveis são praticamente imperceptíveis as desigualdades, como é o caso do item superior incompleto.

Do total de 12,3% referente a categoria superior incompleto, os declarantes pardos somam 4,5% (que representa 36% do total da categoria), os que afirmam ser negros por sua vez, totalizam 4,8% (que representa 39% do total), a diferença entre as duas variáveis nessa categoria é algo muito sutil e pouco representativo.

A tabela seguinte faz referência à renda dos moradores no EVF, este item da pesquisa consiste em evidenciar o nível do desenvolvimento econômico social desta população, distribuída pela “raça” das pessoas.

Comparando a renda média mensal e familiar com a designação de raça observa-se que as pessoas cuja “raça” declarada é negra possuem os melhores rendimentos, como consta de forma destacada no quadro 01. Por outro lado, nesta mesma tabela está disposta a informação que os declarantes da raça negra, são a maioria quando observada a variável menos de um salário mínimo, em seguida

³¹ Para a realização efetiva desta reflexão deve-se considerar, sempre, os níveis percentuais que cada “raça” representa na totalidade da população residente no bairro EVF.

estão os pardos e brancos, isto é possível, visto que a população negra é a predominante neste bairro.

Vale ressaltar que as pessoas que declararam ser da “raça” parda, possuem rendimento mensal considerável, quando a faixa salarial é a partir de 2 salários mínimos.

A população que afirma ser da “raça” branca (é minoria em relação a parda e principalmente a negra) corresponde a um total de 10,3%, sendo que 3,1% recebe menos que um salário mínimo.

Tabela 9 – Comparação entre a renda mensal com a designação de raça/cor entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010

Raça/cor	Renda mensal - em salários mínimos (%)					Total
	Menos que 1	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 3 e 4	Acima de 4	
Branca	3,1 (19)	5,2 (9)	1,8 (12)	0,3 (9)	0,0	10,3
Parda	7,2 (33)	22,0 (38)	3,4 (23)	0,5 (15)	0,5 (28)	33,3
Negra	9,8 (45)	27,6 (47)	8,8 (60)	2,1 (62)	1,3 (72)	49,6
Indígena	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,3
Amarela	0,5	0,5	0,0	0,0	0,0	1,0
Não declarou	1,0	2,1	0,8	0,5	0,0	4,4
Outros	0,0	0,8	0,0	0,0	0,0	0,8
Total	21,7	58,4	14,7	3,4	1,8	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Outro fato de significativa relevância consiste em evidenciar que apenas 1,8% (negros e pardos) dos moradores do bairro possuem rendimentos acima de quatro salários mínimos. Desses, 1,3% dos declarantes, são pertencentes a “raça” negra e correspondem a 72% do total que possui rendimento mensal superior a 4 salários mínimos, os pardos representam 5% o que significa 28% do total, os demais e outros não tiveram nenhuma representatividade, conclui-se dessa forma que apenas os que afirmam ser negros e pardos possuem rendimentos mensais superiores a 4 salários mínimos.

Dos 21,7% referentes à categoria menos que 1 salário mínimo, as pessoas que declararam ser negras somam 9,8% (corresponde a 45% do total), seguidos pelos pardos 7,2% (corresponde a 33% do total) e pelos brancos 3,1% (corresponde a 19% do total).

Por essas análises, verifica-se que embora a população pertencentes a “raça negra” e a parda sejam as únicas com rendimento superior a 4 salários mínimos

mensais, a sua maioria em termos de populacionais possuem rendimentos inferior a 1 salário mínimo mensal.

Conclui-se dessa forma que, embora o bairro esteja localizado em uma área importante para o tecido social urbano da cidade do Salvador, sua população é predominantemente de baixa renda e de baixa escolaridade, salvos alguns casos de maior representatividade.

Quando analisados os dados referentes a “raça” e a renda familiar mensal, constata-se que nas variáveis entre dois e três salários mínimos, até a variável acima de quatro salários, a população declarante negra e parda estão em níveis percentuais muito próximos, fato que não se observa nas demais “raças”.

Tabela 10 – Comparação entre a renda familiar mensal com a designação de raça/cor entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010

Raça/cor	Renda familiar mensal - em salários mínimos (%)					Total
	Menos que 1	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 3 e 4	Acima de 4	
Branca	1,0 (15)	2,3 (7)	3,8 (11)	2,3 (16)	1,0 (10)	10,4
Parda	1,0 (15)	11,4 (33)	12,9 (37)	5,6 (40)	3,0 (31)	33,9
Negra	4,3 (66)	17,7 (51)	16,7 (47)	5,6 (40)	4,8 (50)	49,1
Indígena	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,3
Amarela	0,3	0,3	0,5	0,3	0,0	1,3
Não declarou	0,0	2,0	1,3	0,3	0,8	4,3
Outros	0,0	0,8	0,0	0,0	0,0	0,8
Total	6,6	34,7	35,2	13,9	9,6	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Do total de 9,6% referente a categoria, acima de 4 salários mínimos, a população declarante pardas soma 3% (que representa 31% do total) e os referentes a “raça negra” representam 4,8% (que significa 50% do total), esses números evidenciam uma maior concentração de renda mensal familiar nos pertencentes a “raça negra”, seguidos pelos pardos, os brancos e os outros tiveram pouca representatividade nessa categoria.

Na categoria, entre e 3 e 4 salários mínimos, verifica-se a igualdade entre os pardos e os negros, ambos totalizam 11,2% (que representa 80% do total de 13,9%)

Tabela 11 – Relação entre a renda mensal e tipo de religião entre os moradores do Engelho Velho da Federação, em 2010

Religião	Renda mensal - em salários mínimos (%)					Total
	Menos que 1	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 3 e 4	Acima de 4	
Católica	15,0 (70)	34,6 (59)	10,0 (67)	1,8 (62)	1,0 (55)	62,5
Evangélica	3,1 (14)	9,4 (16)	2,6 (17)	0,5 (17)	0,3 (17)	16,0
Espírita	0,5 (2)	1,8 (3)	0,0	0,0	0,3 (17)	2,6
Candomblé	1,0 (5)	3,1 (5)	1,3 (9)	0,3 (10)	0,0	5,8
Judaica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Islâmica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outros	1,0	3,7	0,3	0,0	0,0	5,0
Sem religião	0,8	6,0	0,8	0,3	0,3	8,1
Total	21,5	58,8	15,0	2,9	1,8	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

Renda mensal e opção religiosa, figuram como significativos elementos para se obter uma efetiva compreensão da população do EVF. Nota-se na tabela 05 que aproximadamente 45% dos católicos encontram-se na faixa de renda de 1 a 3 salários mínimos, seguidos pelos evangélicos com cerca de 12% e o candomblé por 4%³².

Um fato relevante nesta tabela e que precisa ser destacado, consiste na análise do número expressivo de pessoas que têm rendimento inferior a um salário mínimo, que totaliza 21,5% da população total entrevistada, este resultado reafirma a ideia de que o EVF, embora, possa ser considerado um bairro central e de relevância histórico-cultural diante dos demais que integram a cidade do Salvador, possui características que indicam baixos índices de desenvolvimento econômico social.

Na categoria, menos que 1 salário mínimo, os católicos somam 15% (representando 70% do total de 21,5%), essas pessoas estão em condições proporcionais muito inferiores em relação aos demais segmentos religiosos.

A reflexão acerca do desenvolvimento econômico social representa uma forma pela qual se faz possível identificar e analisar o perfil cultural e econômico dos residentes do EVF. Esta análise consiste, essencialmente, na busca de subsídios necessários para a compreensão desse território singular e plural por natureza.

Portanto, a reflexão sobre o nível de satisfação dos moradores não poderá deixar de ser realizada, nesta análise estão relacionadas as considerações acerca

³² Deve-se ressaltar a devida correspondência entre os níveis totais dos seguidores religiosos afim de não se cometer equívocos na interpretação dos dados obtidos pela pesquisa.

do serviço de segurança pública desenvolvido no bairro pelas policias civil e militar, e os níveis de satisfação dos moradores com o lugar.

Tabela 12 – Comparação entre nível de satisfação com a vida no bairro e a segurança entre os moradores do Engelho Velho da Federação no ano de 2010

Segurança no bairro	Nível de satisfação com a vida no bairro					Total
	Altamente satisfeito	Satisfeito	Indiferente	Insatisfeito	Latamente insatisfeito	
Muito boa	0,5 (20)	0,8 (3)	0,0	0,0	0,0	1,3
Boa	0,5 (20)	3,6 (15)	0,3 (3)	0,0	0,0	4,3
Razoável	0,5 (20)	7,9 (33)	3,1 (30)	1,8 (4)	0,5 (2)	13,7
Ruim	0,0	7,1 (30)	4,1 (40)	16,0 (41)	2,5 (10)	29,8
Muito ruim	0,8	4,3	1,5	21,1 (53)	20,4 (85)	48,1
Sem opinião	0,3	0,3	1,3	0,5	0,5	2,8
Total	2,5	23,9	10,2	39,4	23,9	100,0

Fonte: pesquisa de campo realizada por Ueliton Lemos

O quadro acima traz, de forma clara, tanto os níveis de satisfação dos moradores junto ao lugar em que vivem, quanto a percepção destes no que se refere às instituições policiais que prestam serviço publico de segurança no bairro.

Os números dispostos nestas variáveis confluem para uma mesma situação, eles concentram seu maior percentual nos itens: insatisfeito e altamente insatisfeito, corroborando com a percepção acerca do serviço de segurança pública realizado no bairro, afirmando ser muito ruim.

Os 23,9% referentes à categoria, altamente insatisfeito, 20,4% (que corresponde a 85% do total) afirmam está muito ruim o serviço de segurança pública prestado no bairro. Por outro lado, na categoria altamente satisfeito, 0,5% (que corresponde a 20% do total de 2,5%) declaram que o serviço de segurança no bairro é muito bom.

Essas análises afirmam uma necessidade local, o bairro segundo os seus residentes possuem sérias deficiências estruturais, sobretudo no que se refere ao serviço de segurança prestado pelos órgãos públicos estaduais.

O EVF dispõe, atualmente, de policiamento através da modalidade radio patrulhamento, desenvolvido pela Policia Militar, no qual esses agentes da lei devem realizar rondas diuturnamente pelo local, o Sr. Delson Manoel (Pastor responsável pela Igreja Internacional da Graça de Deus) quando entrevistado, informou que

acerca de, aproximadamente, dois anos funcionava um módulo policial³³ na praça do Bogun (final de linha do bairro), este aparelho policial teria sido dinamitado por traficantes locais, em represália a ações da Secretaria de Segurança Pública (SSP-BA), no combate ao comércio ilegal de drogas e entorpecentes, o módulo policial continua até os dias de hoje, inativo, (atualmente, o espaço é utilizado por um cidadão que fez dos escombros uma barraca, na qual são comercializados CDs e DVDs ilegítimos) não houve nenhuma tentativa de recuperação ou revitalização por parte da instituição policial, ou mesmo do poder público estadual.

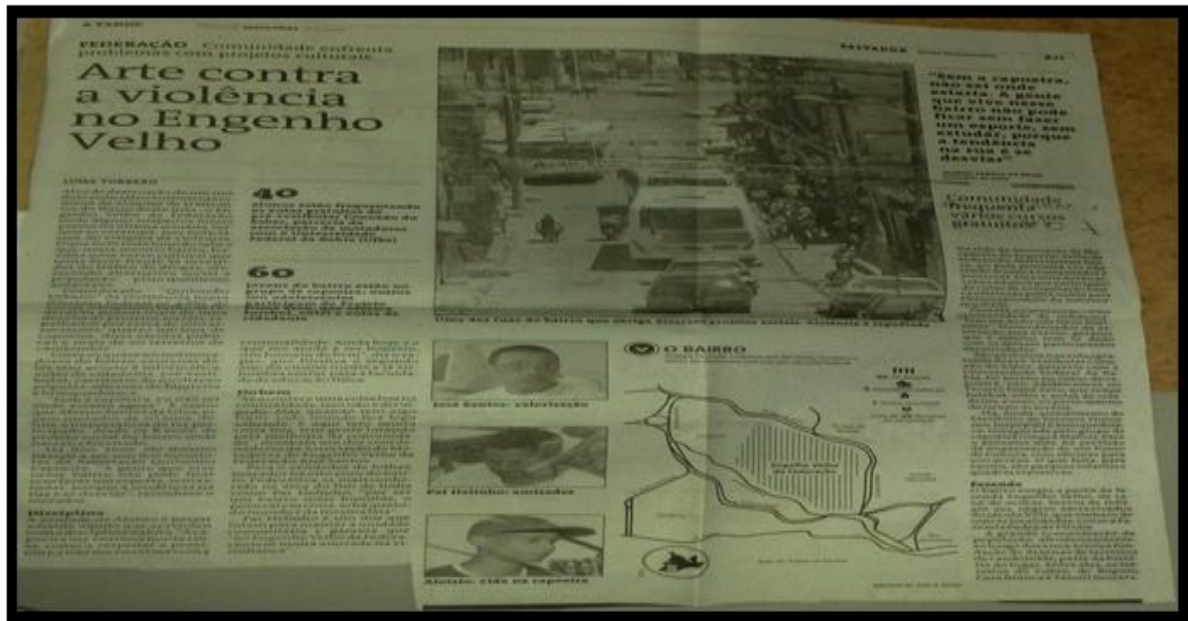
As palavras do pastor Delson confluem para o mesmo entendimento do pastor Claudio (Igreja Batista Lírrio dos Vales), este, prossegue seu relato, informando que as rondas realizadas no bairro acontecem apenas nas ruas e avenidas principais, onde é possível transitar com as viaturas e dificilmente estes policiais adentram as baixadas e vales, os locais onde ocorrem de fato o comércio e a violência no bairro.

Quanto a policia civil, o mesmo pastor informa que o bairro do EVF faz parte da jurisdição da 7ª CP – Rio Vermelho e que esses policiais apenas vem ao bairro para fazer os levantamentos cadavéricos e que uma simples ocorrência como uma solicitação de pericia torna-se algo impossível ou de difícil realização.

Todas estas informações recolhidas, através de diálogos estabelecidos com esses moradores e tantos outros ao longo do desenvolvimento deste trabalho, culminam efetivamente com os resultados acima demonstrados.

Abaixo, segue alguns recortes de jornais de grande circulação na cidade e que em determinados momentos tiveram o EVF como protagonistas de suas principais notícias.

³³ Módulo policial: tipo de policiamento em que um único policial militar permanece diuturnamente no local em regime de escala de serviço (12hr de trabalho por 24hr de descanso), tem como objetivo agilizar na resolução dos problemas que possam ocorrer no local.



Recorte de jornal 7 – Artigo do jornal A Tarde, evidenciando a arte como meio alternativo para o combate da violência no EVF, 18 de setembro de 2009
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos



Recorte de jornal 8 – Artigo do jornal A Tarde evidenciando os acontecimentos violentos no bairro EVF, em 26 de julho de 2008
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

A violência no bairro, ainda, é uma realidade, a ausência de políticas sérias dá margem e propicia o surgimento de acontecimento desta magnitude, os moradores do lugar buscam alternativas, através de ações culturais e de lazer, tentam transformar esta realidade, a este exemplo segue uma matéria do jornal A Tarde.



Recorte de jornal 10 – Artigo do jornal A Tarde evidenciando a produção cultural artística do bairro, 26 de fevereiro de 2009
Fonte: acervo da Fundação Gregório de Matos

Outra dificuldade enfrentada no EVF consiste nas poucas linhas de transportes coletivos, ofertadas a população, embora possa ser considerado um bairro central devido sua localização no tecido social urbano da cidade, sua acessibilidade está restrita as linhas de ônibus: Nazaré, São Caetano e Conjunto Pirajá. Este serviço é prestado, exclusivamente, pela Av. Apolinário de Santana (via principal de acesso ao bairro).

As pessoas que residem nas baixadas e vales precisam aventurar-se em escadarias mal conservadas e que não oferecem condições de segurança para seu uso, estas pessoas precisam chegar às avenidas principais ou se preferirem devem caminhar até a Av. Vasco da Gama para poder ter acesso a uma maior variedade de transportes coletivos.

A reflexão sobre o desenvolvimento social do EVF consistiu em demonstrar que, embora, as dificuldades sejam uma realidade, a população busca através de ações individuais ou coletivas sanar estas demandas sociais. Por isso, verifica-se facilmente pela quantidade de entidades que atuam na localidade.

INSTITUIÇÕES PRIVADAS	PRINCIPAIS ATIVIDADES
Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcanti	Prevenção a DST entre usuários de SPA (substâncias psicoativas)
Associação de Capoeira Moenda	Curso de capoeira para jovens e adolescentes com capacitação
Academia de Halterofilismo Muscle & Muscle	Formação de atletas fisiculturistas e halterofilistas
Associação Desportiva Recreativa Flamengo Esporte	Prática de esportes e palestras educativas
Associação Carnavalesca Bloco Proibido Proibir	Organiza e desenvolve atividades culturais e artísticas na comunidade
Associação Cultural e Defesa da Ladeira João de Deus	Desenvolve projetos de integração entre as demais associações locais
Associação de Mulheres do Engenho Velho da Federação – AMEFV	Cursos de artesanato e palestras educativas
Associação Educarte Capoeira	Cursos de capoeira, maculelê, samba de roda e puxada de rede
Associação Quilombo Capoeira	Capoeira e dança afro
Associação São Jerônimo	Realização de festas da terceira idade
Associação Sociedade Beneficente de Defesa e Recreativa dos Moradores do Engenho Velho da Federação	Desenvolve projetos em parceria com FCCV/UFBA e Fundação José Silveira
Centro Cultural e Recreativo Bom Bocado	Iniciação musical e reforço escolar
Cooperativa de alimentos Engenho Doce-COPAED	Parceiro da Casa de Apoio ao Portador de Câncer
Creche e Escola Tia Bena	Alfabetização de crianças da comunidade
Creche Escola Passo a Passo	Alfabetização de crianças da comunidade
Escola Amélio Cruz	Educação Infantil e ensino fundamental
Escola Belo Prazer	Educação de crianças da comunidade
Escola Cuca Legal	Educação de crianças com atividades esportivas

INSTITUIÇÕES PRIVADAS	PRINCIPAIS ATIVIDADES
Escola de Dança Swing Dance	Projeto alternativo com crianças e adolescentes da comunidade
Escola Futuro da Criança	Educação de crianças da comunidade
Escolinha Tailândia	Ensino Fundamental
Escritório Popular de Mediação – JUSPOPULI	Atendimento ao público para resolução de conflitos e encaminhamento a outras instituições
Grupo Cultural de Dança Eclipse	Curso de dança e palestras educativas
Grupo Culto de Oração	Instituição de culto e oração cristã
Grupo Cultural Tambores de Engenho	Atividades culturais locais
Colégio Henriqueta Martins Catharino	Ensino médio
Colégio Pe. José de Anchieta	Ensino fundamental
Escola Municipal Engenho Velho da Federação	Ensino fundamental

Quadro 4 – Demonstrativo de instituições público/privadas do EVF, em 2006

Fonte: AMOEVF - elaboração Ueliton Lemos

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A COMPLEXIDADE TRIALÉTICA CONCEITUAL APLICADA À REALIDADE CONJUNTURAL DO ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

A relação estabelecida entre o território, a identidade e o desenvolvimento social no bairro do EVF, especialmente no seu miolo (parte central), favoreceu a percepção de suas potencialidades e a demonstração de espaços identitários sociais, que podem contribuir à valorização da comunidade local, em relação ao tecido social urbano da cidade do Salvador, como também a relação, cada vez mais, consciente com o espaço social e ao reconhecimento da necessidade de valorizar as origens, tanto devido a emergência da preservação do legado cultural em suas diversas manifestações, quanto devido ao conjunto simbólico de significados dedicados pela comunidade local.

O objetivo fundamental dessa dissertação consistiu em realizar reflexões acerca da formação do bairro do Engenho Velho da Federação, a partir do século XIX até a contemporaneidade, buscando ressaltar os processos identitários e as relações socioeconômicas deste território como parte do contexto da cidade do Salvador.

Assim, foi iniciado um trabalho de pesquisa histórico espacial, que resultou na obtenção de informações sobre a origem do bairro, como sendo o resultado de insipientes loteamentos de duas grandes fazendas, em uma área que possui topografia bastante acentuada (grandes vales, baixadas e cumeadas).

Quanto à distribuição e ocupação das pessoas no território foi constatado que houve influência da geografia do lugar, podendo, inclusive, ser considerada uma espécie de topografia econômica-social, na qual as famílias com maior poder aquisitivo ocuparam as partes altas, restando os demais espaços, para os menos favorecidos. Este fato social é facilmente percebido pelo simples caminhar no bairro, pois, na parte alta é possível transitar livremente e observar casas com certo padrão de acabamento (reboco, pintura, etc.). Nas baixadas e nos vales, observa-se as dificuldades que vão desde a ausência de ruas largas, o suficiente, para o trânsito de veículos, até o alto nível de adensamento populacional, nos quais as casas, em

sua expressiva maioria, expõem suas paredes cruas e sem reboco, sobrepostas umas as outras, evidenciando um emaranhado de construções irregulares.

Ficaram estabelecidos os limites fronteiros do bairro, indicando inclusive os bairros circunvizinhos, fato que favorece a identificação das dificuldades e justifica a necessidade de se buscar desenvolver atividades que tenham escopo fundamental na melhoria da qualidade de vida das pessoas residentes no local.

A identificação territorial do bairro constitui um fator preponderante para análise de alguns itens relativos ao desenvolvimento social que essa dissertação buscou investigar. Desta forma, ficou concluso que se trata de uma localidade na qual as pessoas, de uma forma geral, são, predominantemente, de baixa renda e carentes em diversos anseios sociais, desde o básico na segurança pública, até o acesso digno a prática de esportes e a espaços culturais, pois no EVF, são inexistentes equipamentos públicos como: praças de passeio, quadras de esportes, etc.

Contudo, embora com todas essas ausências de atributos públicos sociais, as pessoas residentes do EVF busca, na medida do possível, estar organizadas em forma de entidades e instituições sociais, oferecendo a população diversos serviços, desde aulas de teatro, capoeira, até a promoção de eventos, festas e bazares.

Com essas ações livres e espontâneas, as pessoas estabelecem relações consigo, com os outros e com o lugar em que vivem, desenvolvendo assim, um elo identitário de afetividade autêntica. Este fenômeno foi demonstrado em páginas anteriores, na qual as pessoas embora estejam insatisfeitas com as condições em que se encontra o bairro, elas afirmam, categoricamente, se identificarem com o lugar e não demonstram nenhum interesse em sair da localidade.

Em síntese, os objetivos geral e específicos dessa dissertação foram integralmente alcançados de forma processual e, sobretudo, substancial. O diálogo multi-inter-transdisciplinar possibilitou uma compreensão sistêmica e holística da realidade conjuntural. A análise do território, da identidade e do desenvolvimento social do EVF, possibilitou uma efetiva compreensão desta realidade, o que não significa a possibilidade da existência de novos olhares, visto que o olhar é de quem observa e quem observa retrata o objeto tal qual ele nos aparece e dialoga em um movimento dialógico recíproco e imediato.

As perspectivas propostas por Milton Santos, Edgar Morin, Pedro Vasconcelos, Rogério Haesbaert, Fritjof Capra, Arcangelo Buzzi, Marcelo Lopes e tantos outros foram verdadeiras companheiras, que oportunizaram o entendimento integrado/integrador da realidade estudada. Possibilitaram a compreensão de que dentre os diversos saberes que são postos, constam aqueles conquistados pelo sentimento de comunidade, oriundo de relações espontâneas para com o outro, para com o entorno social, para com o próprio ser.

O EVF representa um espaço geográfico-social repleto de dinamismo e subjetividade, que anseia superar suas dificuldades, típicas de um bairro de baixa renda. Sua representação religiosa-cultural pode ser uma importante alternativa na resolução destas dificuldades. Para tanto, é preciso que se observe o legado das religiões de matrizes africanas existentes no bairro como um real potencial econômico social e cultural.

Portanto, conclui-se nessa dissertação a existência de um efetivo território chamado EVF, que possui uma essência identitária cultural expressa pelas pessoas residentes do lugar, e que por fim, tem-se, certo, nível de desenvolvimento social, embora, este último, ressalte a necessidade de se buscar meios que venham fortalecer e oferecer melhores condições de vidas as pessoas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A.; CASTRO, G. (Org.) **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ALVES, L. R.; CARVALHO, Marcelo. (Org.). **Cidades, identidades e gestão**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2008.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DA RMS. Salvador: CONDER/INFORMS/SIED, 2006.

ARDUINI, J. **Antropologia: ousar para reinventar a humanidade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

ARAÚJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. **Identidades e territórios**. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007.

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BAUMAN, Z. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BETTO, F. Indeterminação e complementariedade: com as utopias em crise, a física quântica contribui para a formação de novos paradigmas". Interfaces. Volume 1o., no.1, Julho- Dezembro, 1997 in ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A.; CASTRO, G. (Org.) **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **O socialismo utópico**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Que es el Hombre ?** México: Fondo de Cultura Económica, 2000a.

_____. **Eu e TU**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 2000b.

BUZZI, A. R. **Introdução ao pensar**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **A identidade humana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARBONARI, A. L. **Direito a identidade e cidadania**. Porto Alegre: Nuria Fabris, 2009.

CARLOS, Ana Fani A. **(Re)Produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CASTELLS, M. **Cidade democracia e socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008a.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2008b.

CHAVES, C. M. G.; SILVEIRA, M. A. **Território, conflito e identidade**. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

ESTEVES, M.; URIARTE, U. M. (Org.). **Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade**. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2008.

FONT, J. N.; RUFÍ, J. V. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: ANNABLUME, 2006.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FROMM, E. **Análise do homem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

FROMM, E. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em:
<<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 29 out. 2009.

GALANTINO, N. **Dizer homem hoje: novos caminhos da antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 2003.

GARCIA, A. S. **Desigualdades e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade D'Oxum e Rio de Janeiro cidade de Ogum**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GIDDENS, A. **A terceira via e seus críticos**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O mito da desterritorialização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2009.

HISSA, C. E. V. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, T. F. e MILANI, C. R. S. (orgs). **Compreendendo a complexidade sócioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 18-54, 2009

KUTSCHERAUER, H O. **A ética do amante**. Salvador: Arcádia, 2003.

LEAL, G. **Perfis urbanos da Bahia**. Salvador: Santa Helena, 2002.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2008a.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Entre nós, ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MAPEAMENTO DOS TERREIROS DE SALVADOR. Disponível em:
<<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config>>. Acesso em: 28 out. 2009.

MATHEWS, G. **Cultura global e identidade individual**. Bauru: EDUSC, 2002.

MOMDIN, B. **O Homem, Quem é Ele? Elementos de antropologia**. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MORIN, E.; MOIGNE, J-L Le. **Inteligência da complexidade epistemologia e pragmática**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

MORIN, E.; PRIGOGINE, I. **A sociedade em busca de valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **O método 5 a humanidade da humanidade: a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, R. C. **Caminhos da identidade**. São Paulo: UNESP, 2006.

PARÉS, L. N. **A formação do Candomblé história e ritual da nação jeje na Bahia**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007

PUJALS, J. M. **As novas fronteiras da identidade: um caso concreto, Catalunha**. São Paulo: Institut Ramon Llull, 2008.

RIBEIRO, M T. F.; MILANI, C. R. S. (Org.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Carlos J. Ferreira. **Identidade urbana e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

SANTOS, E. F. **O poder dos Candomblés**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, M.; BECKER, B. K. (Org.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. São Paulo: Lamparina, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil, território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador**. São Paulo: EDUSP, 2008a.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008b.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: EDUSP, 2008c.

_____. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: EDUSP, 2008d.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2008e.

_____. **O espaço dividido**. São Paulo: EDUSP, 2008f.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2008g.

_____. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: EDUSP, 2008h.

SERPA, A. (Org.). **Cidade popular, trama de relações sócio-espaciais**. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, C. A. da.; FREIRE, D. G.; OLIVEIRA, F. J. G. de. **Metrópole**: Governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2006.

SILVA, V. G. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade: a formação social negro-brasileiro. Salvador: Fundação cultural da Bahia, 2002 in: PARES, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé**: história e ritual jeje na Bahia. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SOUZA, A. G. **Limites do habitar**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA, M. J. L. O Bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 139-172, 1989.

_____. **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **ABC do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TEIXEIRA, C. **Salvador era assim**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1999. P 53 – 59.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia**. Espanha: Melusina, 2007.

VASCONCELOS, P. A. O Rigor no uso das noções e conceitos na geografia urbana. **Revista Cidades**, Salvador, v.6, n. 10, 2009

_____. **Salvador**: transformações e permanências (1549/1999). Ilhéus: EDITUS, 2002.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA

Universidade Católica do Salvador.

Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação.

Mestrado em Planejamento Territorial e
Desenvolvimento Social

TERRITÓRIO, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL:

A COMPLEXIDADE DA DINÂMICA ESPACIAL

NO

ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

➤ **Roteiro para realização de entrevistas:**

- 1 – Quando foi fundado/inaugurado essa Instituição? (Igreja, Terreiro, Comércio).
- 2- Como é organizada a estrutura funcional da Instituição? (Igreja, Terreiro, Comércio).
- 3 – Qual a estimativa de associados/ clientes (quantidade)?
- 4 – Qual o perfil das pessoas que freqüentam essa Instituição? (residentes do lugar ou adjacências)
- 5 – Como a atividade desenvolvida por essa Instituição, influencia a vida das pessoas?
- 6 – Relate sobre a sua percepção acerca do bairro, enquanto morador local.

ANEXOS

ANEXO A – ESCRITURA DA FAZENDA MADRE DE DEUS



ESTADO DA BAHIA

PODER JUDICIÁRIO

REGISTRO DE IMÓVEIS E HIPOTECAS
PRIMEIRO OFÍCIO -SALVADOR-BAHIA

1.º - OFÍCIO DE INVESTIGAÇÃO

ENCOLHIMENTOS

CES 448.00

GUIA E. 01-03-22

OFICIAL

NÃO VALE COM RASURA

CERTIDÃO PASSADA A PEDIDO DO SR. ANTONIO LOPES FIGUEIRA,
NA FORMA ABAIXO DECLARADA:-:::~

JOÃO MARTINS DA COSTA NETO, OFICIAL TITULAR DO CARTÓRIO DO PRIMEIRO OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DESTA CAPITAL, NA FORMA DA LEI, ETC.

C E R T I F I C A, atendendo ao pedido supra e após re-
ver os livros antigos e as fichas atuais do REGISTRO GERAL e do RE-
GISTRO AUXILIAR, arquivados em Cartório, que, do Livro "3-E", fls.
208, consta a transcrição sob nº de ordem -5654-, datada de 21 de
fevereiro de 1916, pela qual o Sr. ANTONIO LOPES FIGUEIRA, adquiriu
por compra feita a MASSA FALIDA KELSCH E CIA., da qual era sócia so-
lidária D. MARIA CANDIDA VIANNA KELSCH, sendo a MASSA FALIDA repre-
sentada pelos liquidatários Figueiredo e Irmão e estes por Joaquim
Figueiredo, conforme Escritura Pública de 16 de fevereiro de 1916,
pelo Tabelião interino Dr. Jovino B. Leitão, - CINCO SÉTIMAS PARTES
de uma roça de terrenos próprios, situada à Estrada da Federação,
caminho do Rio Vermelho, no subdistrito da Vitória, zona urbana des-
ta capital, pertencendo as outras duas sétimas partes em comum, ao
Capitão Augusto Gomes Vianna, medindo o total das sete partes da ro-
ça uma área de 268.378 metros quadrados, igual a sessenta e uma ta-
refas quinhentas e cinquenta braças; tudo de acordo com a planta da
mesma roça, levantada pelo Engº Jayme David, e o respectivo memo-
rial explicativo pelo mesmo Engº apresentado, de onde consta as
suas respectivas confrontações, demarcações e divisas. - - - - -

C E R T I F I C A, finalmente, que as cinco sétimas partes do imóvel objeto desta certidão, se encontram livres e desembaraçadas de hipotecas e de outros quaisquer ônus. O referido é verdade, a que dou fé. Bahia, 26 de fevereiro de 1982. *Walter G. ...*

SUBOFICIAL SUBSTITUTO.

Secretaria da Justiça
S A J Mod. 001

Busca
Extração

ANEXO B – ESCRITURA DA FAZENDA ROÇA DO ENGENHO VELHO



PODER JUDICIÁRIO

1º OFÍCIO DE REGISTRO
SALVADOR BAHIA
ADILSON JACOB DE CARVALHO MARTINS
SUA OFICIAL DESIGNADO

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE REGISTRO
DE IMÓVEIS DESTA CAPITAL, na for-
ma da lei, etc:

CERTIFICA, eu Suboficial Designado do Cartório do 1º
Ofício de Registro de Imóveis desta Capital, consta, o Registro da -
ROÇA ENGENHO VELHO, situada à rua Vasco da Gama, antiga Estrada Dois-
de Julho, subdistrito da Vitória, desta Capital, com área total de -
226.526m², 2510, de topografia na maior parte acidentada, limitando-se
de um lado com a Vila Madalena, pertencente ao Sr. Telesforo Fernan-
dez, do outro lado com a rua 1ª de Janeiro e ao fundo com quem de di-
reito, tudo na conformidade com a planta apresentada, com cerca de -
300 rendeiros e duas casas cujas descrições se seguem: uma casa -
terrea medindo 3,60m de frente por 10,00m de frente a fundo, com uma
porta e duas janelas de frente, duas janelas na lateral, e, internamente
uma sala, um quarto, corredor e dois comoditos, sendo um com fogão, de
chão batido, construção de taipa, rebocada; uma dita, medindo 2,70m de
frente por 3,60m de frente a fundo, com uma porta de frente, e, inter-
namente, um comodo de chão e descoberta, construção de taipa, sem re-
bocos; que são proprietários da dita área antes descrita o Dr: HER-
MOGENES PRINCIPE DE OLIVEIRA e sua esposa Dª MARIA LAURA MARTINS CA-
THARINO DE OLIVEIRA, que, adquiriram por sucessão "Mortis-Causa", na
partilha dos bens deixados por falecimento de EDUARDO MARTINS CATHARI-
NO, conforme Formal de Partilha passado, em data de 03 de agosto de
1953, expedido pelo Juízo de Direito da 1ª Vara de Família, desta Ca-
pital, subscrito pelo Escrição Mário Ribeiro dos Santos, registrado
sob nº de ordem-15,132-, em data de 28 de fevereiro de 1953, no Lº
"3-0". Que, na maior porção dos terrenos que compõem a ROÇA ENGENHO
VELHO, foram levantadas diversas edificações de terceiros, as quais
foram averbadas com expresso consentimentos dos citados proprietários
do aludido terreno, e, também, foram efetuados diversos desmembramentos

desmembramentos de área menores para efeito de alienações, tudo conforme os respectivos atos averbatórios lavrados na matrícula nº 16.810, do RG 01, letras "A", "B" e "C" e dois (2) a 74, este último em data de 09 de junho de 1992: CERTIFICA, ainda, que, em data de 21 de maio de 1990, foi Av sob nº 59, na matrícula nº 16.810-, de acordo com os termos do Mandado expedido, em 27 de março de 1989, pelo Juízo de Direito da Vara de Acidentes do Trabalho e dos Registros Públicos, desta Capital, subscrito pela Subscritora Zaida Marita Martins dos Santos, de cujo Mandado uma cópia ficou arquivada nesta serventia, e extraído dos autos do processo de separação consensual do casal HERMOGENES PRINCIPAL DE OLIVEIRA e DA MARIA LAURA MARTINS CATHARINO DE OLIVEIRA, o imóvel antes descrito ficou pertencendo exclusivamente ao separado.:- CERTIFICA, finalmente, que, o possível remanescente dos terrenos da dita fazenda de que trata a presente Certidão se encontram livres e desembaraçados de ônus reais, inclusive com promissas de compras e vendas, cessões e promessas de cessões, penhoras, arrestos, sequestros, citações de ações reais e pessoais-reipersecutórias. O referido é verdade, a que dou fé. Bahia, 25-junho de 1992: [Assinatura] SUBOFICIAL DESIGNADO

PODER JUDICIÁRIO	
INST. PEDRO RIBEIRO DE ADM. JUDIC. - IPRAJ	
Valor da Taxa Cr\$	1.681,00
25 06 92	<u>[Assinatura]</u>
Assinatura do Responsável	

ANEXO C – MAPA CARTOGRÁFICO DA LOCALIDADE NO INÍCIO DA
OCUPAÇÃO TERRITORIAL

